

**Revista *Mulheres* (1978-1989): um estudo em torno do feminismo e do comunismo**

**Joana Nunes Henriques Camurça**

**Dissertação de Mestrado em História Contemporânea**

**Abril, 2015**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Contemporânea, realizada sob a orientação científica do  
Professor Doutor José Manuel Viegas Neves

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, o professor José Neves, desde logo porque foi a pessoa por trás da ideia desta tese, e pela disponibilidade demonstrada em discutir e reler este trabalho. Mas também pelo gosto que me despertou para certos temas e perspectivas da História, durante a minha licenciatura e o mestrado, e que extravasam esta dissertação.

Em segundo lugar, um agradecimento a todos os entrevistados que permitiram a realização desta tese. O prazer que tive em conhecer cada um não cabe nestas páginas. À Maria Teresa Horta, que me recebeu amavelmente em sua casa. Ao Domingos Abrantes, pela prontidão e clareza demonstradas. À Leonor Nunes que me recebeu no seu local de trabalho com a redacção do Jornal de Letras. À Helena Neves que para além da entrevista concedida, as muitas conversas informais que tivemos e a disponibilidade em deixar-me consultar os números da Mulheres Magazine e outros materiais da actividade da revista.

Quero agradecer aos amigos e colegas da faculdade com quem convivi, e partilhei opiniões, dúvidas e frustrações, que sempre mostraram interesse e me animaram, depositando em mim e neste trabalho, tantas expectativas, que espero não desapontar. Um agradecimento especial ao Viais, meu amigo de longa data.

Finalmente, agradeço à minha mãe e ao meu pai, que me proporcionaram as condições materiais e afectivas que permitiram a realização desta dissertação. Bem como a paciência nos momentos de maior cansaço.

## **Revista *Mulheres* (1978-1989): um estudo em torno do feminismo e do comunismo**

**Joana Nunes Henriques Camurça**

### **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo, comunismo, género, classe, anos 80

Este projecto de investigação teve como aspiração analisar as articulações e desconexões em torno das categorias de classe e género, em diálogo com a dicotomia igualdade versus diferença, e centrando-nos no estudo da revista da *Mulheres*. A história desta permite-nos compreender melhor as imagens dominantes da mulher portuguesa nos anos 80, sendo que o projecto da revista opera uma dupla recusa: por oposição ao passado, recusa-se a imagem da mulher conservadora vinculada pelo fascismo português e o catolicismo; e por oposição ao capitalismo, recusa-se a imagem da mulher «liberalizada».

Neste sentido, procedemos numa primeira parte, à história da revista e do meio em que se relaciona. Numa segunda parte, procedemos a uma análise dos conteúdos da revista a partir das categorias de trabalho e cultura. E, finalmente numa terceira parte, desenvolvemos uma reflexão mais crítica sobre o sujeito «mulheres» e as representações na política.

### **Abstract**

**KEYWORDS:** Feminism, communism, gender, class, the 1980s

The present research project focuses on the analysis of the dichotomy equality-difference in distinct categories of class and gender by using the magazine *Mulheres* as the object of study. The history of this magazine allows us to better understand the dominant image of Portuguese women in the 1980s. The analysis of this magazine reveals on one hand, and as opposition to the past, the image of a conservative woman still influenced by the Portuguese fascism and Catholicism but, on the other hand, as opposition to the capitalism, refuses the image of a “liberalized” woman.

In the present work we will first describe the history of this magazine and the environment influencing it. Secondly, the contents of the working and culture sections of this magazine will be analysed. Thirdly, in this context, we will think over the subject “woman” and its representation in politics.



## Índice

Introdução .....	1
Parte I – Introdução a <i>MULHERES</i>	
Capítulo 1: A revista e o meio .....	8
1.1. As Questões das Mulheres na Agenda Política .....	13
Capítulo 2: A história da revista .....	24
2.1. <i>Mulheres</i> , o Partido e o MDM .....	24
2.2. <i>Mulheres</i> , um espaço de debate .....	27
2.3. Duas visões diferentes mas coincidentes: Maria Teresa Horta e Helena Neves .....	33
2.4. <i>Mulheres</i> , <i>Magazine</i> e o Fim .....	35
Parte II – Uma revista de <i>classe</i> e uma revista de <i>género</i>	
Capítulo 1: As questões do trabalho .....	39
1.1. Da luta geral às lutas específicas das mulheres .....	39
1.2. Dos trabalhos específicos das mulheres aos estereótipos profissionais .....	45
1.3. Trabalho doméstico – Trabalho não-assalariado .....	49
Capítulo 2: As questões culturais .....	54
2.1. “ <i>Iguais sim, mas diferentes</i> ” .....	54
2.2. «Direito ao Corpo» .....	56
2.3. Crítica dos lugares-comuns atribuídos à Mulher .....	62
2.4. A produção cultural de massas e a mercantilização da mulher .....	72



### Parte III – A *política* de *Mulheres*

Capítulo 1: Sujeito Mulheres .....	85
1.1. Mulheres na política .....	91
1.2. A luta pela Paz .....	94
Conclusão .....	98
Fontes e Bibliografia .....	101
Lista de Figuras .....	106
Lista de Siglas Utilizadas .....	108

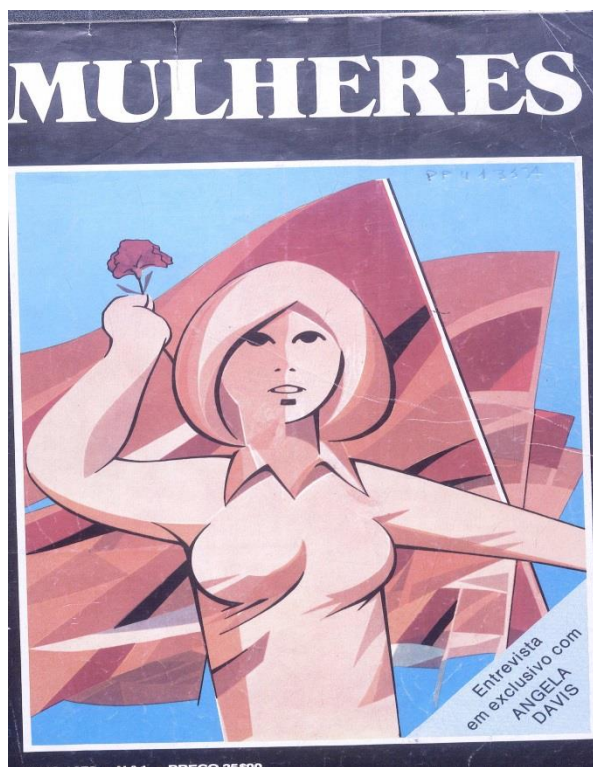


Figura 1. Capa do primeiro número. *Mulheres*, nº 1, Maio de 1978



Figura 2. Capa. *Mulheres*, nº 87, Julho de 1986

**Espaço Mulheres** /

# PRODUTOS À VENDA



T-Shirts (várias cores) com símbolo feminista — 370\$00



Sacos com símbolo feminista — 350\$00

*horário de funcionamento*

De segunda a sexta-feira,  
das 15 às 19 horas.  
Morada:  
Rua Pedro Nunes, 9-A  
(Picoas)

**ESPAÇO MULHERES** ♀

36

Figura 3. Publicidade ao Espaço Mulheres. *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986

**Espaço Mulheres** /

# PRODUTOS À VENDA



Poster da pintora Graça Moraes — 750\$00



Símbolos feministas (cor-de-rosa e azul) — 300\$00



Isqueiros — 130\$00 • Canetas — 80\$00 e 180\$00

**ESPAÇO MULHERES** ♀

Figura 4. Publicidade ao Espaço Mulheres. *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986



Figura 5. Secção de cartoon, «Rosa». *Mulheres*, nº2, Junho de 1978



Figura 6. Secção de cartoon, «Rosa». *Mulheres*, nº12, Abril de 1979



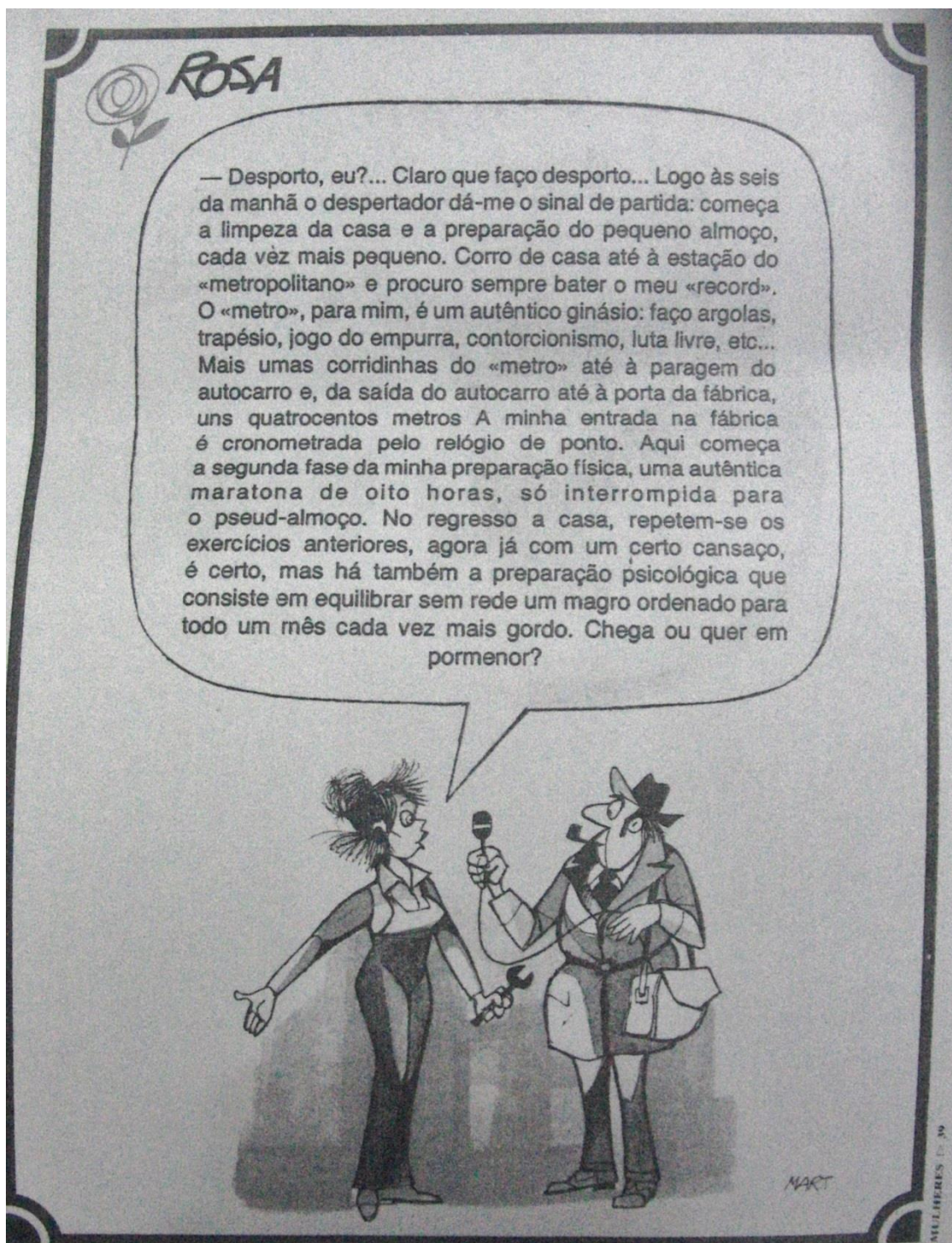


Figura 7. Secção de cartoon, «Rosa». *Mulheres*, nº10, Fevereiro de 1979



# **RITA E CAMILA**



Madalena Raimundo

MULHERES ▴ 33

Figura 8. Secção de banda desenhada, «Rita e Camila». *Mulheres*, nº2, Junho de 1978



# CAMPAÑA DE ASSINATURAS

Renove a sua assinatura

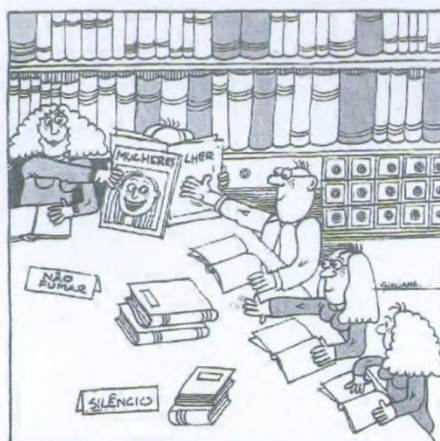
# 79/80



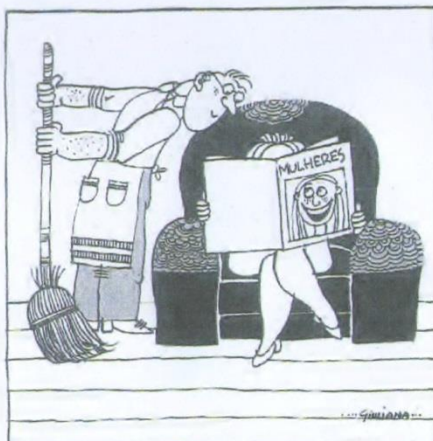
● «Mulheres» interessa às mulheres donas de casa: refere-se aos seus problemas específicos. Debruça-se atentamente sobre as suas dificuldades quotidianas.



● «Mulheres» interessa às mulheres trabalhadoras trata dos seus vários problemas de trabalho e sindicais. Da sua vida difícil. Da sua dupla e tripla exploração.



● «Mulheres» interessa às mulheres intelectuais: fala de cinema, de literatura, de teatro, de escultura, de rádio, de televisão. Aborda assuntos que lhes são caros.



● «Mulheres» interessa também ao homem que já compreendeu que o princípio da igualdade dos sexos tem de ser cumprido. Que já entende, por exemplo, que as tarefas domésticas têm que ser divididas pelos dois.

Figura 9. Campanha de assinaturas. *Mulheres*, nº12, Abril de 1979





Figura 10. Secção de banda desenhada, «Rita e Camila». *Mulheres*, nº1, Maio de 1978

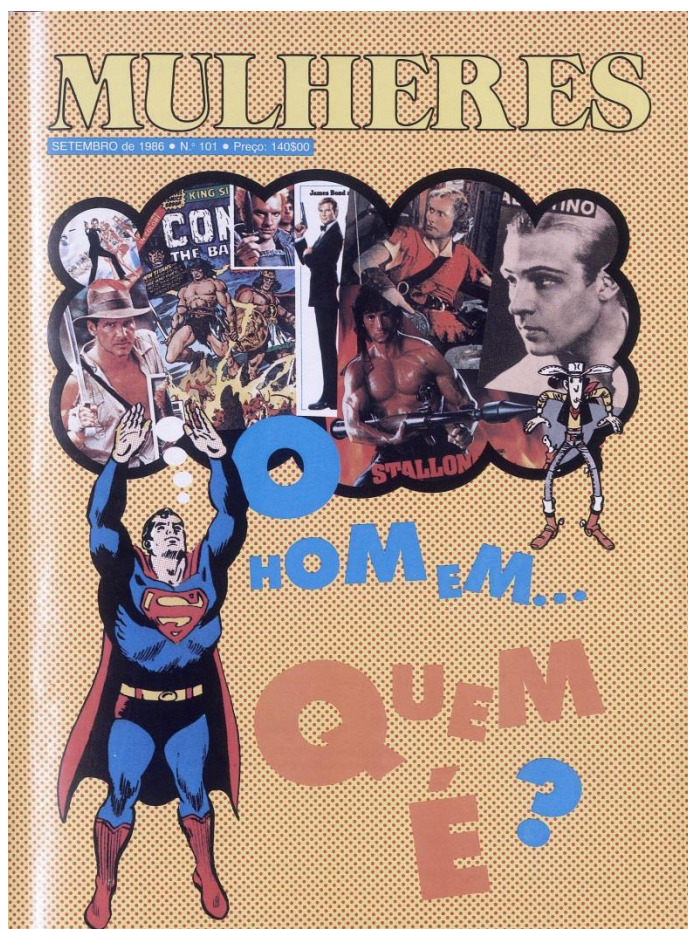


Figura 11. Capa. *Mulheres*, nº 101, Setembro de 1986



## Sonhos de um sedutor

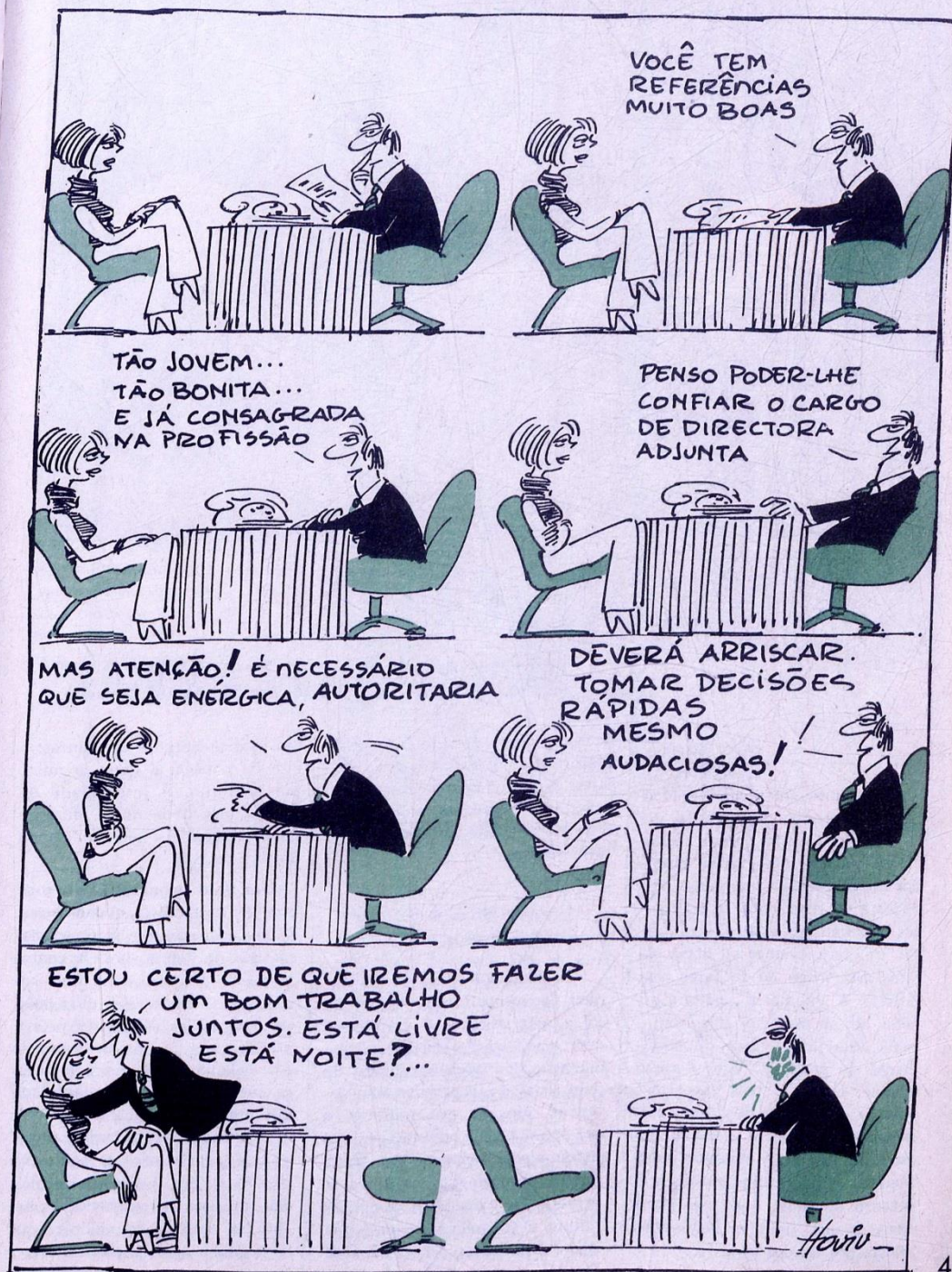


Figura 12. Secção de humor. *Mulheres*, nº 101, Setembro de 1986



férias

## Os machos



41

Figura 13. Secção de cartoon, «Os machos». *Mulheres*, nº100, Agosto de 1986





Figura 14. Secção de humor. Original da revista italiana *Noi Donne*. *Mulheres*, nº100, Agosto de 1986



Figura 15. Capa. *Mulheres Magazine*, 2ª série, nº1, Novembro de 1989



Figura 16. Capa. *Mulheres Magazine*, 2ª série, nº7, Maio de 1990



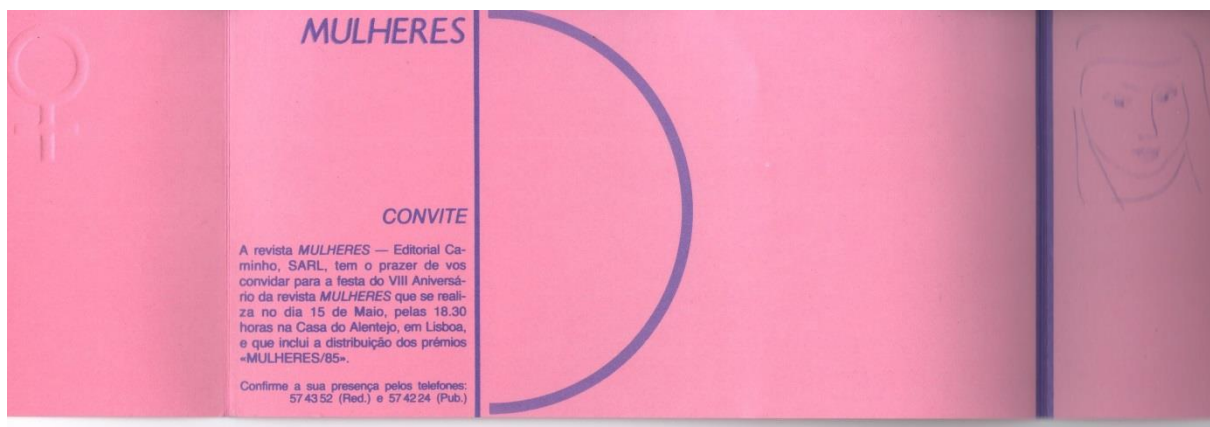


Figura 17. Convite para festa de aniversário da revista. Cedido por Helena Neves.

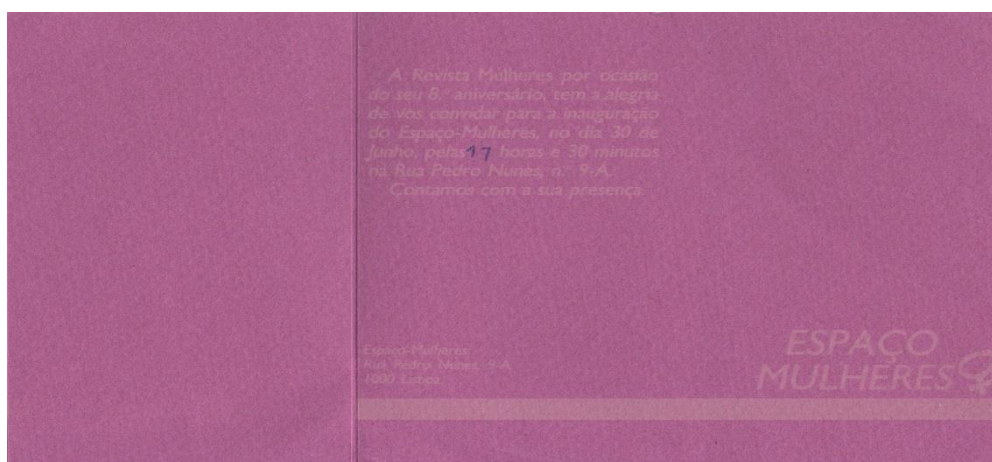


Figura 18. Convite para festa de aniversário da revista. Cedido por Helena Neves.

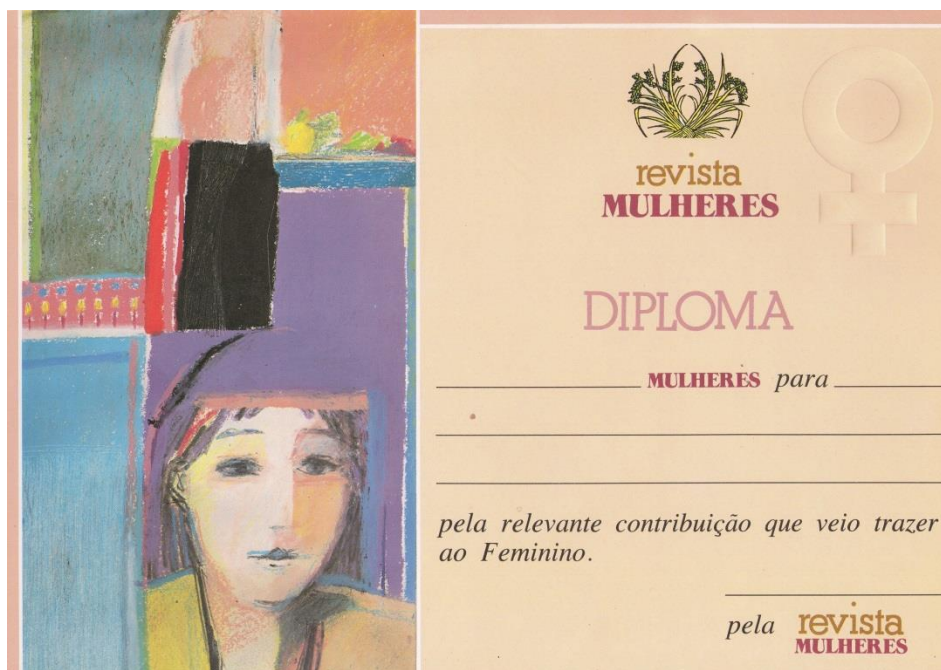


Figura 19. Diploma da revista. Cedido por Helena Neves.



## FÉRIAS

### Será você realmente uma mulher liberta?

Ir sozinha ao cinema e aos restaurantes, jogar na Boisa, ter muitas aventuras amorosas, são alguns sinais enganadores de libertação feminina. Perante as 24 perguntas deste teste você poderá saber se realmente está perto de ser uma mulher liberta ou, pelo contrário, continua a ser uma mulher com a cabeça cheia de tabus.

**1** O homem é um animal que tem instintos:

A - De cão  
B - De gato  
C - De leão  
D - De burro  
E - De porco  
F - De peixe

**A - Uma criança**  


**B - Um ídolo**  


**2** Você ajoelha-se diante de:

A - Uma criança  
B - Um ídolo  
C - Um homem  
D - Um frigorífico  
E - Uma biblioteca  
F - Um ferido

**C - Um homem**  


**D - Um frigorífico**  


**3** À sua frente Ele sente-se por vezes:

A - Desarmado  
B - Confuso  
C - Encalssurado  
D - Dirigido  
E - Indignado  
F - Radiografado

**E - Uma biblioteca**  


**F - Um ferido**  


**4** Você tem dificuldade de partilhar:

A - A banheira  
B - A cama  
C - A escova de dentes  
D - O pequeno-almoço  
E - O sono  
F - Os sonhos

**A - Ser uma figura de proa como Simone de Beauvoir**  


**B - Estar no tribunal como Gisèle Halimi**  


**5** O que é que gostaria de ser?

A - Símbolo sexual  
B - Guadro de empresa  
C - Filósofa  
D - Heroína  
E - Extra-lúcida  
F - Aventureira

**C - Escolher a chefia como Simone Vell**  


**D - Jogar ténis como Martina Navratilova**  


**6** Para conseguir os seus objectivos seria preciso saber:

A - Ser uma figura de proa como Simone de Beauvoir  
B - Estar no tribunal como Gisèle Halimi  
C - Escolher a chefia como Simone Vell  
D - Jogar ténis como Martina Navratilova  
E - Escutar, como Françoise Dolto  
F - Navegar contra a corrente como Lou-André Salomé

**E - Escutar, como Françoise Dolto**  


**F - Navegar contra a corrente como Lou-André Salomé**  


Figura 20. Inquérito de verão. *Mulheres*, nº 100, Agosto de 1986

## FÉRIAS

**7** Você sente-se em segurança quando ele é:

A - Paternal  
B - Divertido  
C - Exclusivista  
D - Longínquo  
E - Saciado  
F - Com desejo

**8** Quanto a si o telefone serve para:

A - Namorar  
B - Chorar  
C - Ajuste de contas  
D - Fazer confidências  
E - Delatar  
F - Trabalhar

**9** Você gostaria de ver desaparecer:

A - As discotecas barulhentas  
B - Os maridos espantadores  
C - As sex-shops  
D - O proxenatismo  
E - As desigualdades salariais

**10** Você sente-se pouco à vontade se alguém tenta:

A - Pervetê-la  
B - Enganá-la  
C - Influenciá-la  
D - Comprá-la  
E - Amá-la  
F - Deixar-lhe a iniciativa

**11** O companheiro ideal deveria ser:

A - Terno e autoritário  
B - Submisso e ambicioso  
C - Próximo e estranho  
D - Perverso e inocente  
E - Generoso e ciumento  
F - Apaixonado e permissivo

**12** Qual seria o companheiro ideal para o seu repouso do guerreiro?

A - Um pastor  
B - Um piloto  
C - Um psicanalista  
D - Um caçador  
E - Um mineiro  
F - Um corredor

**13** Na sua infância o seu pai era:

A - Indiferente  
B - Sedutor  
C - Avô  
D - Tirano  
E - Ausente  
F - Um guia

**14** A sua mãe é para si:

A - Uma confidente  
B - Uma rival  
C - Uma superior  
D - Sua protegida  
E - Uma igual  
F - Uma mãe galinha

**15** Na foto, o que é que ele está a fazer?

A - Está a retê-la  
B - Está a repeli-la  
C - Está a ampará-la  
D - Está a seduzi-la  
E - Está a suplicar  
F - Está a forçá-la

**16** Você está disposta a tudo uma vez que um homem:

A - Tenha casado consigo  
B - A tenha desiludido  
C - A tenha abandonado  
D - A tenha seduzido  
E - A tenha intrigado  
F - Seja subserviente

**17** Qual destas mulheres lhe parece sentir-se melhor na sua pele?

A - Uma Renolr  
B - Uma musculada  
C - Uma velejadora  
D - Uma dançarina  
E - Uma mulher de negócios  
F - Uma adolescente

**18** Você sofre a falta de:

A - Espaço  
B - Tempo  
C - Pazera  
D - Solidão  
E - Fúria  
F - Consideração

**19** Qual destes refrões é que a encerva?

A - «Paz o que tu quizeres»  
B - «Não me deixes»  
C - «Não te compreendo»  
D - «Isso está certo?»  
E - «Estás a pensar em quê?»  
F - «Tu amas-me?»

Figura 21. Inquérito de verão. *Mulheres*, nº 100, Agosto de 1986



## FÉRIAS

**ASSESTE AQUI A SUA PONTUAÇÃO:**

## SOLUÇÕES

### 20

**E audacioso ou ridículo?**

A - Não trazer cuecas  
B - Por gravata  
C - Trazer o cabelo rapado  
D - Fumar cachimbo  
E - Nadar entre os tubarões  
F - De água

### 21

**Quando era pequena tinha medo**

A - Do fogo  
B - Dos rapazes  
C - Das aranhas  
D - Do escuro  
E - Dos gritos  
F - Da água

### 22

**Não envelheceu aquela que**

A - Tem um jovem amante aos 60 anos  
B - Mantém o fogo sagrado aos 50  
C - Possui um emprego fantástico aos 40  
D - É alegre aos 30  
E - Alcançou a sabedoria aos 25 anos  
F - É a glória aos 17 anos

### 23

**Você poderia ter sido**

A - Sophia Loren em «Um Dia Inesquecível»  
B - Pascale Ogier em «As Noites de Lua Cheia»  
C - Lauren Bacall em «Key Largo»  
D - Natasha Kinski em «Os Amantes de Maria»  
E - Ornella Muti em «Os Contos de Loucura Normal»  
F - Juliette Binoche em «O Encontro»

### 24

**Qual o olhar que mais a seduz?**

A - Alegre  
B - Desconfiado  
C - Falso  
D - Cômico  
E - Troista  
F - Sedutor

**A - Sophia Loren**



**B - Pascale Ogier**



**C - Lauren Bacall**



**D - Natasha Kinski**



**E - Ornella Muti**



**F - Juliette Binoche**



**A - Alegre**



**B - Desconfiado**



**C - Falso**



**D - Cômico**



**E - Troista**



**F - Sedutor**



## SOLUÇÕES

**... Sexualmente**

**... Socialmente**

**Faça as suas contas**

Número de  $\triangle - \blacktriangle =$       Número de  $\square - \blacksquare =$

## FÉRIAS

### Licenciosa e Arrebatadora (mais de 3 $\triangle$ )

Você só aparentemente é uma mulher fácil. Só liberta a sua sexualidade, desenfreadamente com parceiros do seu gênero que consideram que o amor é um combate. Para si só o sexo-masculino (U) pode estabelecer uma relação rica, libertando a culpabilização e abrindo os seus limites. Você é mesmo o modelo da mulher colonizada pelo discurso da «libertação sexual» como libertação total da mulher e pelo consumismo sexual.

O amor visto como combate sexual é bem imagem desta sociedade do salve-se quem puder, da lei do mais forte, do dá e leva o mais que puderes e coisas que tali.

### Liberta e descontrainda (2 ou 3 $\triangle$ )

A sexualidade é um meio e um fim. Sem tabus nem entraves, você tem consciência que o seu corpo lhe pertence, o que lhe permite emprestá-lo, dá-lo... ou guardá-lo. E se você o perde, é de forma deliberada.

### Complexa e Narcísica (1 $\triangle$ e 1 $\blacktriangle$ )

Você persegue o seu espelho, as suas companhias, a sua cabeleira... a fim de apagar os ultrajes do tempo, neutralizar as rivalidades e exacerbar as ambiguidades. Que as suas experiências sexuais sejam sobretudo aventuras que romances cor-de-rosa não a deve espantar. A liberdade não vos faz namorar com!

### Recalcada e Bloqueada (2 ou 3 $\blacktriangle$ )

O seu pudor é paralisante. O corpo do outro é um mistério insondável, o seu é uma impenetrável fortaleza. Amor cortês e efêmeros platônicos são um pré-requisito necessário para a tornar cúmplice. E o irmão que você procura no homem?

### Virginal e Nua (mais de 3 $\blacktriangle$ )

Como um anjo, você não pode conhecer o menor fantasma sexual. Você só é verdadeiramente sensível com calor e com o frio. Bem agasalhada você vive a sua união sobre o modo arcaico da simbiose.

### Pioneira e Líder (mais de 3 $\square$ )

Você é o modelo proposto, sem a menor falha, com fórmulas-choque e defende corajosamente a alquimia da sua feminilidade descançada. De calças, você opta ao discurso masculino uma verdadeira palavra de mulher. A sua criatividade de avant-garde é falca e agressiva mas frequentemente solitária.

### Libertada e Autônoma (2 ou 3 $\square$ )

Você assume-se notavelmente ou, o caso que acontece, composto com uma eventual dependência material, sem a menor indisposição. Você não vive agarrada a ninguém, não pertence a ninguém, sabe gerir o argumento como ninguém. Esta liberdade não tem preço!

### Contestataria e Insatisfeita (1 $\square$ e 1 $\blacksquare$ )

Você critica a autoridade e procura a sua independência criando crises e conflitos. Confiância em si, ausência de desvalorização e reivindicação sem exagero conduzi-la-á à abertura desejada se você se afirmar apesar das reprovações.

### Conservadora e Encurralada (2 ou 3 $\blacksquare$ )

Você está submetida aos princípios, com a preocupação das conveniências e do «que dirão». Esta falta de determinação e de iniciativa só encontram a sua refina. A liberdade, você balbucia-a.

### Vulnerável e Timida (mais de 3 $\blacksquare$ )

Toda a gente gostaria de a conhecer e de se divertir consigo. O contato com o exterior é reduzido porque o seu receio é mais forte que o seu interesse e os seus laços com os mais próximos entram-na muito frequentemente.

**Como proceder:**

Coloque cada uma das suas respostas na grelha de contação e faça o total das figuras geométricas obtidas. Para cada par de figuras (branco-negro), calcule a diferença entre os números obtidos (exemplo: 9  $\square$  - 6  $\blacksquare$  = 3  $\square$ ). Anote esse resultado no cimo das colunas e estabeleça o seu retrato.

**Se contabilizou:**

4  $\square$ : igualdade entre  $\triangle$  e  $\blacksquare$ ; 1  $\blacktriangle$ ; 3  $\blacksquare$

Você alimenta ideais anarquistas, é muito sentimental, sexualmente complexada e socialmente encurralada.

	A	B	C	D	E	F
1	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
2	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
3	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
4	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
5	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
6	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
7	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
8	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
9	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
10	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
11	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
12	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
13	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
14	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
15	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
16	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
17	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
18	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
19	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
20	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
21	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
22	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
23	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$
24	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$	$\square$

Figuras 22 e 23. Inquérito de verão. *Mulheres*, nº 100, Agosto de 1986

# Lilith, a lua negra...

Recorda-se de Lilith? Segundo um comentário rabínico dos textos sagrados, Lilith foi a primeira mulher criada em absoluta igualdade com Adão. Mas que teria recusado obedecer-lhe e em revolta contra Deus e o seu homem teria fugido para o reino de Satan. O Senhor então criou Eva, a submissa que, afinal, também acabou por cortar-lhe as voltas, ao mesmo tempo que todas as maldições caíram sobre Lilith, considerada demónio pelos rabinos e bruxa pela Igreja, incarnando a liberdade, o erotismo, enquanto Eva é a obediência e a maternidade. Em astrologia Lilith é a Lua Negra, ou seja a face oculta da Lua tal como Eva é a face iluminada, a face clara. De 3232 dias em 3232 dias, a Lua Negra atravessa os nossos signos, influencia-nos intensamente. Mas cada uma de nós, tem influência profunda de Lilith, na sua personalidade, na sua vida. Cada uma de nós é muito, pouco ou nada Lilith. Até que ponto você o é, eis o que poderá aprender no teste que publicamos.



## ... e você até que ponto é Lilith?

Quando nascemos há quem diga que todos somos mais ou menos marcados pela lua negra. Este teste permitir-lhe-á descobrir a que ponto e em que medida você sofre a sua influência.

Para cada uma das 18 perguntas, escolha a resposta e anote a letra correspondente. Consulte depois os resultados que lhe permitirão calcular os seus pontos.

### Na sua infância...

- 1 - A noite:
  - A - fazia-lhe medo.
  - B - fasciava-a.
  - C - você dormia...
- 2 - Na Feira Popular você preferia:
  - A - o carrocel.
  - B - o comboio fantasma.
  - C - o algodão doce.
- 3 - Que história preferia:
  - A - A Bela Adormecida.
  - B - A Branca de Neve.
  - C - Cinderela.
- 4 - No Carnaval que máscara você escolhia?
  - A - do Capuchinho Vermelho.
  - B - do lobo.
  - C - da avó.
- 5 - As aventuras mais apaixonantes eram...
  - A - Zorro.
  - B - Tintin.
  - C - Asterix.
- 6 - No jogo de cartas, você preferia ter...
  - A - a dama.
  - B - o rei.
  - C - o ás.

### Hoje

- 7 - Você tem sede de...
  - A - amor.
  - B - água mineral.
  - C - liberdade.
- 8 - Você atrai os homens através...
  - A - das suas pernas.
  - B - do seu olhar.
  - C - do seu sorriso.
- 9 - Ele deixou-a...
  - A - você recusou-se a acreditar.
  - B - apaga-o da memória.
  - C - prepara a vingança.

- 10 - Uma amiga tem problemas...
  - A - Ela conta-lhe tudo.
  - B - Diz-lhe quase tudo.
  - C - Não lhe diz nada.
- 11 - Provocam-na para um duelo. Você aceita?
  - A - a pistola.
  - B - o punhal.
  - C - escusa-se.
- 12 - O alho na sua opinião...
  - A - fluidifica o sangue.
  - B - é indispensável em culinária.
  - C - afasta os vampiros.
- 14 - Quando se encontra em frente:
  - A - do Arco da Rua Augusta.
  - B - de um obelisco.
  - C - do Mosteiro da Batalha.
- 15 - Quando vê um filme de:
  - A - Spielberg.
  - B - Lelouch.
  - C - Bergman.
- 16 - Quando oia uma pintura de:
  - A - Renoir.
  - B - Van Gogh.
  - C - Matisse.
- 17 - Quando lê um romance de:
  - A - Guy de Maupassant.
  - B - Emile Zola.
  - C - Boris Vian.
- 18 - Quando assiste a um filme com:
  - A - Gérard Philipe.
  - B - Michel Blanc.
  - C - Patrick Dewaere.

### Você vibra...

- 13 - Quando se imagina...
  - A - na Idade Média.
  - B - na Renascença.
  - C - no século de Luís XIV.

### Calcule os seus pontos

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
A	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
B	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0
C	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1

### Os seus resultados

- Até 3 pontos: Lilith? Você não a conhece sequer...  
 De 4 a 6 pontos: você é um pouco Lilith.  
 De 7 a 9 pontos: você é muito Lilith.  
 De 10 a 13 pontos: você é Lilith apaixonadamente.  
 De 13 a 15 pontos: você é Lilith até à loucura.  
 De 16 a 18 pontos: Reconhecemo-la. Lilith é você!





## «Espaço — Mulheres o que é?»



**U**m espaço da nossa palavra. Escrita. Oral. Transmitida. Trocada. Debatida. Um espaço da palavra da mulher. Das que mesmo sem um quarto seu, conseguiram escrever. Das que lutaram por um quarto seu, um «**no man's land**», uma zona de expressão feminina, de criação feminina contra todos os obstáculos e riscos.

Um espaço de palavras sobre as mulheres. Mesmo das que revelam a mentalidade estratificada, opressora sobre a mulher. Mesmo daquelas nas quais jamais nos reconhecemos. Sobre as quais também, se edificaram, se mantiveram, tantas marginalizações, tantas humilhações, tanta morte, só na Inquisição e no seu ódio violento tanto genocídio — pensem às mulheres...

Um espaço também da palavra sobre as mulheres. E sobre as vislumbra-las? Um espaço de apreensão da nossa diferença. Já as há — mesmo escritas por

Sim será um **Espaço-Mulheres**.

mulheres. E sobre as prateleiras com obras de mulheres. Estão já a nosso, onde encontramos a literatura feminina ou literatura sobre a mulher, sem andarmos perdendo, prateleiras e mais prateleiras quase invariavelmente, de livraria em livraria. buscando, em vão, como sucede a todas nós, Neste **Espaço-Mulheres**.

Outras formas de expressão, de criatividade feminina, serão expostas. Da obra plástica das mulheres. A pintura. A tapeçaria. O bordado. O artesanato. A arte nascendo das mãos das mulheres.



Figura 26. Folheto de apresentação do Espaço-Mulheres. Cedido por Helena Neves.



Tudo isto seria mas não o suficiente, não o bastante, se neste **Espaço-Mulheres** não nos encontrássemos umas com as outras. Em diálogo. O tal diálogo aberto, fraterno, vivo, lúcido.

Daí que, comecemos em breve, seminários, debates, exposições, neste nosso espaço.

O tema? Os temas? Sempre partindo de nós mulheres. Se tanto temos que nos desvendar, nos descobrir, nos transformar, que

**Singular**» porque diferente, senão o

Dirão alguns que giramos em

Pois que giremosse, em

Uma espiral cada vez

ambiciosa. A partir

nos será estranho:

à paz; do sexismo ao

«ismos»; da mulher

queremos com o homem;

outra vida porque lutamos.

nosso umbigo... Pois não é

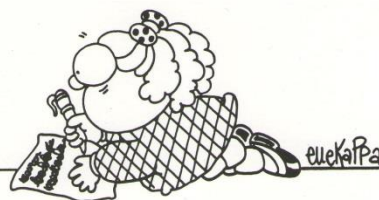
sai a vida, toda a vida e

reivindicamos outro espaço, outro tempo?

Temos tudo para fazer. Tudo por discutir.

**Espaço-Mulheres.** Espaço da nossa palavra. Do nosso encontro. Da nossa Solidariedade.

À sua Espera!



outro tema senão o «**Feminino**

«**Feminino Plural**» porque solidário?

torno do nosso umbigo. Deixá-los.

espiral, o fizermos.

mais larga, mais

de nós, nenhum tema

da sexualidade

racismo e a outros

que somos e do encontro que

da vida que temos à

Sim giremos em torno do

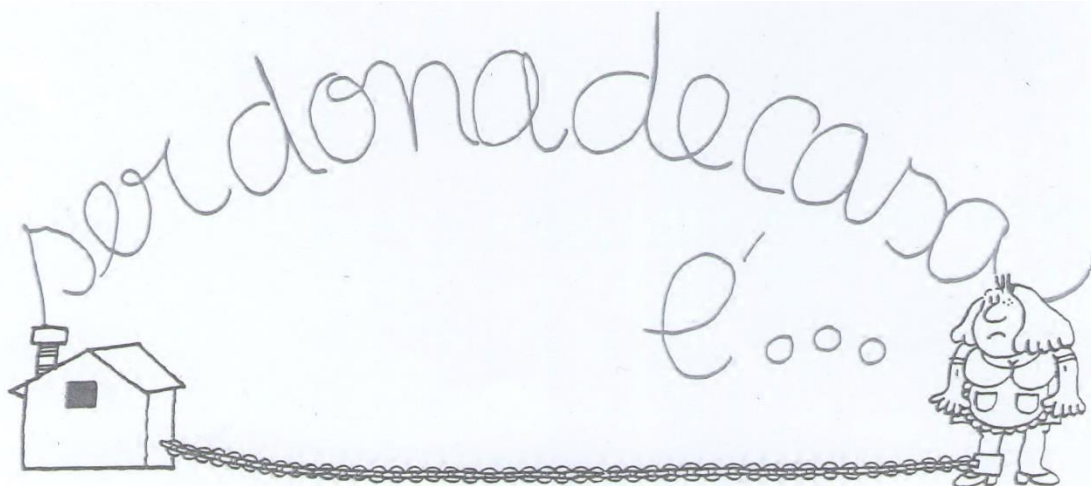
do nosso ventre que

por ela questionamos,



Figura 27. Folheto de apresentação do Espaço-Mulheres. Cedido por Helena Neves.





Em cada uma de nós há uma dona de casa escondida. Ser dona de casa é uma espécie de «segunda pele» que as mulheres transportam consigo toda a vida, que têm em si por educação, latente desde a infância. Criança, adulta, idosa; operária, engenheira nuclear, escritora, trabalhadora do campo, ela é também **dona de casa**. Ser dona de casa, é pois, o sinal da nossa condição comum, ainda que (por estado, condição social, cultura, experiência etc.) cada mulher viva isso de modo diferente. Dentro de nós, marcada na nossa frente, nos nossos gestos, nos nossos sentimentos: é hábito, raiva ou angústia; é cansaço, resignação e também, quantas vezes, solidão e peso enorme de um trabalho sempre igual, repetitivo e grosseiro. Pouco ou nada criativo...



Por  
o corpo  
ao serviço  
de...

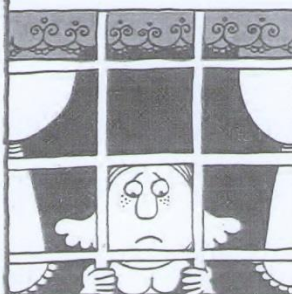
MULHERES 10

Mãos, olhos, lábios, coração, habilidade, sensibilidade, ternura, amor, bom senso: ao serviço dos outros...

Sempre presentes e prontas, disponíveis, nós lavamos a roupa, a louça, tratamos das crianças, fazemos as compras, as camas, preparamos o almoço, o jantar; passamos, engomamos, varremos, limpamos o chão da cozinha, das varandas, das escadas, servimos o café, escovamos os fatos, os cortinados, pregamos os botões, fazemos as bainhas das calças e das saias, dos bibes, damos lustro aos sapatos, às botas, despejamos os cinzeiros, os caixotes do lixo.

Mãos, olhos, lábios, coração, inteligência, argúcia, sensibilidade, ternura, amor, bom senso: ao serviço dos outros...

Sempre presentes, prontas, disponíveis, temos ainda a habilidade de conseguirmos ser ao mesmo tempo: mulher, mãe, amante, dona de casa.



Isola-  
mento

É a casa: são as quatro paredes que se multiplicam por outras tantas e outras tantas paredes ao longo da cidade.

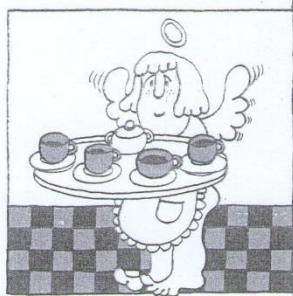
É o silêncio da casa: pesado, a certas horas do dia; a solidão a crescer no corpo quando se passa uma camisa a ferro, ou se lavam, por exemplo, as fraldas das crianças...

É aquela sensação de grito amordaçado na garganta; de nó, brutal e aperdado... são os corredores da casa, as penumbras espessas da casa. As escadas. O soalho, as janelas; o pó nos móveis que se têm de limpar todos os dias...

É também a casa quando repleta de pessoas que amamos; onde nos sentimos protegidas, defendidas contra o que sempre nos ensinaram a temer, a sentir como hostil: tudo o que é exterior à casa; tudo o que está do lado de fora da sua porta.

Figura 28: «Ser dona-de-casa é...». *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979.





sacrifi-  
car-se  
pelos  
outros

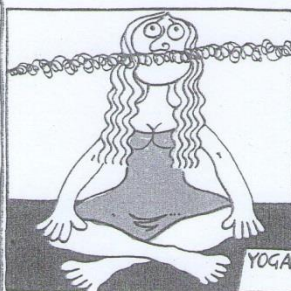
Nós sacrificamo-nos pelos outros: Somos a «fada do lar», o «repouso do guerreiro», o «anjo da guarda». Sempre caladas, pacientes, submissas, sacrificadas, capazes de servir um café (com ternura...) no momento exacto, de passar uma camisa, com amor, de esticar até ao impossível o dinheiro que nos entregam para governar a casa. Levantamo-nos antes de todos, sendo normalmente sempre as últimas a deitar-nos.

As crianças choram de noite, somos nós quem nos levantamos para as acalmar. Têm febre, somos nós quem as tratamos. Quem as vamos inscrever às escolas, quem vai com elas fazer as vacinas ou ao médico.

Este «dever de sacrifício» já faz parte da nossa maneira de encarar a vida. Assim, amor e camisas passadas a ferro, aparecem inseparáveis: amar e servir, verbos sem possibilidade de se divorciarem.

Há que levantar, insinuar a suspeita de que amor é precisamente o contrário: de que amor é, sobretudo, colaboração e respeito.

Não ter  
tempo  
para si  
própria



Quando é que as mulheres vão ter «tempos livres» para repararem em si próprias?

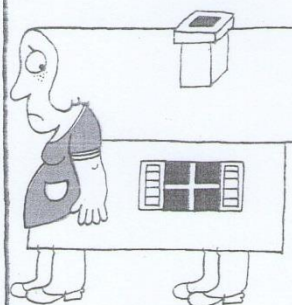
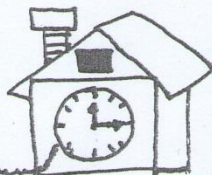
Nós, que na cama, pensamos: — **Oxalá esta noite o miúdo não chore...** E no cinema:

— **Não tenho dado a atenção devida ao Carlos...**

E que logos nos sobressaltamos quando pegamos num livro: — **Teria desligado a máquina de lavar?...**

Existirá algum homem que em pleno Conselho de Administração recapitule os ingredientes, por exemplo, do podim de peixe ou de empadão de galinha?

Mas o pior é que para nós o problema nem sequer é já «ter tempos livres», mas conseguir dentro de nós disponibilidade para os gozarmos, tal é o eterno complexo de culpa de estarmos a roubar tempo à casa, aos filhos, ao marido.



Sentir-se  
insubs-  
tituível

Mais de dois milhões de donas de casa. De mulheres que não têm outra actividade se não o trabalho doméstico que executam todos os dias; um trabalho invisível, não compensador, que repetem quotidianamente, cansativo, alienante, repetitivo, nunca criativo e sobretudo sem finalidade, pois, mal se conclui logo é desfeito: lavar a loiça, a roupa, para a tornar a sujar, fazer as camas para as tornar a desfazer... mal se acabou o almoço já se está a começar o jantar, por exemplo.

Trabalho sem férias, nem feriados, nem domingos.

Em casa «sabemos de tudo», «FAZEMOS tudo», somos «responsáveis por tudo». E **tudo** isto gratuitamente: a nossa função económica consiste em reconstituir a maior parte da força de trabalho do homem. Velamos pela alimentação, pela manutenção da casa, pelo vestuário, pela educação dos filhos.

Nisto, dizem-nos, somos insubstituíveis...

Que  
fazer  
?



Que poderemos então fazer para que as coisas mudem? Para que o nosso mundo deixe de ser o da cozinha, o nosso reino o da sopa? — Cozinheiras dos sentimentos, cozinheiras do amor, da compreensão, do sacrifício; cozinheiras até de uma parte importante de nós próprias...

Os «slogans» cercam-nos, a publicidade, a educação, impelem-nos a assumir essa imagem milenária... Há que, no entanto, reagir contra isto. Há que discutir tudo isto com as outras mulheres. Donas de casa e não só. A solidariedade é importante, imprescindível.

Há que encontrar espaço, tempo, disponibilidade e, juntas, poder falar (sem que os filhos morram de fome, a casa se afunde na desarrumação, o gato sinta carência afectiva e o marido abandonado, não amado...), e mesmo se preciso, pormos em causa o nosso modo de viver: reconhecemo-nos o direito de existir por nós próprias.

Há que afrontar na companhia das outras mulheres (unidade em movimento) os problemas específicos que nos afectam. □

Figura 29: «Ser dona-de-casa é...». *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979.

## Introdução

Num primeiro contacto com a revista *Mulheres* percebemos como esta publicação singular deve figurar na história da imprensa em Portugal. E questionamo-nos sobre o silêncio em torno da mesma. Sendo uma revista marcadamente cultural, mas que não estava confinada ao meio intelectual, surgiu-nos como um objecto de análise do período entre 1978-1989, sendo capaz de interceptar dinâmicas da cultura mediática e de desconstrução dos quadros mentais dominantes.

Tendo surgido enquanto projecto unitário do Partido Comunista Português, sem nunca pretender ser uma voz oficial deste, tornou-se, em parte, a realização de um projecto pessoal da jornalista, escritora e poetisa, Maria Teresa Horta. Deste modo, *Mulheres* surgiu desde o início como um projecto feminista, de forte cunho essencialista, mas que não deixou de ser uma revista de classe. Foi esta ambivalência que sobressaiu ao estudarmos a revista.

No decorrer da pesquisa para esta dissertação, conheci Maria João Faustino, que acabara de apresentar a sua tese de mestrado, intitulada «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo»<sup>1</sup>. O trabalho de Maria Faustino ajudou-nos a consolidar algumas ideias sobre o pensamento hortiano, bem como da sua acção em *Mulheres*.

Dos estudos que dispomos, realçamos ainda os trabalhos de Maria José Magalhães (que produziu a primeira tese sobre os feminismos em Portugal<sup>2</sup>) e de Manuela Tavares, que apontam para a falta de produção teórica em Portugal, nos anos 70 e 80, apesar de serem anos de grandes movimentações. Na obra de Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*,<sup>3</sup> encontramos um trabalho exaustivo de mapeamento das concepções, protagonistas e discursos, dos vários agrupamentos que protagonizaram

---

<sup>1</sup> Maria João Carvalho Pinto Faustino, «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo», [Dissertação de Mestrado], Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, 2013

<sup>2</sup> Maria José Magalhães, *Movimento Feminista e Educação. Portugal décadas de 70 e 80*, Celta Editora, 1998

<sup>3</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2003)*, Lisboa, Texto Editores, 2001

a luta das mulheres. Foi uma obra de grande valor para o desenvolvimento desta dissertação, encontrando aí também uma primeira abordagem à revista *Mulheres*.

Na obra *Movimentos de Mulheres em Portugal*<sup>4</sup>, Manuela Tavares considera que nos anos 70 e 80 existiu em Portugal um movimento feminista, ou vários movimentos, corporizando várias correntes, nunca sendo um amplo movimento de massas. A grande participação das mulheres na explosão democrática que ocorre com o 25 de Abril, saudou-se pelo direito à cidadania feminina, através da palavra e participação – o que se reflectiu nas profundas alterações legislativas relativamente aos direitos das mulheres. E Manuela Tavares procura situar o debate entre a igualdade e a diferença como algo que marcou os feminismos contemporâneos.

Já Maria José Magalhães considera (a partir das entrevistas realizadas) que este debate não se coloca no contexto português. Entendendo que os feminismos não estão desligados das ideologias e correntes políticas que marcaram as diversas épocas, baseia-se em Johanna Brenner para caracterizar três correntes feministas: radical, socialista/marxista e a liberal. Com esta base procede à análise do discurso e do tipo de acção das associações existentes em Portugal nos anos 70 e 80 e denota que o período é marcado pela insuficiência teórica e falta de debate.

Segundo Virgínia Ferreira, em Portugal, o enfraquecimento dos movimentos de mulheres deveu-se ao facto do princípio de igualdade ser encarado como algo que naturalmente se concretizaria no processo de democratização e modernização do país. Em primeiro lugar, «como uma parte inevitável em direcção ao socialismo e mais tarde, nos anos 80, como necessário para a integração de Portugal na União Europeia».<sup>5</sup> Tanto Manuela Tavares como Maria José Magalhães, sem negarem este quadro que apresenta Virgínia Ferreira, consideram que existiram movimentos de mulheres e que estes tiveram bastante importância.

Segundo Manuela Tavares, os movimentos que podemos enquadrar num feminismo socialista/marxista não foram portadores de reivindicações específicas das mulheres, demonstrando várias contradições, sobretudo em relação ao aborto. Sobre o facto de só nos anos 80 o aborto entrar na agenda política, Tavares identifica como um processo normal de amadurecimento de uma questão polémica da sociedade, tendo em conta o obscurantismo que Portugal viveu durante o Estado Novo e o peso da Igreja

---

<sup>4</sup> Idem, *Movimentos de Mulheres em Portugal* – décadas de 70 e 80, Lisboa: Horizonte, 2000

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p.39

Católica. Mas sendo um problema muito sentido pelas mulheres, e já levantado por algumas associações, considera que o aborto não surge na cena política porque o PS e o PCP o refrearam. A nível do MDM, alega que se verificaram oscilações até 1982, quando o PCP apresenta o seu projecto-lei, onde até aí teve a sua acção limitada pelas posições do partido. Portanto, a falta de debate público, as ideias conservadoras e os “tabus” sobre a sexualidade feminina atingiram também a vanguarda de certos movimentos sociais, o que dificultou a abordagem à questão do aborto como o direito da mulher decidir sobre o seu corpo: «surgingo esta reivindicação como uma questão de algumas mulheres feministas e não como algo inerente aos próprios direitos individuais.»<sup>6</sup>

A corrente feminista liberal surge em Portugal nos finais dos anos 80 e início da década de 90, através da formação de associações ligadas a grupos profissionais ou sectores de intervenção. Segundo Tavares, «As principais ideias desta corrente baseiam-se no primado da mulher como sujeito, onde a assertividade e a competência profissional levam à ascendência económica e política, desde que assegurados, à partida, um conjunto de direitos nas leis».<sup>7</sup> Cresce a ideia de *mulheres de sucesso*, que se destacam no meio empresarial, enquanto mulheres emancipadas.

Maria José Magalhães nomeia as questões que considera serem exteriores aos movimentos de mulheres, como as lealdades com os partidos políticos, as ideologias, a família, mas sobretudo, a classe social, foi o que mais dividiu as mulheres. Questão que se prende com as causas da opressão das mulheres: «por umas, era atribuída à exploração capitalista (comum aos homens da classe trabalhadora) acrescida de um problema ideológico; por outras, ao patriarcado; e por outras fundamentalmente à lei (regras explícitas da sociedade) e às “mentalidades” (sobrevivência de atitudes e hábitos conservadores)».<sup>8</sup>

No que toca à educação, a crítica das feministas portuguesas enfatizou a formação das raparigas para as funções materno-domésticas, dizendo que para isso contribuía sobretudo as mães, levando a que as filhas seguissem os mesmos destinos, através dos brinquedos e das tarefas domésticas, em oposição ao que era permitido aos rapazes, com maior tempo para o lazer. A transmissão e reprodução de estereótipos era (e é) feita através da educação informal, mas também através da imagem da mulher utilizada pelos *media*. A este propósito, diz-nos Maria Isabel Barreno:

---

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*, p. 116

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*, p.120

<sup>8</sup> Maria José Magalhães, *Movimento Feminista e Educação*, p.183

A este nível, as décadas de 70 e 80 em Portugal foram cruciais na medida em que se jogava, [...] o conflito entre o estereótipo tradicional que se foi adaptando aos novos tempos e a imagem emergente de um estereótipo em formação, colocando as mulheres num dilema entre as “boas normas” dos estereótipos ou a “negra metade da sua própria natureza”<sup>9</sup>

Neste sentido, as feministas enfatizaram a relação *escola-família* e a relação *escola-trabalho*, ao contrário da “esquerda tradicional” que mostrou alguma dificuldade em tratar a questão da educação, na dita esfera privada, portanto, na relação *escola-família*. Importa enfatizar, genericamente, as diferenças. Para feminismo *radical*, a família é o grande centro do patriarcado, focando na escola as relações de tipo patriarcal que aí se formam. Na perspectiva *socialista/marxista*, o cerne da opressão é o sector produtivo (luta de classes), sendo a escola o espaço de «enfileiramento dos rapazes e raparigas para destinos predeterminados em função do sexo e da classe»<sup>10</sup>. O facto das ditas profissões femininas serem uma extensão da *natural* função materno-doméstica, do espaço privado para o espaço público protegido e controlado, prende-se com a permanência de um conceito machista do trabalho feminino, reproduzido por homens e mulheres. E é nesta extensão da natural função materno-doméstica que ficaram presos os mais progressistas, concebendo apenas o trabalho assalariado como trabalho, subalternizando outros modelos de trabalho como mostra a historiadora Inês Brasão, em *O Tempo das Criadas*.<sup>11</sup>

\*

A nível de fontes, a presente dissertação baseia-se na análise detalhada dos números da revista *Mulheres* e da revista *Mulheres Magazine*, que somam um total de 143 números, sendo que para efeitos de análise só contaram 139, visto que os números nº 47 (Março de 1982), nº 69 (Janeiro de 1984), nº 96 (Abril de 1986) e nº 127 (Novembro de 1988) não se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal. A consulta foi realizada na Biblioteca Nacional de Portugal, como já foi dito, e no arquivo pessoal de Helena Neves que me disponibilizou a maior parte dos números da revista *Mulheres Magazine*, visto que a Biblioteca Nacional só tem os dois primeiros números. Helena

---

<sup>9</sup> Idem, *Ibidem*, p.184.

<sup>10</sup> Idem, *Ibidem*, p.185.

<sup>11</sup> Inês Brasão, *O Tempo das Criadas: A Condição Servil em Portugal (1940-1970)*, Lisboa: Tinta-da-China, 2012



Neves permitiu que reproduzisse algum material de actividade da revista que apresento nas figuras anexas.

Noutro plano, recorreremos à história oral, com a realização de entrevistas a alguns dos “fazedores” da revista, de modo a complementar os discursos da revista e trazer à superfície questões ignoradas ou silenciadas. Desta forma, foi possível montar uma história da revista e dar-nos pistas sobre uma década. A escolha dos entrevistados recaiu no papel que desempenharam: Maria Teresa Horta foi chefe de redacção; Helena Neves foi a directora da revista a partir do falecimento de Maria Lamas; Leonor Nunes foi quem fez parte do corpo redatorial por maior período de tempo e Domingos Abrantes foi um dos dirigentes comunistas que acompanhou a revista da parte do PCP, a par de Maria Alda Nogueira (falecida em 1998) e Zita Seabra. Procurou-se contactar a ex-dirigente comunista Zita Seabra mas não obtivemos qualquer resposta.

Uma das dificuldades sentidas durante o processo de escrita da dissertação foi o desprendimento com os conteúdos da revista, ou seja, o facto de apresentar grandes citações dos documentos traduz essa fragilidade mas revela a validade e o interesse dos conteúdos que, no fundo, não quis que se perdessem.

A estrutura desta dissertação assenta em três partes de dimensão variada.

A primeira parte é uma espécie de introdução à revista, constituída por dois capítulos. O primeiro, dá-nos conta do contexto em que se desenvolve e relaciona a revista, abordando as principais transformações da sociedade nestes anos. No segundo capítulo, reconstruiu-se a história da revista – do processo de construção do colectivo redatorial, a relação com o Partido Comunista, o Movimento Democrático de Mulheres, a militância da revista e espaço de debate, protagonistas e características fundamentais.

Na segunda parte, procurou-se fazer uma análise dos conteúdos da revista, partindo de uma abordagem entre género e classe, em que analisamos as questões do trabalho no capítulo 1 e as questões da cultura no capítulo 2. No primeiro capítulo, analisou-se a forma como são tratadas as questões do trabalho em torno de três pontos fundamentais: a relação entre as condições de trabalho mais gerais para as questões específicas das mulheres; num segundo ponto, trataram-se as questões em torno dos trabalhos tipicamente femininos, da sua valorização à sua desconstrução; e finalmente, o trabalho doméstico (sendo assalariado ou não) enquanto categoria comum a todas as mulheres. No segundo capítulo, analisaram-se as questões em torno da cultura.

Assumindo a sua maior dimensão na globalidade da revista, foi feita a divisão da análise em quatro questões fundamentais: a afirmação da diferença feminina (*iguais sim, mas diferentes*); o direito ao corpo; a crítica dos lugares-comuns atribuídos à mulher; e finalmente, a crítica da produção cultural de massas em diálogo com a mercantilização do corpo feminino.

Na terceira parte, procurou-se fazer uma reflexão crítica, mais conclusiva, em torno do sujeito «mulheres» e das suas representações e papéis na política.

## **Parte I: Introdução a *MULHERES***

## Capítulo 1 - A revista e o meio

*Mulheres* nasce em Maio de 1978. Da história da revista trataremos adiante. Interessa neste ponto perceber em que contexto a revista emerge. Esse contexto é o de uma sociedade saída de uma revolução socialista, depois de quarenta e oito anos de ditadura fascista, e cada vez mais exposta às relações internacionais.

Atendamos mais de perto à cronologia da conjuntura económica portuguesa no pós-25 de Abril e os seus vários ciclos: o período revolucionário de 1974-75, a “recuperação” de 1976-77 e o fim da revolução, a “consolidação” dos anos 80 e a entrada na Comunidade Europeia, sem esquecer os anos de 1978-79, marcados pelos acordos de estabilização financeira com o FMI, a caminho de uma nova política económica, que se consagraria com as reformas institucionais pós-1985, com os governos de Cavaco Silva: revisão constitucional, reforma fiscal, as privatizações e alargamento do espaço de acesso da iniciativa privada que se conjuga com consolidação de uma sociedade de consumo.

O enfraquecimento dos ideais revolucionários foi, paulatinamente, instalando-se, deixando de se viver a política com o fervor dos anos 70.

Os anos 80 marcam a emergência de uma cultura política mais liberal, em que a adesão à Comunidade Europeia foi entendida como um fim e um começo da história. Esta europeização é apontada, de resto, como o factor de transformação de mentalidades por grande parte da historiografia do período. Ao mesmo tempo que a alternativa política socialista se desmorona, assiste-se a alterações dos paradigmas colectivistas, com a emergência de um paradigma individualista. Como aponta Cecília Barreira «...a sociedade civil foi adquirindo noções de individualismo, de personalização, e, como tal, as pessoas fecharam-se progressivamente no seu próprio universo concêntrico de questionamentos efectivos e profissionais». <sup>12</sup> Este sentimento generalizado foi essencial, como refere António Araújo, «para que a sociedade portuguesa estivesse apta para receber as privatizações, a economia de mercado, a adesão à CEE, os governos de Cavaco Silva. Se não existisse esse sentimento de autonomia e de gratificação pessoal, incutindo em cada um, não poderia fazer-se a transição pós-revolucionária». <sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Cecília Barreira, “Estilos e Vida e Convívio Quotidiano” in *Portugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 494

<sup>13</sup> António Araújo, “A política de direita em Portugal”, retirado do blog Malomil (sem paginação)

Mas Araújo identifica também outras consequências, que terão agradado menos à direita mais conservadora, e que são fruto desta viragem cultural da década de 80: o aumento da taxa de divórcio, a hipersexualização da sociedade e o consumismo que levaram a um recuo da influência da Igreja nos costumes.

É a época da televisão a cores e da proliferação de telenovelas brasileiras (iniciadas em 1977 com *Gabriela*) numa sociedade com elevada taxa de analfabetismo e iliteracia e poucos hábitos de leitura. São os electrodomésticos e o automóvel. Compra-se mais roupa e filmes eventualmente mais chocantes, invadem o cinema. Fala-se mais abertamente de sexo, pornografia e erotismo. É o emergir do corpo depois de séculos de ocultação. Em algumas publicações periódicas e livros exhibe-se a nudez feminina nas capas, visando tornar um produto mais atractivo. O prazer torna-se negócio e, nas palavras de Eduarda Dionísio, «Espectáculo e convívio iam ocupando o espaço reservado para o pensamento, o debate, o esforço de transformação. A ligeireza e a moda, o espaço de «festa e luta» aberto pela revolução.»<sup>14</sup>

A propósito do trabalho da socióloga Ferin Cunha “Revolução da *Gabriela*: o ano de 1977 em Portugal”, o historiador Luís Trindade diz-nos:

Ferin Cunha consegue identificar uma deslocação das subjectividades políticas apresentadas pelas personagens e narrativa da novela ao longo dos meses de transmissão. Durante este período, críticos de esquerda como Mário Dionísio e Mário Castrim passaram de uma leitura da exploração e desigualdade social num sistema dominado pelos coronéis (tratava-se, afinal, da adaptação de um romance de Jorge Amado), para uma leitura muito mais centrada nas questões de género. Em poucos meses, aos problemas mais facilmente reconhecíveis no interior da tradição da luta de classes, são adicionadas as questões da emancipação da mulher e da assunção do desejo. A dado momento, portanto, a telenovela podia ser vista como alargamento, e não recuo, do campo de subjectividades políticas aberto pela revolução.<sup>15 16</sup>

---

<sup>14</sup> Eduarda Dionísio, “As práticas culturais”, in *Portugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, pp. 476-477.

<sup>15</sup> Luís Trindade, “Os 3 Ds da Derrota Revolucionária: Despolitização, desideologização, desmobilização”, in *Revista Vírus*, nº5, 2014, p.40

<sup>16</sup> Nomeamos as conclusões apontadas por Isabel Ferin Cunha, acerca do impacto da telenovela: 1) a alfabetização do país num novo género e estética, depois dos discursos propagandísticos da ditadura fascista e da revolução, inaugurando o «país televisivo», ou seja «fenómenos inerentes à indústria cultural e à massificação das audiências centrada na televisão»; 2) a introdução de produtos culturais brasileiros enquanto reforço da identidade portuguesa, seja de elementos da história colonial como da história recente; 3) a alteração dos quotidianos: horários, novas propostas de consumo e o contacto com novas formas de sensualidade e sexualidade; 4) papel da telenovela enquanto agente de globalização às classes

De resto, também o historiador Rui Ramos entende que, no que toca à emancipação da mulher, o 25 de Abril «acabou o ideal “burguês” da mulher como personagem doméstica, longe da vida pública e do trabalho fora do lar».<sup>17</sup>

Mas se são evidentes as grandes conquistas alcançadas no 25 de Abril ao nível dos direitos das mulheres, que a tornaram legalmente igual ao homem, a sociedade portuguesa continuou a acusar o peso do obscurantismo e do catolicismo, mesmo nos meios mais progressistas. No que diz respeito à sexualidade e ao direito da mulher decidir sobre o seu corpo, houve um longo caminho a percorrer de que a luta pelo aborto será exemplo.

A abertura sentida com a revolução, os *novos valores*, vai sofrendo um reajustamento aos valores tradicionais. Como se o discurso da modernidade se fizesse com o ressurgimento ao passado. Há uma procura em afirmar o que é português, a *portugalidade*, a identidade nacional; «o consenso cultural far-se-á sobre a recusa ou o esquecimento da revolução.»<sup>18</sup> A redescoberta de Fernando Pessoa, o relançamento do tema dos Descobrimentos e a recuperação de monumentos nacionais são só alguns exemplos. Como denota Eduarda Dionísio:

Na prática, a política cultural teria como tarefa fechar a “porta que nós próprios abrimos ao expansionismo da ideologia do comunismo internacional”, a “ferida (aberta) da identidade nacional”, e “fortalecer a cultura europeia”. As opções serão feitas em nome do «interesse nacional» contra as «minorias marxistas que tomaram conta prepotentemente da cultura, da universidade e da comunicação social»<sup>19</sup>.

*Mulheres* acompanha muitos destes sintomas. O retorno ao casamento de véu e grinalda, por exemplo, que não tendo o mesmo significado e carga opressiva, foi algo que a geração anterior tinha recusado. Nas palavras de Leonor Nunes, jornalista da revista que nos concedeu uma entrevista, «nos anos 80 começam a fazer esse reajustamento aos valores mais tradicionais, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 80»; «as coisas se reajustaram à tradição de uma forma diferente, mas nessa altura funcionava como um

---

médias em ascensão e novos modelos de comportamento que acompanharam a emancipação da mulher em Portugal - Isabel Ferin Cunha, “A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal”, pp. 18-19

<sup>17</sup> Rui Ramos, “Uma democracia europeia (desde 1976)”, in *História de Portugal*, Lisboa: Esfera dos Livros, 2010, p. 766

<sup>18</sup> Eduarda Dionísio, “As práticas culturais”, in *Portugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 475

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*.

pequeno retrocesso»<sup>20</sup>. Leonor Nunes menciona que o mesmo se passou no que toca à sexualidade, realçando o aumento do número de mães solteiras, o aumento da prostituição e da prostituição encapotada, em anúncios de massagens que se destinavam sobretudo, à prostituição de jovens universitárias. Podemos dizer que a «libertação sexual», quando se dá, é já num quadro neoconservador, e neste sentido, o despudor com que se retomam práticas entendidas como ultrapassadas, apresentando laivos de modernidade, tornou-se mais difícil de desmontar.

Veja-se por exemplo o artigo «Um mundo cor-de-rosa», na secção de «Mentalidades», da autoria de Arménia Ribeiro, Rita Brandão e Sandra Neves, sobre o aumento de romances cor-de-rosa depois de um período de decadência dos anos 60 e 70. As autoras do artigo fizeram um pequeno inquérito de rua a mulheres que lêem estes livros e concluíram que o faziam (consciente ou inconscientemente) para esquecer os problemas reais e construir um mundo que nunca tiveram mas que desejavam. Acrescentam que gostariam de dizer a todas as leitoras destes livros que essa não é a melhor forma de ter o mundo que idealizam, que a melhor forma é lutarem por esse mundo.<sup>21</sup> Ou Maria Teresa Horta, a propósito do regresso ao casamento no artigo «Casamento: Sim ou Não? – um tema em aberto», também na secção de «Mentalidades»:

Depois da contestação, estamos na era do regresso ao casamento. Casamento com fato a rigor, branco, a condizer com a grinalda de flor de laranjeira, o véu sobre o rosto: símbolos tradicionais do recato da pureza feminina. Quererá isto dizer o quê? – Um retrocesso a nível das mentalidades, por certo. Uma grande inquietação, também, perante o novo. Um regresso ao tranquilo lugar dos afectos protegidos: a mulher como propriedade privada, intacta. Tal como dizia um antigo anúncio de botijas de gás: «intacta até chegar às suas mãos».<sup>22</sup>

A «revolução cultural» ocorrida em Portugal, particularmente no que toca aos costumes, à sexualidade e emancipação da mulher, não se esgota na cronologia do 25 de Abril, antecede-a e sucede-lhe, e só é perceptível se a compreendermos num quadro de mutações que ocorre entre os anos 60 e os anos 80. Como aponta o historiador Luís Trindade:

---

<sup>20</sup> Entrevista a Leonor Nunes. Realizada a 6 de Fevereiro de 2014.

<sup>21</sup> Armada Ribeiro, Rita Brandão e Sandra Neves, “Um mundo cor-de-rosa”, in *Mulheres*, nº 124, Agosto de 1988, pp. 18-21

<sup>22</sup> Maria Teresa Horta, “Casamento: Sim ou Não?”, in *Mulheres*, nº 126, Outubro de 1988, p.35

A política portuguesa está fortemente radicalizada a partir dos anos sessenta até à revolução, quando ainda não há fenómenos de massificação capazes de levar esse radicalismo além das formas mais tradicionais de lutas operárias e camponesas; quando a sociedade urbana se massificou, ou pelo menos quando há uma cultura de massa que exprime os anseios desses novos grupos emergentes, isso ocorre no interior do espírito individualista dos anos oitenta, quando a energia colectiva da transformação revolucionária já não parecia mais que um disco antigo.<sup>23</sup>

O percurso da música – a sua recepção e os interesses da indústria fonográfica documenta exemplarmente as mudanças socioculturais. Nas décadas de 60 e 80, a conexão da música pop e rock às configurações da modernidade dos países industrializados fez com que fossem categorizados por «música moderna» – identificados com estilos de vida da juventude e em dissociação de estilos musicais «tradicionais» (que representariam um passado conservador: o fado, a canção de Coimbra e a «música ligeira») e dos estilos associados a grupos sociais intelectualizados e politizados (como a canção de intervenção e a música popular portuguesa). Segundo a *Enciclopédia da Música em Portugal*, «O cosmopolitismo cultural e as representações em torno da modernidade parecem ser traços fundamentais para compreender a apropriação dos estilos de pop-rock em Portugal na segunda metade do século XX e as práticas expressivas que desencadearam».<sup>24</sup>

Para o historiador Luís Trindade, o início dos anos 80, correspondente ao *boom* do rock português, é o momento em que emergem «novas subjectividades políticas»,<sup>25</sup> fruto do refluxo da canção de intervenção/ música antifascista, que criou «novos horizontes de expectativa» que não se viram cumpridos na liberdade democrática e na modernidade europeia, dado o desencantamento no futuro deixado pelo vazio da contra-revolução: «...um mal-estar político cuja expressão tinha de estar algures entre a falência

---

<sup>23</sup> Luís Trindade, “Os 3 Ds da Derrota Revolucionária: Despolitização, desideologização, desmobilização”, in Revista *Vírus*, nº5, 2014, p.42

<sup>24</sup> Pedro Félix e Rui Cidra, “Entrada de Pop-Rock”, in *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 2010, p. 1037

<sup>25</sup> «De facto, é notável como a quase totalidade dos temas mais reconhecíveis do primeiro rock português são sobre: a) o consumo como reificação; b) a liberdade submetida à razão instrumental; c) o progresso como desencantamento do mundo, numa palavra, o capitalismo na sua face mais agressiva e predadora.» in Luís Trindade, “Um PA e uma Fender”, in Revista *Imprópria*, nº 3, Lisboa: Tinta-da-China, 2013, pp. 44-45



do antifascismo como forma de protesto e a expressão negativa – mas mais difusa da nova situação».<sup>26</sup>

É neste quadro de transformação que localizamos a revista *Mulheres* e a sua dupla crítica às imagens socialmente construídas: por um lado, a imagem conservadora da mulher vinculada particularmente pelo fascismo e da Igreja Católica; e por outro, a imagem da mulher do capitalismo, objecto do mercado livre e da sociedade de consumo.

### 1.1. As Questões das Mulheres na Agenda Política

A década de 1970 pautou pelos processos de inovação legislativa no que respeita aos «direitos das mulheres» em vários países da Europa e nos EUA. «As questões das mulheres» não se cingiram a territórios nacionais, estendendo-se a organizações internacionais como as Nações Unidas, que celebraram a *Década da Mulher* (1975-1985), com conferências na Cidade do México, Copenhaga e Nairobi. Estes acontecimentos permitiram dar visibilidade à mobilização feminista tanto nos países «desenvolvidos» como nos países «em desenvolvimento» e também as brechas entre feministas:

Entre militantes ocidentais e não-ocidentais reclamando diferentes definições do feminismo, entre as representantes «oficiais» dos governos participantes e as feministas do «movimento», que negavam a legitimidade recíproca umas das outras. Não obstante, a *Década da Mulher*, tal como as conferências que a pontuaram, sublinhou a visibilidade pública alcançada pelas questões das mulheres activistas e a adopção pelas Nações Unidas de resoluções tendentes a dar uma maior atenção às preocupações das mulheres.<sup>27</sup>

Portugal fez-se representar na Conferência de Copenhaga com uma delegação oficial, composta pela presidente da Comissão da Condição Feminina, Joana de Barros, com Alzira Lemos e outras técnicas e a título não oficial, através de uma delegação das ONG's, em que se fizeram representar Regina Marques e Helena Bastos, do Movimento Democrático de Mulheres. A propósito de um fórum paralelo com organizações não-

---

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 45-46.

<sup>27</sup> Yasmine Ergas, “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. V, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 584

governamentais, que reuniu 8000 mulheres, manifestou-se uma polémica constante, como dá conta a revista *Mulheres*, com base na delegação participante do MDM:

No decorrer da conferência, duas visões em conflito: a mulher virada só para os seus problemas específicos ou a mulher que perspectiva a solução destes problemas que são seus, no mundo real em que se movimenta: um mundo onde permanece o racismo, a opressão dos povos, a ocupação dos países.<sup>28</sup>

Numa outra perspectiva, do boletim do IDM, dão nota de um relato de Jill Nichols: «era estranho estar numa conferência de mulheres que tomavam o feminismo como uma perspectiva entre muitas, embora, de facto, muito poucas fossem anti feministas»<sup>29</sup>. Como refere Yasmine Ergas:

Nem todos os feminismos se desenvolveram com igual sucesso nos diferentes países ocidentais. Muitas mulheres preferiram apoiar os “movimentos de mulheres” de aparência mais neutra em vez dos “movimentos feministas”; outras declaravam: “Não sou feminista, mas...”. Porém, a própria forma do seu distanciamento serviu para confirmar a centralidade do feminismo como parâmetro da política das mulheres.<sup>30</sup>

Em 1980 são realizadas a Conferência Internacional sobre as Mulheres e o Apartheid e a Conferência de Mulheres do Mediterrâneo. Em Outubro de 1981, a FDIM<sup>31</sup> organiza uma Conferência Mundial de Mulheres, em Praga, com a participação de 1000 mulheres. Participam do MDM, Helena Neves, Luísa Amorim, Isaura Vieira, Maria José Ribeiro, Rosália Ferreira, Ana Vale e Maria Estanco, e ainda, Fátima Grácio, do GRAAL.

Em Portugal, os anos setenta são marcados por transformações políticas profundas no que toca ao estatuto das mulheres. A ruptura histórica da revolução de Abril torna a mulher plena da sua cidadania e igualdade perante a lei. Contudo, segundo Manuela Tavares, a concepção que vai marcar as esquerdas políticas, mesmo depois do 25 de Abril, é a da secundarização da necessidade de organizações próprias das mulheres, porque «às

---

<sup>28</sup> s.a. “Retropectiva: 1980 – Ano Mulher”, in *Mulheres*, nº 33, Janeiro de 1981, p.16

<sup>29</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 311

<sup>30</sup> Yasmine Ergas, «O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980», in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. V, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 587

<sup>31</sup> FDIM – Federação Democrática Internacional de Mulheres, fundada em 1948, em Berlim Leste e integrada na International Communist Front Organizations.

mulheres competia serem companheiras e mães, infra-estruturas de apoio aos maridos e camaradas envolvidos na acção antifascista, serem também lutadoras contra o regime, porque dessa luta dependeria, no futuro, uma outra sociedade onde elas, finalmente seriam «emancipadas».<sup>32</sup> E como o “esquecimento” relativo aos feminismos do início do século XX contribuiu para a invisibilidade dos feminismos em Portugal, apesar de contributos preciosos como os das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

Em 1972, a publicação de *Novas Cartas Portuguesas* e o processo de apreensão da obra e julgamento das “*Três-Marias*” teve repercussões externas com várias manifestações de solidariedade, em vários países, e deu origem à formação do Movimento de Libertação de Mulheres (MLM), comportando as ideias do feminismo de «segunda vaga». Vaga que marca o final dos anos 60 e 70, retomando o mote lançado por Simone de Beauvoir em *Le Deuxième Sexe* (1949) e obras pioneiras de Betty Friedan, Kate Millet, Shulamit Firestone ou Germaine Greer<sup>33</sup>. Sem perder a dimensão política, até porque estes movimentos surgem ao lado dos movimentos pacifistas, anti-apartheid, ou de minorias, debruçando-se sobre a opressão cultural das mulheres, a diferença sexual e a alteridade/«outridade».

*Novas Cartas Portuguesas* foi uma crítica à exploração e opressão do fascismo, mas sobretudo à opressão da mulher ao longo dos séculos, constituindo-se como um manifesto sobre o corpo feminino. Como dizem Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral na Introdução ao *Dicionário da Crítica Feminista*:

A sua história de vida, enquanto livro, é breve, mas de algum modo singular, porque se muitos foram os livros censurados pelo Fascismo, poucos ou nenhum outro o foi por estas razões: um livro escrito por três mulheres, em absoluta cumplicidade (sororidade), anónima enquanto escrita colectiva, fazendo o relato da história de várias gerações de Marianas, Marias Anas, Marias e Anas Marias (desde a monja do século XVII enclausurada no convento por ilícitos amores com o sedutor conde de Chamilly), até ao suicídio de uma outra Mariana nos anos 70 do século XX. E, ao dizer as histórias destas mulheres (a paixão, o sofrimento, a dor da ausência, a morte, a perda irreparável, o silêncio e a clausura), souberam dizer a História do país: a guerra colonial, a emigração,

---

<sup>32</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 538

<sup>33</sup> *The Feminine Mystique* (1963) de Betty Friedan, *Sexual Politics* (1969) de Kate Millet, *The Dialectic of Sex* (1970) de Shulamith Firestone, *The Female Eunuch* (1970) de Germaine Greer

o analfabetismo, a repressão, a censura, a exploração de que as mulheres, enquanto cidadãs, são sempre duplamente vítimas.<sup>34</sup>

Nos primeiros anos da década de 70, nos suplementos femininos tratando maioritariamente de temas ditos tradicionais, há a introdução de alguns temas de debate feminista. A revista *Modas e Bordados* consegue relacionar os temas tradicionais aos direitos das mulheres, muito por obra de Maria Lamas, que era uma referência para toda a oposição (como é possível de verificar através da homenagem que o jornal *República* promove, em 1973, na altura do seu 80.º aniversário). Para Maria Teresa Horta, será a revista *Mulheres*, a primeira revista feminista em Portugal (salvo o breve período da *Marie Claire* sob a direcção de Inês Pedrosa) a fazer crítica de género e com um caderno inteiramente dedicado à cultura.

Como realça Manuela Tavares, apesar da grande participação das mulheres no processo revolucionário, esta não se traduziu na criação de um forte movimento de cariz feminista. Surgem, no entanto, grupos e associações de pequenas dimensões que têm um papel impulsionador na luta pela despenalização do aborto, apesar dos entraves dos principais partidos; e através dos julgamentos de Maria Antónia Palla e de Conceição Massano<sup>35</sup>, que levam à formação da CNAC – Campanha Nacional pelo Aborto e Contracepção, em 1979. A CNAC foi formada pelo MLM, IDM, UMR, Grupo Autónomo de Mulheres do Porto, Grupo de Mulheres da Associação Académica de Coimbra e outras mulheres a título individual. O MDM, apesar de se ter solidarizado com o caso e ter participado em algumas acções comuns, nunca integrou a CNAC. Foi esta

---

<sup>34</sup> Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral, “Introdução”, in *Dicionário da Crítica Feminista*, Porto: Edições Afrontamento, 2005, p. 16

<sup>35</sup> Em 1976, o programa *Nome-Mulher* da RTP, apresenta uma reportagem de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa sobre o Aborto que viria a chocar as forças vivas do país, com as reacções do PDC, CDS e PPD, Ordem dos Médicos e da Conferência Episcopal. O programa foi suspenso e a jornalista Maria Antónia Palla foi processada por «atentado ao pudor e incitamento ao crime». O julgamento tem início em Maio de 1979. Em Julho desse ano começa o julgamento de Conceição Massano, acusada por denúncia anónima (com base no seu diário, descoberto enquanto frequentava a Escola de Enfermagem de Portalegre) de ter feito um aborto 3 anos antes, quando ainda era solteira. O marido e uma amiga também foram acusados.

Entre 1976 e 1979, gerou-se uma onda de solidariedade e o debate salta para a praça pública. A CNAC fez circular o abaixo-assinado «Nós Abortámos», tendo recolhido 3000 assinaturas, neste seguimento, a artista Io Apolloni apareceu em televisão a afirmar que tinha feito um aborto.

plataforma de acção que teve um papel fundamental para pressionar os partidos políticos a apresentar projectos de despenalização do aborto, a partir de 1980.<sup>36</sup>

Apesar de não ter existido um movimento massificado de cariz feminista em Portugal, os grupos e associações de pequena dimensão tiveram um papel essencial em várias conquistas, em particular na luta pela despenalização do aborto, constituindo plataformas de acção comum, tendo levado, também, a uma desradicalização do movimento, com a união estratégica entre feministas de várias perspectivas.

A propósito da preparação do Programa para o Ano Internacional da Mulher, numa reunião de Dezembro de 1974, o MLM<sup>37</sup> propõe um ponto sobre «Aborto, contracepção e planeamento familiar», ao que a representante do MDM propôs que o tema fosse incluído no ponto sobre «Mulher e Família». Foi aprovada a seguinte proposta, também sem a palavra aborto: «Estatuto da Mulher e Planeamento Familiar». A discussão, acesa, revelava as diferentes concepções sobre o aborto.

Para as feministas radicais o aborto foi sempre tendencialmente apresentado como um direito individual das mulheres, enquanto controlo do seu corpo e reprodução. As associações de cariz socialista-marxista centraram o debate num problema de saúde pública. Foi o caso da UMAR, ligada à UDP (mas que evolui no seu discurso ao integrar a CNAC), do MDM e dos partidos à esquerda:

A introdução das razões socioeconómicas, em 1982, no projecto de lei do PCP de despenalização do aborto, em detrimento do direito das mulheres decidirem interromper uma gravidez não desejada, constituiu uma linha de pensamento sobre o aborto perfilhada por significantes sectores da sociedade portuguesa e por uma parte da esquerda, com dificuldade em assumir o feminismo como uma corrente de pensamento e acção. A CNAC tomou posição sobre o projecto do PCP considerando que «apesar de significar um enorme avanço em relação à situação anterior, não é ainda o que consagra plenamente o direito da mulher. E isto porque é limitativo do direito de escolha».<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Para saber mais sobre a luta em torno da despenalização do aborto em Portugal, ver a obra de Manuel Tavares, *Feminismos. Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, pp. 272-345

<sup>37</sup> Em Junho de 1975 é publicado *Aborto, Direito ao Nosso Corpo*, da autoria de Maria Teresa Horta, Célia Metrass e Helena Sá Medeiros, activistas do Movimento de Libertação das Mulheres.

<sup>38</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 343

Os argumentos do PCP eram considerados frágeis, tendo em conta a nota que o Episcopado emitiu sobre o projecto de lei, alegando que se o Estado promovesse políticas sociais que garantissem as condições às famílias, o aborto seria portanto, desnecessário.

Apenas em 1984 é aprovado o projecto do Partido Socialista, muito mais limitado, em que nem sequer se previam razões socioeconómicas para a despenalização do aborto. Do PCP são aprovados os projectos de lei sobre «Maternidade e Paternidade» e «Planeamento Familiar e Educação Sexual».

Um momento paradigmático que permite observar a marginalização dos movimentos feministas foi a manifestação no Parque Eduardo VII, a 13 de Janeiro de 1975, convocada pelo MLM. A ideia era fazer uma fogueira onde seriam queimados vários objectos que simbolizavam a opressão feminina, nomeadamente revistas pornográficas; livros considerados machistas; o Código Civil; objectos de lida doméstica; entre outros. Alguns órgãos de comunicação social noticiaram de forma deturpada e jocosa que se trataria de uma «queima de *soutiens* e *strip-tease*», o que levou a que uma multidão de homens boicotasse a manifestação, numa histeria machista, atacando violentamente as manifestantes. A polémica segue na imprensa. Importa referir que entre os manifestantes se encontravam alguns com emblemas do PCP, o que levou o MLM a contactar o PCP, para pedir esclarecimentos.

O MDM já em 1974 tinha emitido um comunicado em resposta ao jornal *República*, que confundia o MDM e o MLM, esclarecendo:

...Quando são dois movimentos que se distinguem totalmente quer pelos objectivos visados, quer na forma de luta por esses objectivos. [...] O Movimento Democrático de Mulheres estará presente numa reunião da Federação Democrática Internacional das Mulheres, organização que de maneira alguma se identifica com movimentos feministas.<sup>39</sup>

A propósito da manifestação do Parque Eduardo VII, o MDM volta a distanciar-se:

O Movimento Democrático de Mulheres condenando os lamentáveis incidentes referidos no documento acima citado, dissocia-se, no entanto, da tomada de posição contida no mesmo, considerando que não se pode subestimar os objectivos e métodos utilizados pelo

---

<sup>39</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 264

Movimento de Libertação da Mulher, os quais não são estranhos aos referidos acontecimentos.<sup>40</sup>

Ainda assim, mantendo diferenças marcantes, vemos como o MDM evoluiu nas suas posições. Sem se afirmar claramente enquanto movimento feminista, passa a admitir o feminismo enquanto corrente de pensamento:

O MDM posicionou-se face às problemáticas da igualdade e dos direitos das mulheres atravessadas e contaminadas pelas opções diversas dos tempos políticos controversos. O MDM arrasta consigo uma história da luta das mulheres, feminista e feminina, expondo o seu pensamento e a sua acção, com a diversidade das convergências...<sup>41</sup>;

A causa feminista e a igualdade exigem uma informação sem preconceitos e questionadora dos estereótipos que sempre actuam como forças conservadoras.<sup>42</sup>; Construir uma reflexão feminista e democrática para a acção transformadora das mulheres e da sociedade, desconstruir mitos e preconceitos da nossa actualidade, contestar as desigualdades sociais e políticas discriminatórias de género, condenar as guerras, construir quotidianos com qualidade de vida em Igualdade e Solidariedade...<sup>43</sup>

No final de 1986, o PCP realiza a Conferência Nacional sobre «A Emancipação da Mulher no Portugal de Abril». Segundo Domingues Abrantes, dirigente do Partido à época, a Conferência não teve paralelo em Portugal, pela profundidade do debate e número de participantes: 1069 delegados dos quais 66% eram mulheres e a realização de mais de 800 reuniões para a discussão do documento-base, envolvendo membros do Partido e simpatizantes.<sup>44</sup> Do capítulo intitulado “A emancipação das Mulheres e a mudança das mentalidades”, destacamos alguns pontos que nos permitem sintetizar as concepções do PCP no que toca às questões das mulheres.<sup>45</sup>

---

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 264-65. Esta nota foi enviada à Comissão da Condição Feminina sobre o comunicado aprovado em reunião do Conselho Consultivo da CCF. Para além do MDM, demarcaram-se do referido comunicado a Acção Católica e o Movimento Rural Católico.

<sup>41</sup> 40 anos de MDM. *Uma história com futuro*, MDM, 2009, p. 23

<sup>42</sup> Idem, *Ibidem*, p. 29

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, p. 31 – Dos objectivos traçados no VII Congresso, em 2005.

<sup>44</sup> Domingos Abrantes, “Clara Zetkin e a luta emancipadora das mulheres” in *Clara Zetkin e a luta das mulheres. Uma atitude inconformada, um percurso coerente*, Lisboa: Edições Avante!, 2007, p. 234

<sup>45</sup> “A Emancipação da Mulher no Portugal de Abril” (documento aprovado na Conferência), 15 de Novembro de 1986, (consulta no sitio do PCP na internet)

Na análise presente no documento são destacados os contributos dos clássicos marxistas na identificação da exploração da mulher, apontando o patriarcado como produto do desenvolvimento histórico e não de uma qualquer primazia do homem sobre a mulher. E diz-se que o cerne da exploração está na concepção da propriedade privada:

As discriminações por razões de sexo, reais e em muitos casos aviltantes, têm um suporte material, radicam na sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção, discriminações que, «consagradas» ideologicamente, encontram expressão na legislação, na religião, na moral dominante, na política, nos hábitos e costumes, no viver diário.<sup>46</sup>

Para os comunistas a emancipação da mulher trata-se que uma questão de igualdade de direitos, mas também uma questão moral que «exige combate aos preconceitos», mesmo dentro do Partido, e que a luta das mulheres é «uma questão que diz respeito a todo o Partido». Trata-se de exigir a emancipação do próprio homem, «libertando-o da mentalidade de *senhor*, da ideologia da posse, inculcada há séculos pelas classes dominantes acerca da mulher, mentalidade que degrada a personalidade do próprio homem».<sup>47</sup>

Neste sentido, há uma recusa da «luta de sexos», recusa que está na base da crítica às concepções feministas:

Mas ver o homem como o responsável pela escravização da mulher, elevando-o à categoria de «adversário social», absolutizar a necessidade da mudança das mentalidades como caminho emancipador, reduzindo as discriminações das mulheres ao campo do subjectivo (as mulheres são vítimas do «poder masculino», da «ideologia masculina»), não vendo que as causas da subalternização social da mulher radicam na sociedade de classes, é desviar a própria luta emancipadora das mulheres do seu terreno principal: a luta para pôr fim ao sistema socioeconómico explorador, que é uma luta comum ao homem e à mulher.<sup>48</sup>

Vemos a crítica aos discursos da domesticidade, acusando a propaganda que «instila desde os bancos da escola a ideia da mulher como ser subalterno» e que o direito à

---

<sup>46</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>47</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>48</sup> Idem, *Ibidem*.



igualdade é uma expressão de justiça social, uma «conquista para a sociedade e para a mulher». E que o caminho passa, para além da socialização dos serviços domésticos, pelo desenvolvimento de infraestruturas de apoio social, «como condição fundamental para garantir aos membros da família (homem e mulher) o acesso à actividade criadora», mas também que haja uma «efectiva partilha das responsabilidades do trabalho doméstico». Assinalam ainda que são muitos os homens que não aceitam a independência económica das companheiras, renegando «a igualdade de facto», e não aceitam uma repartição das tarefas domésticas que permita à mulher aliviar-se de «tarefas absorventes que asfixiam o desenvolvimento da sua personalidade e impedem a sua realização».<sup>49</sup>

Apontam o carácter indissociável entre as transformações revolucionárias e as conquistas das mulheres, com a Revolução de Abril:

A experiência histórica demonstra e o 25 de Abril confirma, que é essencialmente com as transformações sócio-económicas, com a liquidação da sociedade exploradora que o estatuto das mulheres (e também a «ideologia dominante») se transforma.»; «Mas o processo não é automático. A revolução nas relações de produção só por si não elimina todos os conceitos negativos na consciência das pessoas. A nova realidade sócio-económica transforma-se mais rapidamente que a velha consciência social.»<sup>50</sup>

Para os comunistas, «a participação massiva das mulheres nas tarefas da Revolução» resultou em grandes transformações de mentalidades que o avanço da contra-revolução traduziu em «graves retrocessos». Nomeadamente, a apologia da família tradicional que relega a mulher para o lar, «dando a ilusão de valorizar a mulher como sujeito, na realidade submete-as aos estereótipos alienantes». Indicam que a proliferação da indústria pornográfica e o uso degradante da imagem da mulher na publicidade incitam a «comportamentos incorrectos e aviltantes para com a mulher».<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>50</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>51</sup> Idem, *Ibidem*.

## Conclusões

Os anos 80 trazem o rótulo de “fora de moda” aos movimentos feministas, como se verificou nos movimentos por direitos civis e de trabalhadores. O refluxo dos movimentos sociais vem a reboque da «morte do sujeito» e do «fim das ideologias», dos movimentos mais tradicionais aos da chamada «Nova Esquerda». «Pós-feminismo»/«Contra-Feminismo»<sup>52</sup> é a designação da nova vaga, que vem afirmar o retorno aos valores da ordem patriarcal, da família tradicional, o papel da mulher enquanto educadora e a dificuldade de articular a carreira e a maternidade. Este processo não foi linear. Em Portugal, como já demos conta, as mobilizações em torno da sexualidade envolveram num grande debate e participação feminina em novas organizações de mulheres (não necessariamente feministas), acompanhada de novos hábitos; no entanto, a sociedade comportou, ao mesmo tempo, a reacção das forças mais conservadoras.

Escreve Helena Neves num “editorial” da revista: «O feminismo está vivo e recomenda-se!», a propósito de um debate realizado num programa de Maria Elisa com o tema “O feminismo já não é o que era”, em que Maria Elisa ignorou a existência da Comissão da Condição Feminina, de várias organizações de mulheres e do MDM, «a mais antiga organização de mulheres viva que movimenta uma multidão variada de 15 000 aderentes pelo país e na emigração». Escolheu para o debate três mulheres: Antónia Palla, «a única representante do combate das mulheres, a única com passado e presente de luta feminista», Helena Roseta e Teresa Costa Macedo (antiga secretária de Estado da Família). Critica fortemente Teresa Costa Macedo e conclui:

Nem imaturas, nem histéricas – como tão bem salientou Elina Guimarães sempre magnificamente irreverente – afirmamos que o feminismo, de facto, já não é o que era. Cresceu, ampliou-se com novos temas. Prova que está vivo, cada vez mais. Está vivo e recomenda-se!<sup>53</sup>

Finalmente, deixamos uma nota acerca das relações entre a revista e outras congéneres europeias. Sabemos que *Mulheres* teve paralelos a nível internacional, mas não temos

---

<sup>52</sup> «Feminist Backlash». O termo «backlash» é usado pela primeira vez pela jornalista Susan Faludi, em 1992, denunciando a máquina de propaganda que fazia acreditar que os direitos conquistados revertiam em desfavor das mulheres.

<sup>53</sup> Helena Neves, “O feminismo está vivo e recomenda-se!”, in *Mulheres*, nº83, Março de 1985, p.1

capacidade de fazer uma análise comparativa das revistas análogas, podendo apenas identificá-las com base nas informações conseguidas nas entrevistas elaboradas e em algumas referências a artigos na própria revista *Mulheres*.

Da recolha feita, na ficha técnica de *Mulheres* surgiram as revistas francesas «F. Magazine» e «Antoinette» e revistas brasileiras «Nova», «Cláudia» e «Mulherio» e menção a traduções de italiano. Os nomes de outras revistas recolhemos de artigos publicados: a italiana «Noi Donne»; «Mujer-Fempres» do Chile; «Viva», do Centro da Mulher Peruana, Flora Tristan. É feita publicidade à revista «Mulher Soviética», que passa a ser publicada em Portugal.

Tendo em conta os possíveis conflitos que mencionámos, vale a pena ter em conta as diferenças substanciais quanto à posição tanto do Partido Comunista Italiano e do Partido Comunista Francês, no que toca ao curso das concepções ideológicas da época, com percursos diferentes mas que se tocam, por passarem por transformações internas e adoptarem as concepções do «Eurocomunismo», e por afirmarem-se enquanto partidos feministas.

De resto, numa análise *a posteriori*, podemos dizer que as experiências ocorridas dentro de Partidos Comunistas com forte influência para o PCP, nomeadamente o Partido Comunista Francês, contribuíram para reforçar a análise feita dentro do PCP no que toca ao feminismo, considerado um movimento burguês, que tendo tido importância em certos períodos históricos, no que toca à emancipação da mulher, acusa as suas origens de classe.

## Capítulo 2 - A história da revista

### 2.1. *Mulheres*, o Partido e o MDM

A revista *Mulheres* surge como um projecto de trabalho unitário do Partido Comunista Português. Projecto editorial financiado pelo PCP e propriedade da Editorial Caminho, com periodicidade mensal, a partir de Maio de 1978, e com redacção estabelecida na sede do Movimento Democrático de Mulheres, *Mulheres* foi um ponto de encontro, espaço de debate, com uma direcção própria, sem pretender ser uma voz oficial do PCP.

A grande impulsionadora da ideia de que no seio do PCP se criasse uma revista de mulheres foi Maria Alda Nogueira e tudo começa quando convida Maria Teresa Horta para escrever uma coluna sobre questões femininas no jornal *O Diário*, em 1975. As páginas femininas eram comuns, ainda antes do 25 de Abril, mas para Maria Teresa Horta isso foi uma conquista dentro do PCP, e foi obra de Alda Nogueira. Daí para o projecto de *Mulheres* foi um passo, que Maria Teresa Horta assumiu a corpo inteiro.

A revista *Mulheres* nasce com um único referente, remoto, a revista *Modas e Bordados*, sob a direcção de Maria Lamas. A mesma dá o nome à direcção de *Mulheres*, sendo sobretudo uma homenagem à sua obra e actividade militante antifascista, dado que pelo avançar da idade e estado de saúde não teria condições para dirigir a revista, tendo estado apenas algumas vezes na redacção.

Foi Maria Teresa Horta, enquanto chefe de redacção, a cabeça do projecto e quem imprimiu um cunho particular ao mesmo, como veremos adiante. Helena Neves, na altura jornalista no jornal *Avante!*, junta-se à revista um pouco mais tarde e assume a sua direcção, depois da morte de Maria Lamas, em Dezembro de 1983. Com Maria Teresa Horta enquanto chefe de redacção, a revista assume-se como feminista, tendo como *slogan* «a revista de todas as mulheres», tendo, portanto, um carácter bastante alargado, com colaboradores que extravasavam o espectro político do PCP e do MDM.

No que toca à estrutura da revista, e como mencionámos, Maria Lamas é directora até 1983, Helena Neves entra primeiro como colaboradora em 1981, passa a subdirectora em 1982 e assume a direcção em 1984, enquanto Maria Teresa Horta será sempre chefe

de redacção. A redacção intercala nos primeiros anos, chegando a ter Ana Cília, Eugénia Cunhal, Francisco Rodrigues, acabando por ficar apenas Leonor Nunes. E tem vários colaboradores permanentes: Ana Abel, Cipriano Dourado, Correia da Fonseca, Elisabete França, Fernanda Lapa, Fernanda Managão, Fernando Midões, Isabel Ribeiro, José Paulo Simões, Judite Fonseca, Laura Lopes, Lurdes de Freitas, Madalena Raimundo, Manuel Carvalho Coelho, Matilde Nunes, Mara, Maria Judite de Carvalho, Maria Keill, Paula Abel, João Martins, Rogério Ribeiro, Teresa Afonso Dias, Teresa Dias Coelho, Vitor Ferreira, Moisés Espírito Santo, Susana Ruth Vasques, Marina Dias, Tito Lívio, José do Carmo Francisco, Maria Ondina Braga, Maria Antónia Fiadeiro, Paula Sanchez, Marina Pimentel, Lia Viegas.

Com um grupo mais ou menos permanente de colaboradores, alguns podemos identificar com rubricas que atravessam grande parte da existência da revista. Os temas sobre cinema, com algumas excepções para Teresa Horta, eram maioritariamente de Elisabete França; os de teatro, de Fernando Midões. Correia da Fonseca fazia a crítica a programas de televisão e rádio, sobretudo; havia ainda “Mulher e a Lei”, com a jurista Laura Lopes, “A Mulher e o Desporto”, por Isabel Rocha, e Marina Dias, com os temas da música e mentalidades: «Festival RTP da Canção. Onde entra a dignidade...», «Rita Lee. O rock do samba» ou «Ponham-se direitas, minhas meninas», um artigo sobre os conselhos da «Ilustração Portuguesa»; menção ainda para as crónicas fixas de Susana Ruth Vasques; entre outros.

Maria Teresa Horta tem a seu cargo grande parte do caderno dedicado à cultura, nomeadamente a crítica literária, tal como todo o tipo de artigos em termos de desconstrução das imagens da mulher, que trataremos mais adiante. Helena Neves traz um cunho mais académico à revista, com artigos sobre a História dos Movimentos de Mulheres, História dos costumes e mentalidades.

Na redacção destacou-se Leonor Nunes, que era uma jovem que aspirava ao jornalismo, quando integra a revista *Mulheres*, e acaba por fazer ali a sua escola. Durante algum tempo é levada a interromper a participação na revista, dado que não tinham capacidade financeira para lhe pagar. Até que assume, exclusivamente, a redacção e permanece até ao fim. Com muitas reportagens e entrevistas, desenvolve uma escrita muito ao jeito de Maria Teresa Horta, irreverente. Recorda a única vez que um seu artigo foi severamente criticado, pela dirigente comunista Zita Seabra, pelo atrevimento ao cobrir um evento «mister musculo» em que pela primeira vez ia participar uma mulher, e

num tom irónico, jocoso até, que dá à reportagem, intitula-a «A Importância do Músculo para a Libertação da Mulher».

Teresa Horta recorda as dificuldades em suportar a revista, com um colectivo redactorial reduzido, porque o dinheiro não permitia mais, mas diz que, em termos de ambiente, não se recorda de existirem problemas no seio da redacção, nem com as leitoras. Os conteúdos eram discutidos e havia temas que eram sempre tratados, tentando inovar – 25 de Abril, comemorações da República, o Natal, o Verão, etc. Os problemas colocados pelo PCP eram relativos aos temas sobre a sexualidade. Horta entende que a esquerda era muito puritana, severa mesmo: «Tínhamos de ter a habilidade de não chatear o pai e poder sair à noite. Era isto.», «Aquele pai que mede a saia para ver se a filha sai com a saia acima do joelho e que vai perguntar à mãe da amiga se sai e vai com ela também».<sup>54</sup>

Nas palavras de Domingos Abrantes, a revista « (...) a revista tinha o objectivo de se dirigir a uma massa que tinha posições progressistas, partilhava da ideia da luta emancipadora que não fosse a transmissão da orientação do Partido. Não fosse a linguagem do PCP».<sup>55</sup>

O discurso do MDM sobre a relação com a revista *Mulheres* é substancialmente diferente. Num livro publicado a Fevereiro de 2014 sobre os 40 anos do MDM, a revista é apresentada como obra sua: «Fizemos Cadernos MDM, a Revista Mulheres, a Mulheres Magazine,...».<sup>56</sup>

Numa comunicação de Luísa Amorim sobre “A experiência das mulheres na luta pela despenalização do aborto”, num seminário organizado pela UMAR, note-se o seguinte excerto que apresentamos:

Queria-vos dizer que a revista “Mulheres” era uma revista extremamente ligada ao MDM, e teve um papel importante sobre a sexualidade, sobre o aborto, etc.. Nós tínhamos várias formas de intervenção, que não tinham todas, explicitamente, a sigla do MDM, mas que eram zonas de influência do MDM e onde nós muitas vezes, também através delas, abríamos confronto com as forças que estando próximo de nós nem sempre concordavam connosco. A revista “Mulheres” e as forças de esquerda, mesmo o próprio PCP, tiveram muitas vezes confrontos, que como vocês podem calcular não era a linha directa de aceitação e, no entanto, as mulheres comunistas estavam na revista “Mulheres”. Portanto, esta luta e este movimento de modificação de mentalidades de luta pelos direitos das mulheres, travou-se a vários níveis. Travou-se para o exterior na linguagem dos

---

<sup>54</sup> Entrevista a Maria Teresa Horta. Realizada a 17 de Novembro de 2013.

<sup>55</sup> Entrevista a Domingos Abrantes. Realizada a 22 de Julho de 2014.

<sup>56</sup> MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES, *40 anos de MDM. Uma história com futuro*, MDM, 2009, p. 29

documentos externos, e travou-se internamente em rede, quer dentro das organizações quando elas eram grandes organizações, quer nos partidos políticos e nos sindicatos. Aliás, durante muito tempo nós, MDM, tínhamos muitas mulheres nos sindicatos, e o movimento sindical tinha uma posição muito mais recuada que o MDM. Era extremamente difícil nós conseguirmos fazer as discussões com o movimento sindical que nem sempre aceitava as nossas posições.<sup>57</sup>

*Mulheres* era uma revista “aberta à sociedade” dando espaço a mulheres e organizações que escapavam (e muito, algumas) ao espectro político do PCP e do MDM. No seio do MDM e para além da Helena Neves, Luísa Amorim tinha bastante influência na revista, mas depois existiam outros contactos: as mulheres do GRAAL, particularmente Lurdes Pintassilgo, Helena Roseta, Ana Clara Gomes, Teresa Ambrósio (PS), Madalena Barbosa (MLM) e Manuela Tavares (UMMAR). Contactos no sentido de serem consultadas sobre vários temas específicos das mulheres e participações em debates. Segundo Helena Neves, havia quem dentro do PCP entendesse que a revista era um desperdício. Leonor Nunes completa, dizia-se «a revista é do partido e estamos a dar voz a estas pessoas todas?». E considera que a revista foi, «sempre marginal, dentro do sistema criado».<sup>58</sup>

## 2.2 *Mulheres*, um espaço de debate

*Mulheres* foi um espaço de debate, sobre a palavra das mulheres e a palavra sobre as mulheres. Mais que uma revista, materializou-se em espaço<sup>59</sup> e festa, onde se debateram as visões diferentes das mulheres, sobre as mulheres, e se festejou essa produção e criação feminina.

Na festa do quinto aniversário da revista, atendemos nas palavras de algumas das figuras que participaram, convergindo no elogio à revista: «a revista *Mulheres* é no nosso país umas das vozes mais constantes na sua persistente e original afirmação da identidade das mulheres» (Maria de Lourdes Pintassilgo); «na viragem histórica que vivemos, que tem um cariz essencialmente cultural, a mulher é um agente privilegiado da mudança [...] a revista *Mulheres* é exemplarmente cultural» (Natália Correia); «um meio de informação

---

<sup>57</sup> Comunicação apresentada no Seminário sobre Movimento Feminista em Portugal, organizado pela UMMAR, 5 e 6 de Dezembro de 1998

<sup>58</sup> Entrevista a Leonor Nunes. Realizada a 6 de Fevereiro de 2014.

<sup>59</sup> Espaço Maria Lamas é anunciado no nº85, de Maio de 1985. Tinha como responsável Maria Antónia Peças.

com que as mulheres podem contar e onde vêem tratados assuntos que lhes dizem respeito e que normalmente não são tratados noutros meios de informação» (Maria de Medeiros); «uma revista de mulheres não deve apenas assumir a discriminação, mas divulgar também avanços igualitários; não deve apenas assumir os preconceitos, mas desbloquear as mentalidades nas próprias mulheres; acho que a revista é cada vez mais isto» (Fernanda Mestrinho)<sup>60</sup>. No sétimo aniversário da revista, com festa na Casa do Alentejo, diz Maria de Lurdes Pintassilgo:

Mais do que construção editorial específica e regular no âmbito português, a revista MULHERES tem sido, ela própria, movimento, relação, processo de olhar, acção, vontade de mudança. A noção de competência não lhe está associada por se dirigir a mulheres, mas por lutar por ser, simultaneamente, capacidade e produto, forma e substância, reserva e interpretação das mulheres reais deste país. A revista não tem imposto uma visão sobre as mulheres. A revista tem tornado visíveis as mulheres. Por isso, tem tornado visível a competência que lhes é específica.<sup>61</sup>

No décimo aniversário, entre muitos outros elogios, vale a pena olhar para a opinião da actriz Henriqueta Maia, que lamenta um certo “feminismo sectário” que pode ser um obstáculo à luta de libertação da mulher:

...Gostava que, nos próximos dez anos, não fosse necessário que a revista recorresse tantas vezes ao discurso feminino (a escrita feminina, o amor no feminino, o cinema no..., o teatro no..., o desporto no..., o dia a dia) isolando-se de tal modo que se corre o perigo de se estar a falar do discurso humano (propriedade dos homens) por um lado, e do discurso feminino (a nossa forma de ser e de estar) por outro. Até porque isso não corresponde à realidade.<sup>62</sup>

Da relação intimista com as leitoras, é exemplo o acolhimento que faziam no espaço da redacção, quando eram procuradas por mulheres com problemas. Helena Neves recorda, particularmente, a experiência enriquecedora, mas também angustiante, de ouvir e ler cartas de histórias de vida tão dramáticas. *Mulheres* foi voz destas mulheres. Através do correio de leitores/as também podemos ter uma ideia desta relação, como no espaço «As

---

<sup>60</sup> s.a. “Cinco anos em análise”, in *Mulheres*, nº 61, Maio de 1983, pp. 48-50

<sup>61</sup> Maria de Lurdes Pintassilgo, “Tornar visíveis as mulheres”, in *Mulheres*, nº 86, Junho de 1985, p.5

<sup>62</sup> Henriqueta Maia, “Fazemos dez anos!”, in *Mulheres*, nº 121, Maio de 1988, p.53



leitoras testemunham» ou no «Condenamos!», entre denúncias, desabafos e opiniões, como neste excerto da secção «Cartas a Mulheres», de Março de 1979: uma carta de Maria da Conceição Pascoal, de Coimbra, em que fala da sua experiência e felicita a existência da revista, realçando a linguagem da revista e o facto de não colocar as mulheres contra os homens. Termina dizendo: «Para além de ser uma revista de encontro de mulheres, seus problemas e ideais, tem um ponto positivo muito importante: ultrapassar o intelectualismo, isto é, acessível a todas as pessoas na sua linguagem e comunicação».<sup>63</sup>

Houve também um lado militante em *Mulheres*, militante não no sentido de terem qualquer tipo de agenda, mas pela actividade de denúncia que a revista fazia, (algumas com êxito), nos debates e ciclos promovidos. Leonor Nunes conta em entrevista, a propósito dos casos que vão sendo cada vez mais frequentes de anúncios de prostituição encapotada, em ofertas de emprego como massagistas, que chegou a responder a um desses anúncios e foi à entrevista de trabalho e depois da reportagem publicada começaram a receber ameaças na redacção, que materializa na reportagem «Massagens: a prostituição oculta»<sup>64</sup>. Outro episódio que conta, a propósito da procura por estes «serviços», foi terem colocado um anúncio com o número da redacção e passados três meses ainda recebiam chamadas, constantemente. E outras denúncias, nomeadamente quanto aos abusos da publicidade, também foram correntes.

Teresa Horta recusa identificar a sua escrita enquanto militante, afirmando que sempre se tratou de repor a justiça. Alega que sempre se fez crítica literária aos homens e que durante séculos nunca se falou das mulheres na escrita, e que, quando o fizeram na revista *Mulheres*, foram acusadas de sectárias. Mais: afirma que salvo algumas excepções, *Mulheres* foi a única revista feminista em Portugal, onde se fazia crítica de género, pois tinha consciência da importância da cultura para a luta das mulheres, sob o ponto de vista feminista.

Em torno da revista organizaram-se debates e ciclos de cinema, em parceria com o Goethe Institut e o ABC Cine-Clube. Como dá conta Teresa Horta no artigo, «Cinema...um sitio muito especial»: «Ante estreias e ciclos de cinema, abrangendo temas que tenham a ver, especificamente, com mulheres ou de uma forma geral, com a mudança de mentalidades, retratos de mulheres, figuração de estereótipos. Os nossos planos, neste

---

<sup>63</sup> Maria da Conceição Pascoal, «Cartas a Mulheres», in *Mulheres*, nº11, Março de 1979, p.63

<sup>64</sup> Maria Leonor Nunes, «Massagens: a prostituição oculta», in *Mulheres*, nº108, Abril de 1987, pp.4-7

sentido, são inúmeros, só nos falta, a maioria das vezes, meios para os pôr em prática. De qualquer forma, para além da ante estreia neste mês de Maio do filme *Os Amantes de Maria* de Konchalovsky, temos como ciclos planeados: A Vamp; A obra completa de Marta Meszaros; A bela e o monstro; A mulher e os campos de concentração». <sup>65</sup> Também recebiam convites para participar em festivais de cinema, como o da Figueira da Foz. No «Caderno Especial 16 Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz», Maria Teresa Horta dá nota que a revista recebeu o prémio de melhor cobertura do festival no ano anterior. <sup>66</sup> Conta Leonor Nunes que chegaram a receber um convite da Lusomundo, (cadeia comercial e que pouco teria a ver com o tipo de abordagem da revista) para irem comentar a antestreia de um novo filme do *James Bond*. O que parece evidenciar o reconhecimento que a revista teria no campo cultural.

A revista *Mulheres* pautou pelo trabalho e formação jornalística de jovens que fizeram ali a sua escola. É o caso de Leonor Nunes, é a própria que conta, mas também Maria Teresa Horta, que se recorda de a ver chegar à redacção, uma jovem dos seus dezoito anos, com vontade de ser jornalista. Mas houve outras. O peso, em termos quantitativos mas também qualitativos, das entrevistas e inquéritos de rua é de um notório trabalho jornalístico, dado o reduzido colectivo redactorial.

Maria Teresa Horta realiza entrevistas com grandes vultos como Marguerite Yourcenar, Marguerite Duras, Maria Bethânia, Maria de Lourdes Pintassilgo, bem como as traduções a entrevistas a Simone de Beauvoir ou Kate Millet. António Costa Santos, do jornal *O Diário*, fazia o inquérito de rua «Um Homem Entre As Mulheres», que era uma rubrica permanente sobre as mudanças ou não de mentalidades. A revista pauta pelas reportagens a mulheres do interior do país, abordando os seus hábitos e formas particulares de trabalhar, bem como a cobertura de «Temas em Debate» que abria um espaço de discussão sobre questões das mulheres, com vários intervenientes. Nomeamos ainda, as rubricas «Daqui e Dali» com notícias e acontecimentos a nível nacional e internacional, com interesse para as mulheres; «As mais e as menos» em que se nomeavam figuras e actos de destaque; as rubricas «Elas fazem cada coisa» e «Este mês escolhemos» que reajustavam os silêncios sobre a actividade das mulheres, mais ou menos anónimas.

---

<sup>65</sup> Maria Teresa Horta, “O que vamos fazer? Cinema...um sitio muito especial”, in *Mulheres*, nº85, Maio de 1985, p. 57

<sup>66</sup> Idem, “Caderno especial: 16 Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz”, in *Mulheres*, nº114, Outubro de 1987, pp. 19-30

Procuravam ouvir sociólogos, psicólogos, psicanalistas, pediatras, entre outros especialistas, o que, segundo Leonor Nunes, era uma prática pouco comum na altura, e que fugia ao universo do PCP. Resultavam em abordagens que, não sendo necessariamente contrárias, não se centravam numa análise marxista. Anália Torres, socióloga, com vasto trabalho sobre o casamento; Inês Fontinha, também socióloga, da associação O Ninho; Moisés Espírito Santo, são recorrentes, mas muitos outros e outras «especialistas» que colaboram com a revista.

Quanto ao grafismo, a revista apresenta-se com uma imagem mais ao estilo de *Mulher. Modas e Bordados*. Com grande qualidade gráfica e fotografias de qualidade, na capa e interior, a revista atraía um público alargado. Leonor Nunes recorda como as capas da revista *Mulheres* eram criticadas por Zita Seabra por terem imagens de atrizes e artistas famosas.

*Mulheres* apresentava também a crítica através da banda desenhada «Rita e Camila» e do *cartoon*, de que é exemplo a rubrica de «Rosa». Numa espécie de “humor proletário”, *Rosa* figura uma operária que satiriza sobre os condicionalismos de classe no quotidiano. E «O macho» que satiriza com as posturas machistas.<sup>67</sup>

Segundo Maria João Faustino,

*Mulheres* passou, de facto, por um diálogo crítico com a cultura popular, fazendo uso de figuras icónicas de uma certa mitologia cinematográfica e televisiva, daí partindo para uma análise de costumes e mentalidades. A desconstrução dos quadros mentais vigentes, a partir das produções culturais, coexistia com uma feição mais erudita, onde rubricas de história e literatura tinham espaço próprio permanente. Quadros temáticos tão diversos como a saúde, sexualidade feminina, literacia jurídica e informação laboral figuravam na revista [...] Era, sem dúvida, uma revista cultural, mas sem pretensões a ficar encerrada nos meios académicos, intelectuais e literários.<sup>68</sup>

Podemos dizer que a linha editorial da revista soube conciliar aquilo que seriam os temas da «cultura de massas» com os sectores mais intelectualizados.

Faustino aponta também para as cedências da linha editorial da revista, «...esta não deixava de fazer concessões ao perfil mais tradicionalista da cultura feminina, sendo

---

<sup>67</sup> Apresentamos alguns exemplos nas figuras anexadas. Ver lista de figuras.

<sup>68</sup> Maria João Carvalho Pinto Faustino, «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo», [Dissertação de Mestrado], Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, 2013, p. 41

possível encontrar em quase todos os números artigos sobre moda, decoração ou bordados, ainda que marginais na globalidade da publicação»<sup>69</sup>. Importa dizer que, mesmo dentro deste perfil mais tradicionalista, a revista soube inovar. Os passatempos, bastante comuns em revistas femininas, promoviam temas pouco habituais, como descobrir personagens femininas já abordadas na revista, em números anteriores, ou ainda questionários-tipo numa versão (feminista) alternativa.<sup>70</sup>

Destaco uma campanha de assinaturas, em que se figura a imagem que é feita das leitoras e as características da revista para cada uma destas tipologias: as mulheres donas-de-casa, por se debruçar sobre as dificuldades do seu quotidiano; as mulheres trabalhadoras, por tratar dos problemas que sofrem no trabalho e a dupla e tripla tarefa; as mulheres intelectuais, por abordar as artes nas suas várias facetas; e finalmente, o homem que compreende o princípio de igualdade entre os sexos.<sup>71</sup>

O texto que apresentamos a seguir, retirado de um documento de divulgação do espaço-mulheres, resume aquilo que nos parece ser a orientação da revista:

#### *Espaço-Mulheres*

##### *O que é?*

*Um espaço da nossa palavra. Escrita. Oral. Transmitida. Trocada. Debatida. Um espaço da palavra da mulher. Das que mesmo sem um quarto seu, conseguiram escrever. Das que lutaram por um quarto seu, um «no man's land», uma zona de expressão feminina, de criação feminina contra todos os obstáculos e riscos.*

*Um espaço de palavras sobre as mulheres. Mesmo das que revelam a mentalidade estratificada, opressora sobre a mulher. Mesmo daquelas nas quais jamais nos reconhecemos. Sobre as quais também, se edificaram, se mantiveram, tantas marginalizações, tantas humilhações, tanta morte, tanto genocídio – pensem só na Inquisição e no seu ódio violento às mulheres...*

*Um espaço também da palavra sobre as mulheres, tentado a compreensão da nossa diferença. Já as há – raras mas anunciando outro olhar – mesmo escritas por homens.*

*Sim será um **Espaço-Mulheres**. Prateleiras com obras de mulheres. E sobre as mulheres. Então já a vislumbrá-las? Um espaço nosso, onde encontraremos a literatura feminina ou literatura sobre a mulher, sem andarmos buscando, em vão, perdendo, prateleiras e mais prateleiras como sucede a todas nós, quase invariavelmente, de livraria em livraria. Neste **Espaço-Mulheres**. Outras formas de expressão, de criatividade feminina, serão expostas. Da obra plástica das mulheres. A pintura. A tapeçaria. O bordado. O artesanato. A arte nascendo das mãos das mulheres.*

*Tudo isto seria mas não o suficiente, não o bastante, se neste **Espaço-Mulheres** não nos encontrássemos umas com as outras. Em diálogo. O tal diálogo aberto, fraterno, vivo, lúcido.*

---

<sup>69</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>70</sup> Apresentamos alguns exemplos nas figuras anexadas. Ver as figuras 20 a 25, pp. XIII-XV.

<sup>71</sup> Ver a figura 9, p. VI.



*Daí que, comecemos em breve, seminários, debates, exposições neste nosso espaço.*

*O tema? Os temas? Sempre partindo de nós mulheres. Se tanto temos que nos desvendar, nos descobrir, nos transformar, que outro tema senão o «Feminino Singular» porque diferente, senão o «Feminino Plural» porque solidário?*

*Dirão alguns que giramos em torno do nosso umbigo. Deixá-los.*

*Pois que giremos se, em espiral, o fizermos. Uma espiral cada vez mais larga, mais ambiciosa. A partir de nós, nenhum tema nos será estranho: da sexualidade à paz; do sexismo ao racismo e a outros «ismos»; da mulher que somos e do encontro que queremos com o homem; da vida que temos à outra vida porque lutamos. Sim giremos em torno do nosso umbigo... Pois não é do nosso ventre que sai a vida, toda a vida e por ela questionamos, reivindicamos outro espaço, outro tempo?*

*Temos tudo para fazer. Tudo por discutir.*

*Espaço-Mulheres. Espaço da nossa palavra. Do nosso encontro. Da nossa Solidariedade.*

*À sua Espera!*<sup>72</sup>

### 2.3. Duas visões diferentes mas coincidentes: Maria Teresa Horta e Helena Neves

*Mulheres* fez-se com várias vozes e mãos. Mas não no mesmo plano. Consideramos que a revista tem o cunho de duas mulheres em particular, duas mulheres feministas e comunistas, com visões diferentes mas coincidentes.

Maria Teresa Horta é desde o início a cabeça, tronco e membros de *Mulheres*. Se é certo que a revista nasce da vontade bem-sucedida de Maria Alda Nogueira dentro do PCP, podemos dizer que *Mulheres* não seria uma revista feminista, com a qualidade cultural e jornalística que teve, sem Maria Teresa Horta. Transportando para o trabalho jornalístico a experiência do contacto feminista com o quotidiano feminino, invisível; o universo cultural enquanto escritora e poetisa; mas também a militância comunista, de contacto com as mulheres trabalhadoras, bem representativa em trabalhos como *Mulheres de Abril*. São nestas múltiplas experiências que podemos observar em *Mulheres*, a escrita, irreverente, e, a visão de e sobre as mulheres, de Maria Teresa Horta.

Segundo Maria Faustino, autora da tese «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo», em entrevista a Teresa Horta (verão de 2013):

Maria Teresa Horta perfila-se numa tradição de pensamento da metafísica dos sexos: considera que as diferenças entre géneros são constitutivas, estruturais, e independentes

---

<sup>72</sup> Ver as figuras 26 e 27.

de produções culturais. A concepção de feminismo que subscreve, filiada em correntes de cunho essencialista está, de facto, nos antípodas de algumas correntes teóricas do fim do século XX, como a teoria *queer*. O seu feminismo é claramente diferencialista: “O homem tem outro mecanismo, outro olhar”, afirma em entrevista. As diferenças específicas são, defende, transversais a todos os domínios de actuação e produção cultural: “há uma escrita das mulheres, uma maneira de ser das mulheres, uma pintura das mulheres”. “Sou pelo feminismo da diferença”, afirma, ao que acrescenta “neste momento a minha luta é uma luta cultural, e pela diferença – porque não há cultura sem diferença”. Rejeita qualquer tentação hierarquizante dos géneros, das suas diferenças específicas, sublinhando antes a riqueza que da dissemelhança pode advir. A “luta cultural” que assume como “grande paixão” concretiza-se numa linha de “feminismo cultural”, num “ir atrás das mulheres da cultura”. Afirma a necessidade de redescobrir e recuperar os vultos femininos da cultura que o crivo da consciência cultural dominante marginalizou: “as mulheres ficaram cobertas pelo tempo”, diz, ao que acrescenta, “eu vi na minha geração escritoras a escreverem nas casas de banho, porque os maridos não deixavam, homens da minha geração, que estão aí vivos, e são conhecidos”. E questiona: “se não fosse a Vanda Anastácio e a Teresa Horta, onde estaria a Marquesa de Alorna, uma figura excepcional?”.<sup>73</sup>

Helena Neves era jornalista no jornal *Avante!*, com as questões das mulheres e da Reforma Agrária, quando é abordada por Alda Nogueira para ir para a revista *Mulheres*. Inicialmente alega que não pode deixar trabalhos que tinha em curso e acabará por entrar mais tarde para a revista.

Sendo alegadamente destacada para supervisionar a orientação da revista, numa tentativa de conter o radicalismo de Maria Teresa Horta, esse foi um papel que nunca assumiu, apesar de ser a directora da revista. A esse respeito alega que foram vários os constrangimentos, mas que nunca assumiria esse papel. Desde logo porque, e apesar de Teresa Horta ser uma feminista assumidamente mais radical, o olhar feminista de Helena Neves foi, sempre, ao encontro do de Teresa Horta: «cada vez mais, eu e a Teresa formámos um corpo», diz.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Maria Faustino, «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo», [Dissertação de Mestrado], Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, 2013, pp. 25-26

<sup>74</sup> Entrevista a Helena Neves. Realizada a 4 de Março de 2014.

Helena Neves refere, em entrevista, que ia várias vezes a Évora trocar impressões com Maria Lamas sobre a revista, antes, portanto, de assumir a sua direcção. Ao assumir a direcção, Helena Neves escreveu de tudo um pouco mas deu à revista um cunho mais académico (sem se fechar na erudição), desde logo pela sua formação e qualidade. São inúmeros os artigos sobre a História dos Movimentos de Mulheres, História dos Costumes e Mentalidades; mas também cadernos sobre a violência ou debates da actualidade política. Assume, também, a tarefa de responder às cartas das leitoras.

Enquanto membro fundador e do secretariado do MDM, fazia também esta ligação, mais estreita, portanto, dado que Maria Teresa Horta tinha uma visão fortemente discordante das posições do MDM. Os temas relativos aos contactos internacionais da Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM); à URSS («Dez dias com as mulheres do país da perestroika»<sup>75</sup>, entrevista a directora da revista «Mulher Soviética» sobre os problemas das mulheres apesar dos avanços da Revolução, num elogio à Perestroika); e a relação com revistas internacionais eram da sua responsabilidade.

## **2.4. *Mulheres*, Magazine e o Fim**

O último número de *Mulheres* é de Fevereiro de 1989 e termina com um texto de Helena Neves, com a perspectiva de continuar a revista:

(...) Sucederá o que supomos apenas um breve silêncio. Isto porque suspensão não significa necessariamente fecho, encerramento, morte. Suspensão pode significar pausa. Uma pausa para reflexão.» [...] «Suspende nunca poderia significar um fim. Suspende pode significar pausa para reflexão no sentido de renovar um projecto cujos princípios se mantêm mais do que nunca actuais, mais do que nunca imprescindíveis. Inevitáveis. Tucker, nesse fabuloso filme de Coppola, diz-nos no fim de uma acção esmagada pelos monopólios que o que importa é a ideia, o sonho. Direi antes: há sonhos e sonhos. Muitos deles são sonhos exactamente na medida em que perspectivam projectos, coisas a concretizar, a fazer e vencer. Nesse sentido não basta o sonho. É preciso que a própria essência do sonho, a sua raiz se preserve intacta. É preciso que o sonho seja.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Helena Neves, “Viagem: Dez dias com as mulheres do país da perestroika”, in *Mulheres*, nº129, Janeiro de 1989, pp.1-11

<sup>76</sup> Idem, “Suspensão da revista «Mulheres»”, in *Mulheres*, nº 130, Fevereiro de 1989, p.1

Cria-se depois a *Mulheres Magazine*, o “segundo fôlego”, como lhe chama Helena Neves, mantendo a qualidade mas com alterações na estrutura e conteúdos. A ausência de Maria Teresa Horta é evidente na ausência da irreverência da linguagem e qualidade e extensão do “caderno cultural”. *Mulheres Magazine* apresenta treze números e com o último número de Dezembro/Janeiro de 1990/91.

A par das alegadas dificuldades financeiras, é um período conturbado na história do PCP e em que muito se dissipa: a queda do Muro e o seguimento do desmantelamento da URSS e dos países socialistas do Leste da Europa; a dissidência de várias figuras de destaque no PCP, como Zita Seabra. As saídas de Maria Teresa Horta e depois Helena Neves, que não fogem muito desta cronologia.

Manuela Tavares, em *Feminismos: Percursos e Desafios*, sobre a revista *Mulheres*, aponta para uma opção política mais do que financeira, por parte de quem não conseguia controlar o seu conteúdo, o PCP. Diz também que o encerramento da revista se fez sentir no MDM, com um estreitamento das suas relações e áreas de intervenção.

Segundo Domingos Abrantes a revista desempenhou um papel importante, nomeadamente em sectores a que dificilmente chegaria se fosse uma revista com a *linguagem* do PCP, em sectores intelectuais, particularmente. Durou mais de dez anos e termina por dificuldades financeiras, numa altura em que o PCP se vê forçado a terminar várias publicações, como o jornal *O Diário*, *Poder Local* e a revista *Professores*.

Sobre as alegações de incapacidade de controlo político dos conteúdos da revista, que aponta Manuela Tavares, Domingos Abrantes alega que não têm qualquer sentido, dada a longevidade da revista, nem faria qualquer sentido para o PCP manter uma revista durante tanto tempo, tendo um problema quanto à sua natureza. Admite a relação difícil com Maria Teresa Horta e as suas posições feministas mais radicais, mas não só, também com Helena Neves e Luísa Amorim, e outras comunistas feministas, que, contudo, nunca deixaram de trabalhar por isso. Portanto, que isso nunca foi um impedimento apesar das contradições burguesas. Também não concorda que o fim da revista tivesse levado a um estreitamento das relações do MDM.

Também Maria Teresa Horta não concorda com estas alegações no que toca ao MDM. Entende, no entanto, que a revista acabou com o objectivo de a afastar, daí que o “segundo fôlego”, com a *Mulheres Magazine*, surja quando Teresa Horta já se encontrava

no jornal *O Diário*. Palavras de Maria Teresa Horta, na sua página oficial do Facebook, a propósito do último número da revista:

O último número de «Mulheres» sai em Fevereiro de 1989. Às jornalistas Maria Teresa Horta e Leonor Nunes a administração da Editorial Caminho propõe a sua transferência para a redacção de «O Diário», então dirigido por António Borga, o que as duas profissionais aceitam. Entretanto, é recusada a publicação de um texto de despedida dirigido por MTH às leitoras de «Mulheres». Nele se escrevia: «A revista «Mulheres» é mais do que viável, mais do que possível: é necessária, urgente, imprescindível. Mas era incómoda - desafiava. Mas era insubordinada. Mas era frontal - dizia o que tinha a dizer, doesse a quem doesse. Mas fazia uso de uma liberdade que tomou nas mãos desde os primeiros números, tentando abrir caminhos de abertura e de diálogo. E houve quem não gostasse disso. Se opusesse a isso.

Helena Neves corrobora com a ideia de que não se quisesse acabar com a revista *Mulheres* mas com o grupo que a formava, tanto que depois é convidada a retomar com *Mulheres Magazine* e hesita, mas acaba por aceitar, com o receio que este “segundo fôlego” retomasse num cariz mais conservador. Recorda que, ao contrário de Álvaro Cunhal, que gostava da revista, houve sempre, quem discordasse e achasse que o partido não devia desperdiçar forças naquele projecto: era «misoginia a mulheres de pensamento feminista», alega.

Importa dizer que a revista tinha uma ligação estreita ao jornal *O Diário*, tinham a mesma distribuição, de tal modo que, quando este acaba, resultam consequências graves para a revista. Acresce a todos estes constrangimentos internos o facto de surgirem outras revistas femininas que não tendo o mesmo conteúdo, vão disputar as leitoras femininas. Os problemas no que toca à publicidade também se sentiam cada vez mais, aumentando a dificuldade em conseguir um tipo de publicidade que não chocasse com a crítica que a revista fazia.



## **Parte II – Uma revista de *classe* e uma revista de *gênero***

## Capítulo 1: As questões do trabalho

### 1.1 Da luta geral às lutas específicas das mulheres

A abordagem de *Mulheres* às questões do trabalho centrou-se no facto das mulheres serem as mais desempregadas, as mais exploradas, as menos pagas, as mais sobrecarregadas, as menos qualificadas e também as menos presentes na direcção do movimento sindical. Em *Mulheres* temos, por um lado, a valorização daqueles que foram secularmente os trabalhos ditos femininos (e os seus quotidianos silenciados), e por outro, a desconstrução da divisão sexual do trabalho e afirmação das mulheres em trabalhos ditos masculinos.

Verificamos que ao mesmo tempo que as mulheres têm maior acesso à educação e ao mercado de trabalho, continuam a ser as mais exploradas e discriminadas (mesmo que a discriminação nem sempre seja evidente). Dentro das alterações do mercado «liberalizado», acentua-se o crescimento da precarização do trabalho com os discursos da flexibilização e da normalização do trabalho em *part time* e conciliação da vida doméstica com actividades *free lance*. O sistema recua em função das necessidades do mercado e o crescimento dos discursos sobre os constrangimentos para a mulher que trabalha e assume a dupla e tripla tarefa (do trabalho assalariado, o trabalho doméstico e o cuidar os filhos). Daí a preferência por mulher solteiras face às mulheres casadas e com filhos. Mas também a preferência sexista de mulheres jovens e bonitas para certas áreas feminizadas. Rose-Marie Lagrave em «Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX» considera os anos entre 1975 e 1990 de profundas alterações, na arte de tirar proveito da divisão sexual do trabalho:

A progressão dos efectivos femininos no ensino secundário e no ensino superior e o número crescente de estudantes do sexo feminino nas disciplinas ou áreas consideradas masculinas fundamentam «razoavelmente» a ilusão de uma igualdade de oportunidades. Mas os números opõem um desmentido formal a essa esperança de recuperação. À medida que se eleva a taxa de escolarização, a feminização das áreas progride como uma bola de neve. As gerações jovens, tal como as precedentes, orientam-se para áreas já feminizadas.<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Rose-Marie Lagrave, “Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 539

Estas transformações vão ao encontro de análises marxistas que compreendem que o capitalismo tem necessidade da mão-de-obra feminina, ciclicamente, e isso justifica as «cedências» em relação às exigências femininas, consoante as oscilações do mercado. É neste contexto enquadrada a «feminização da pobreza» e o crescimento das redes de tráfico de mulheres e a prostituição.<sup>78</sup> Veremos, de seguida, como em *Mulheres* se manifestam estes processos e a crítica feita.

A propósito da II Conferência Sindical de mulheres trabalhadoras, em conversa com a responsável pelo Departamento de Mulheres da CGTP, Odete Filipe dá conta dos problemas que afastam as mulheres da militância: «a dupla tarefa, a carga familiar, a falta de partilha das tarefas na família. Quantas horas trabalha a mulher em casa depois do trabalho profissional? Que tempo disponível têm as mulheres para se formarem, para se informarem?». Mais:

A falta de participação das mulheres na direcção sindical origina que mesmo, em sectores maioritariamente de mão-de-obra feminina, são homens a negociar a contratação colectiva. A situação não é, de facto, contra os homens mas quer se queira, quer não, os homens não têm a mesma sensibilidade para as reivindicações que são sentidas pelas próprias mulheres e que conduzidas por elas poderiam dar uma outra mobilização feminina.<sup>79</sup>

E recorda Helena Neves:

Ouçó Odete Filipe e recordo as vozes magoadas mas já em revolta de delegadas sindicais que frequentemente dizem à nossa revista, que participam no movimento sindical “às escondidas” do marido – não raro ele também activista sindical! – Recordo que segundo vários sindicalistas, os “bons quadros femininos” sindicais são as solteiras, divorciadas e viúvas que não têm responsabilidades familiares. Recordo o desequilíbrio constante das mulheres que se dão mais ao movimento sindical, seguindo um ritmo não adaptado à sua

---

<sup>78</sup> Sobre a prostituição – tema que gera grande controvérsia em algumas correntes feministas – importa dizer que em *Mulheres*, a prostituição é tratada enquanto vitimização da mulher e consequência socioeconómica que empurra a mulher para essa situação. Análise comum dentro dos feminismos de «segunda vaga», bem como a própria posição do PCP sobre o tema. A prostituição não é, portanto, tratada enquanto possível força de trabalho, como algumas posições feministas posteriores (e actuais) conceberam.

<sup>79</sup> Helena Neves, “Sindicalismo: II Conferência de mulheres trabalhadoras: a conquista de outro espaço”, in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.79

vida, criam problemas em relação à família e, se ocupam mais dos filhos, se sentem em falta relativamente às tarefas sindicais.<sup>80</sup>

E termina, realçando, experiências a tomar como exemplo, a Federação Sindical Revolucionária de Salvador que realizava sessões com os homens, da importância revolucionária da partilha das tarefas domésticas e combate ao sexismo nos sindicatos.

Neste sentido, Maria Teresa Horta dá conta, a propósito da Conferência Sindical Nacional Sobre os Problemas da Mulher Trabalhadora, em 1978, de como as mulheres telefonavam para casa a avisar o atraso das sessões aos maridos e que haviam deixado as refeições prontas, ou dando indicações de como preparar a refeição dos bebés.<sup>81</sup>

Na rubrica «3 Mulheres 3 Experiências diferentes de participação colectiva» é entrevistada Idália Cerca Martins, operária na Plessey Automática, que depois do 25 de Abril se torna delegada e mais tarde, dirigente sindical. Idália explica como a participação colectiva a despertou para os preconceitos em que concebeu a sua vida, até aí:

A minha única aspiração era o casamento. Sonhava com um bom marido que tivesse um bom emprego e me mantivesse em casa; que decidisse por mim em tudo. Sendo ele o meu «senhor», me prendesse e visse em mim a «fada do lar»... Eu era o medo da vida e ele o meu protector! Eu era uma mulher triste, conformada, limitada... Só me preocupava com os meus próprios problemas.<sup>82</sup>

Para Idália foi com o 25 de Abril que se tornou noutra mulher, com o acesso ao diálogo livre e à leitura e discussão, abrindo-lhe os olhos para o mundo e, em particular, para os problemas específicos das mulheres, e da força que têm quando conscientes e organizadas:

Foi importante para mim ter sido dirigente sindical, embora a tenha sentido como experiência bastante dura, pois tive de enfrentar problemas que nem sempre foram fáceis de resolver. As pessoas (certas pessoas...) ainda não encaram bem o facto das mulheres estarem em cargos de responsabilidade, e dificultam, discriminam [...] As mulheres possuem problemas específicos, há que abordá-los. E temos de ser nós, mulheres

---

<sup>80</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>81</sup> Maria Teresa Horta, “Mulheres trabalhadoras tiveram Conferência Nacional”, in *Mulheres*, nº 8, Dezembro de 1978, pp. 10-11

<sup>82</sup> s.a. “3 Mulheres 3 Experiências diferentes de participação colectiva (3)”, in *Mulheres*, nº 10, Fevereiro de 1979, p.22

trabalhadoras (no meu caso) a reivindicar a justiça a que temos direito. A nossa consciência de classe é deste modo acrescentada a uma consciência de mulher, que nos vai ajudar na luta diária, lado a lado com os outros trabalhadores. Não podemos continuar à espera do jugo ancestral que nos tem discriminado. Há que lutar contra isso! Mais a mais, a Constituição está do nosso lado: ela proíbe todas as diferenças entre homens e mulheres!<sup>83</sup>

A propósito do II Encontro de Trabalhadoras de Hotelaria do Sul, são reportadas as maiores dificuldades sentidas por estas trabalhadoras, da desvalorização da sua força de trabalho à discriminação sexista: «Somos só duas mulheres para 24 quartos. O corredor do hotel tem quilómetros...às vezes temos de carregar com grandes pesos. Custa-nos muito. E, no entanto, o nosso trabalho é sempre considerado secundário», dizia-nos, nomeando a força do esfregar dos lavabos, do aspirar do chão, do esticar dos lençóis sobre as camas. E lembrava por outro lado, a falta de condições de trabalho das mulheres das lavandarias, onde as máquinas são velhas e desgastadas: «muitas vezes, no Inverno, as mulheres das lavandarias tem de trabalhar com água até aos joelhos e, no Verão sufocam com o calor e a falta de ventilação. É duro».<sup>84</sup>

Helena Neves aponta o paralelismo da multiplicidade de tarefas do foro doméstico realizadas pelas mulheres da hotelaria e a condição da domesticidade que carrega o peso da servidão, que figura com os testemunhos de algumas dessas mulheres, como Delfina Nunes: «Temos muito poucas condições e ninguém dá valor ao nosso trabalho, trabalhamos muito e ganhamos pouco»; ou com Maria de Jesus: «As mulheres devem erguer a cabeça e mostrar que não são mais escravas, nem criadas para todo o serviço, nem pau para toda a obra...O tempo da escravidão já acabou».<sup>85</sup>

Outro problema apontado no artigo é do desemprego e a preferência por jovens solteiras e atraentes:

Tenho procurado...Mas com a minha idade...Os patrões e os chefes escolhem as meninas jovens e bonitas. Infelizmente ainda é assim», comentava-nos, juntando mesmo «eles querem saber a medida da cintura, a medida da perna. Num hotel onde me fui inscrever, sei que só escolheram meninas novas». [...] «Sabemos que muitas vezes usam as

---

<sup>83</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>84</sup>s.a. “Encontro de Trabalhadoras da Hotelaria: «Não somos pau para toda a obra»”, in *Mulheres*, nº81, Janeiro de 1985, p. 26

<sup>85</sup> Idem, *Ibidem*.



mulheres como isco para atrair clientes em alguns restaurantes ou em *boates*, para venderem mais bebidas.<sup>86</sup>

E ainda a discriminação sexista: «As mulheres são normalmente designadas para as limpezas e para toda a espécie de trabalhos considerados menores. Dizem que elas têm naturalmente mais jeito para determinadas coisas». O artigo dá ainda conta da necessidade da educação para a consciencialização, visto que quase cinquenta por cento dos trabalhadores da hotelaria são mulheres e que, na sua maioria, não sabem ler nem escrever (atendendo a isto, o Sindicato de Hotelaria do Sul promove um curso de alfabetização para as trabalhadoras da hotelaria).<sup>87</sup>

Das conclusões de um plenário organizado pelo departamento feminino da CGTP, com várias dirigentes e delegadas sindicais, *Mulheres* aponta para o aumento da exploração e discriminação das mulheres nos locais de trabalho, e apresenta alguns exemplos:

Na Standard Eléctrica afixam-se quadros com os nomes das trabalhadoras e respectiva produtividade; na Opti-Por, as mulheres têm de preencher uma declaração com o nome dos filhos para posterior confirmação por parte do patrão da veracidade da assistência invocada; nos CTT há já tentativa de recusar antecipação de saída (prevista no Acordo Colectivo de Trabalho) para dar assistência aos filhos, e recusam-se pedidos de horários flexíveis a trabalhadoras com filhos menores de 12 anos; na Vesticom as mulheres tem de ser identificar para ir à casa de banho.

A juntar ao facto de auferirem salários mais baixos, a maior dificuldade de promoção e os alvos preferenciais de contratos a prazo.<sup>88</sup>

O artigo «Mulheres querem lavandarias colectivas», trata um fim-de-semana passado em Portalegre, com a participação de quatro Comissões Unitárias de Mulheres (de Sousel, Casa Branca, Cano e Almadafe), com o objectivo de fazer frente ao aumento do custo de vida; e reivindicarem a criação de lavandarias colectivas, de modo a aliviarem a dupla tarefa, após a jornada de trabalho, ao lado dos homens:

---

<sup>86</sup> Idem, *Ibidem*, p. 27

<sup>87</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>88</sup> s.a. “Daqui e Dali: Mulheres trabalhadoras. Discriminação cada vez mais grave”, in *Mulheres*, nº81, Janeiro de 1985, p.10

É dura esta vida. Depois de regressar dos campos temos ainda a casa, as crianças, a comida, a roupa toda para lavar à mão. Durante o Inverno, na água gelada!». Alegam que apesar da vontade nem sempre é fácil arranjar tempo livre para se organizarem, e ainda a resistência de alguns maridos: «Tenho que pedir ao meu patrão (marido) se me deixa ou não fazer parte da Comissão...». <sup>89</sup>

No inquérito «Cidadãs a meio tempo. A mulher mãe de família», a propósito de um diploma aprovado em Conselho de Ministros, permitindo que as mulheres trabalhem a «meio tempo» na função pública, *Mulheres* marca posição:

Num país onde as creches e os infantários são, além de caros, uma raridade, onde uma empregada doméstica é um luxo, onde a mulher empregada acumula o seu trabalho profissional com o cuidar da casa e dos filhos, este diploma parece, à primeira vista, extremamente aliciante. Feito o balanço ao dinheiro e ao cansaço, muitas mulheres são tentadas a pensar que temos um governo que se preocupa com a sua condição e lhes quer conceder um privilégio (...)

E destacamos a uma das opiniões expressadas, de Isabel Mendes (casada, de 25 anos) que considera, em primeiro, que o decreto é assente num preconceito que é o de que a mulher deve permanecer em casa a cuidar dos filhos, em segundo lugar, que deve existir, isso sim, uma flexibilidade de horário à mãe e ao pai quando necessitarem de tratar de questões familiares e, em terceiro, que é uma tentativa do Estado se desresponsabilizar das reais necessidades, de criar mais creches e infantários. <sup>90</sup>

Na secção «A mulher e o desporto: Mulher trabalhadora – que desporto?» assinado por Isabel Rocha, é feito o apelo à necessidade de haver mais trabalhadoras com a possibilidade de praticar desporto seja, nas fábricas, empresas, locais de trabalho, por parte dos sindicatos e comissões de trabalhadores. E havendo já alguns esforços neste sentido, interroga-se que opções têm as mulheres trabalhadoras e a necessidade de começar esse inventário. (E apela à colaboração, para enviarem indicação do local de trabalho e que desporto praticam, afirmando que à medida do possível será publicado). <sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> s.a. “As mulheres querem lavandarias colectivas”, in *Mulheres*, nº2, Junho de 1978, p.10

<sup>90</sup> s.a. “Cidadãs a meio tempo. A mulher, mãe de família”, in *Mulheres*, nº26, Junho de 1980, p.20

<sup>91</sup> Isabel Rocha, “Mulher trabalhadora – que desporto?”, in *Mulheres*, nº10, Fevereiro de 1979, p.8

No caderno especial de 1984 intitulado «A recusa das mulheres como afirmação de luta», Helena Neves denuncia a feminização da pobreza, declarando que as mulheres são as mais marginalizadas dentro dos marginalizados e que constituem a maioria dos desempregados, tanto nos países ricos, como nos países pobres:

As mulheres, o sexo pobre, mais de metade da população mundial, asseguram dois terços do trabalho, 60% do total de horas de trabalho no total dos países, recebem apenas 10% dos rendimentos e possuem 1/100 da propriedade. (...) No nosso País, cerca de 70% dos desempregados são mulheres.<sup>92</sup>

Helena Neves dá-nos conta das lutas travadas em 1984, em que as organizações feministas e femininas no mundo (em Portugal, o MDM) travavam o combate contra as medidas económicas, reconhecendo a conexão entre a exploração económica e a exploração sexista. E cita Rosa Dominga Trapasso (religiosa que viveu no Peru durante 30 anos), para dizer que a luta contra a feminização da pobreza passa por, «lutar contra a pobreza é para as mulheres romper as bases do triângulo Capitalismo, Sexismo, Racismo».<sup>93</sup>

Em *Mulheres*, a exploração económica e a exploração sexista surgem como que inseparáveis, condicionando a mulher a bater-se em duas frentes pela emancipação – na luta mais geral por uma sociedade livre de exploração, contra o capitalismo, e noutra frente, mas que é indissociável da primeira, na luta contra o sexismo. Vimos também, que no mercado de trabalho como no movimento associativo/ sindical foi o discurso da domesticidade (que trataremos adiante) que continuou a condicionar a acção das mulheres.

## **1.2. Dos trabalhos específicos das mulheres aos estereótipos profissionais**

Maria Lamas em *As Mulheres do Meu País* constrói uma grande reportagem sobre as mulheres populares, os seus trabalhos e quotidianos (da indústria têxtil, corticeira, conserveira, do barro e faianças; na agricultura; nas que trabalhavam nas salinas e seca

---

<sup>92</sup> Helena Neves, “Especial 1984: A recusa das mulheres como afirmação de luta”, in *Mulheres*, nº81, Janeiro de 1985, pp. 37-42

<sup>93</sup> Idem, *Ibidem*, p.38

do bacalhau; guardas de linhas das estações ferroviárias; empregadas domésticas; entre outras). Note-se a apreciação que Maria Lamas faz do primeiro fascículo, «Nada mais do que um documentário vivo e sincero». O historiador José Neves realça que o «sincero» significava a representação da realidade social da miséria, cumprindo portanto, uma tarefa política; e o «vivo» indicava uma certa sensibilidade etnográfica», para além da representação de género (na equação entre classe e nação).<sup>94</sup>

Podemos dizer que é este trabalho «vivo» e «sincero», no sentido apontado por José Neves, que observamos na revista *Mulheres*: as reportagens sobre trabalhos específicos das mulheres, por todo o país, e de todos os tipos de trabalho. Por exemplo, mulheres varredoras de ruas, porque «varrer» representava uma prática tradicional da mulher, e à época, não era comum haver homens varredores de ruas. Neste sentido, temos alguns trabalhos de Eugénia Cunhal, como «Mulheres de Setúbal: Muitas formas de vida». Dentro da rubrica sobre mulheres dos vários pontos do país, em Setúbal falaram com donas-de-casa, operárias, trabalhadoras rurais; e muitos outros de Leonor Nunes e Helena Neves, como «Artesanato em casebres. Nascendo das mãos de mulheres».

Por exemplo, em «Bordadeiras de Viana do Castelo. Um ciclo ainda de tristeza» de Helena Neves e com fotografias de Isabel Ribeiro. Na reportagem é realçada a arte herdada de gerações de mães para filhas, da dureza do trabalho, de muitas horas e das dores provocadas, com o testemunho de algumas dessas mulheres bordadeiras: «Foi um castigo. E faz doer as costas e o rabo». Por outro lado, de como continua a ser um trabalho mal pago e vendido a bons preços, em que quem ganha são as intermediárias:

Então, como hoje, as intermediárias davam a matéria-prima, o material as barras, as linhas, o tecido. Chegam, encomendam, marcam prazos, pagam a obra mal e pouco e depois vendem-na a bom preço para lojas a que nas cidades chega apenas o poder de compra de estrangeiros que as pagam bem e muito.<sup>95</sup>

Outro exemplo deste tipo de reportagem é o artigo sobre as «Mulheres do Bairro Vermelho», de Manuela Alves e com fotografias de Matilde Nunes, sobre as condições de trabalho (falta delas) e dureza de trabalhar em fábricas de cerâmica (sobretudo do barro

---

<sup>94</sup> José Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no Século XX*. Lisboa: Tinta-da-china, 2010, p.230

<sup>95</sup> Helena Neves, «Bordadeiras de Viana de Castelo: Um ciclo ainda de tristeza», in *Mulheres*, nº 87, Julho de 1985, p.31

vermelho) provocando vários problemas de saúde, como problemas reumáticos, silicose e doenças de pele e sem assistência médica, «vivemos à custa de analgésicos!».<sup>96</sup>

E no artigo «Nós não podemos ser desprezadas: Trabalhadoras da Cooperativa Evaristo Gago falam das suas vidas»<sup>97</sup> é tratada a dureza do trabalho de oito horas e do trabalho que se segue em casa, pior ainda para as mulheres com filhos e sem possibilidade de creches porque a Cooperativa não tem dinheiro para tudo, sobretudo face à subida do custo de vida. É abordada também a diferença salarial entre homens e mulheres: 150\$00 diários para as mulheres e 200\$00 diários para os homens.

Em «Somos Mulheres-Mães-Trabalhadoras», Fernanda Lapa escreve sobre as dificuldades das actrizes. Conta como historicamente as actrizes foram sempre mal vistas, «eram consideradas prostitutas», sofrendo o duplo preconceito sobre a profissão, entendida como de pouca seriedade e claro que, sendo mulheres, tinham automaticamente o rótulo de levianas:

Esta é a primeira discriminação contra a qual, nós mulheres do Teatro, temos de lutar. Somos Mulheres, Mães, Trabalhadoras. Temos problemas iguais aos vossos: mulheres-operárias-médicas-donas-de-casa...Temos problemas específicos. É sobre eles que vos quero falar.<sup>98</sup>

No artigo «Recusamos ser bonecas decorativas», Maria Teresa Horta, aborda a imagem sexuada das secretárias. Da secretária-*sexy* subjugada ao patrão, imagem de boneca e não profissional, como um objecto de enfeite do patrão e da empresa: «A imagem da Secretária continua ainda hoje a ser a tradicional imagem mítica: da loira cheia de curvas, ancas ondulantes, meias pretas, saia travada...enfim, «a que se senta nos joelhos do patrão». A imagem da «Vamp», a secretária dos anos 50 disseminada nos filmes e livros, a «rival da mulher do patrão»; a «boneca-Secretária» a «Secretária-objecto».<sup>99</sup> Mas aborda também a vontade destas mulheres de recusa da sua condição, exigindo ser reconhecidas pela sua competência profissional. Para combater esta imagem-realidade é criado o «Dia da Secretária», comemorado na FIL, «Temos de lutar contra os botas-de-

---

<sup>96</sup> Manuela Alves, “Mulheres do Bairro Vermelho”, in *Mulheres*, nº 9, Janeiro de 1979, pp. 20-21

<sup>97</sup> s.a “Nós não podemos ser desprezadas”, in *Mulheres*, nº9, Janeiro de 1979, p.33.

<sup>98</sup> Fernanda Lapa, “Somos Mulheres - Mães -Trabalhadoras”, in *Mulheres*, nº2, Junho de 1978, p. 32

<sup>99</sup> Maria Teresa Horta, “«Recusamos ser bonecas decorativas»”, in *Mulheres*, nº 23, Março de 1980, p.12



elástico», e pugnar pela nossa imagem de secretária moderna!», afirmava a secretária Maria das Dores.<sup>100</sup>

O artigo «Bonecas Voadoras?» sobre a profissão das assistentes de bordo tem subjacente o mesmo tipo de crítica que o anterior artigo. Contactando trabalhadoras da TAP, é dito que, além das qualificações ligadas ao funcionamento dos aviões, «exige-se que seja, enfim, uma boa dona de casa a dez mil metros de altitude».<sup>101</sup> São abordadas as condições à época, já bastante diferentes das restrições do passado<sup>102</sup> – no que toca ao casamento e ao controlo da rotina e vida íntima – mas outras que se mantêm. Maria Teresa Horta destaca a «estupidificação» expressa no regulamento interno da TAP, que trata as trabalhadoras como verdadeiras «bonecas», mulheres bonitas (sempre), com maior poder económico que a maioria das mulheres trabalhadoras, mas que sofrem um grande desgaste, a juntar às dificuldades em conciliar a vida familiar. E conclui que estas trabalhadoras, apesar de economicamente mais realizadas, não fogem à sua *condição de mulheres*: «simpáticas, bem-falantes, não donas-de-casa, mas donas-de-avião...».<sup>103</sup>

No artigo intitulado «Profissão para mulheres?» sobre a profissão de educadoras de infância, é feita uma entrevista ao único aluno das escolas de educação de crianças. Questionado sobre se é realmente uma profissão feminina, considera que sim, dado que se «contam pelos dedos» os homens naquela profissão. Diz também que o facto da discriminação salarial está relacionado com o facto de ser uma profissão dita feminina e um homem que escolha a profissão está, deste modo, a rebaixar-se. Considera que a presença de homens nas creches é muito importante pois completam o trabalho das mulheres, permitindo às crianças terem a «noção exacta das reacções dos adultos que não os pais».<sup>104</sup>

O artigo torna evidente como a discriminação recaí sobre quem põe em causa a ordem da divisão sexual do trabalho, sejam mulheres ou homens. Neste caso, o homem que opta por trabalhos ditos femininos deve apresentar «tendências femininas»:

A aparente discriminação sexual de que os homens são vítimas nesta profissão é, lá no fundo, afinal, uma forma de machismo. Ainda recentemente, um deputado de um partido

---

<sup>100</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>101</sup> A.C.S., “«Bonecas Voadoras?» Servir bandejas a dez mil metros de altitude”, in *Mulheres*, nº 24, Abril de 1980, p.8

<sup>102</sup> Durante o Estado Novo, as hospedeiras de bordo, tal como as enfermeiras e telefonistas, estavam proibidas de casar (quase como uma forma de castigo por saírem do seu lugar “natural”, do lar).

<sup>103</sup> *Mulheres*, nº 24, Abril de 1980, p.9

<sup>104</sup> s.a. “Educar crianças: profissão para mulheres?”, in *Mulheres*, nº 23, Março de 1980, p.6

de direita, referindo-se à educação infantil, afirmou que o grande número de homossexuais na Suécia era devido à participação de homens nas creches suecas... O homem que quer trabalhar com crianças demonstra, no entender destes espíritos retrógrados, tendências femininas, tal como aquele que lava a loiça ou a roupa em casa. Aquele que faz os chamados «trabalhos de mulheres», não compatíveis com a «virilidade-padrão».

Questionado com problemas de discriminação, Pedro alega,

Quando trato com os pais, normalmente, não tenho problemas. Os problemas são mais com as mães, por estranho que pareça. Elas tratam as educadoras pelo nome próprio e chamam-se a mim, senhor professor. Eu sou «a instrução», as mulheres «limpam as fraldas».<sup>105</sup>

Mais: como a mulher é, ao mesmo tempo, vítima e reprodutora destas discriminações:

As pessoas aceitam tão mal a intrusão de um homem numa profissão «feminina» como a de uma mulher numa profissão «masculina». As principais dificuldades que o Pedro tem sentido na escola de educadoras são questões de ambiente, mais do que de disciplinas. [...] A mulher, marginalizada na sociedade, secundarizada em todas as actividades, acaba por funcionar, em grande número, como defensora dos privilégios injustos do sexo masculino, segregando, nos seus ambientes, aqueles que pretendem anular essas diferenças. A reacção, natural, produto de uma educação de gerações e gerações, vai mudando aos poucos.<sup>106</sup>

### **1.3. Trabalho doméstico – Trabalho não-assalariado**

A «ideologia da domesticidade», ligada à afirmação da burguesia industrial do século XIX e a expansão das relações de produção capitalistas resultaram na dicotomia entre o lar e o local de trabalho (privado/público), com implicações na organização da estrutura familiar. Ideologia da família que serviu para ofuscar as relações de classe, bem como a definição cultural da divisão sexual do trabalho. Uma vez que a separação entre homem

---

<sup>105</sup> Idem, *Ibidem*, p.7

<sup>106</sup> Idem, *Ibidem*.

e mulher é vista como natural, seria a natureza que decretava as funções de cada um, e à mulher caberia cuidar, sendo mãe e esposa (ou companheira).

Recorremos a Manuela Tavares,

É um facto que o discurso da domesticidade foi apresentado como um discurso baseado no género e não na classe social. Um discurso para todas as mulheres, criando um padrão, segundo o qual elas poderiam ser avaliadas, não pelo seu dinheiro ou cultura, mas pela sua capacidade de cuidar da casa. Contudo, para as mulheres de sectores sociais mais desfavorecidos, a casa representava a sua dupla tarefa, pois tinham de trabalhar também fora de casa.<sup>107</sup>

A historiadora Alice Samara, no seu livro *Operárias e Burguesas*, dá conta de como as mulheres das camadas populares tinham maior presença no espaço público, tendo outro tipo de sociabilidade da mulher burguesa, confinada à reclusão do lar. Mas que a ideologia da domesticidade teve o mesmo «pano de fundo da vida de todas elas».<sup>108</sup>

A imagem socialmente construída daquilo que o trabalho representa e o núcleo «família-domesticidade» empurraram o trabalho doméstico para o campo do «não-trabalho». É nesta recusa – da desnaturalização e do seu reconhecimento – que se centram os discursos sobre o trabalho doméstico: na persistência na dureza do trabalho, contínuo, solitário, não reconhecido e da necessidade de evasão, enquanto sentimento comum entre as mulheres donas-de-casa. Neste ponto, englobamos o trabalho doméstico no seu todo, seja o desempenhado pelas donas-de-casa (e a sua condição de trabalho não-assalariado) como o das trabalhadoras domésticas assalariadas.

No artigo «Quem disse que a mulher não trabalha em casa?»<sup>109</sup> é apresentado um estudo (com os dados do prof. Cazaian) em que se compara o trabalho doméstico a outros tipos de trabalho, tradicionalmente masculinos, como o de pedreiro, em termos de calorias perdidas, concluindo que algumas tarefas domésticas absorvem mais energia que trabalhos masculinos, aos quais se atribui, quase exclusivamente, a força de trabalho.

Na rubrica «Mulher e a Vida», entre muitos outros artigos com o mesmo enfoque, é dada voz a Maria de Fátima Sousa, uma empregada doméstica que não gosta da

---

<sup>107</sup> Manuela Tavares, *Feminismos. Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 59

<sup>108</sup> Idem, *Ibidem*, p. 60

<sup>109</sup> s.a. “Quem disse que a mulher não trabalha em casa?”, in *Mulheres*, nº 3, Junho de 1978, p.26

profissão, considerando-a, «triste, dura e injusta»: «Fátima tem dificuldade em encontrar as palavras exactas que definem bem a marginalização – também afectiva – em que vivem as empregadas domésticas dentro das casas em que “servem”». <sup>110</sup>

É abordada a condição alienante da profissão:

Fátima não fala do futuro em termos de evolução, de luta por uma vida melhor. Pelo contrário: é como se estivesse conformada com os dias que a esmagam, com a marginalização que sofre; desligada de tudo, não pertence ao seu sindicato, recusa qualquer consciência de classe [...] Fala devagar, mansamente, enquanto vai passando a ferro, repetindo assim gestos milenários recebidos, de mulher para mulher, ao longo dos séculos... <sup>111</sup>

Na rubrica «Daqui e Dali» de Dezembro de 1979, é notícia: «Empregadas domésticas fazem congresso», com o lema “dizemos não à servidão”. <sup>112</sup> Reivindicam neste I Congresso: horário de 45 horas; um dia e meio de descanso semanais; direito aos feriados; direito a férias com subsídio e 13º mês; e criar cooperativas onde aprendam a «dirigir, planear e gerir a sua produção». Lembram ainda que a lei que até à altura regula a actividade das empregadas domésticas é do ano 1836. Por outro lado, reivindicavam também a reconversão da profissão, através da criação de lavandarias, creches, refeitórios, de modo a que estes serviços chegassem aos que tivessem menores rendimentos.

Na cobertura à preparação do Encontro das Mulheres do concelho de Coimbra, a realizar a 10 de Dezembro de 1978, falaram com Ângela Lopes, da Comissão Promotora do Encontro, e que dava conta dos grupos de trabalho: A Mulher e o Trabalho; A Mulher Dona de Casa; A Mulher, a Constituição e a Lei; Custo de Vida; As jovens – o presente e o futuro. Para Ângela Lopes, o momento de formação de um novo governo é a altura para as mulheres se unirem e exporem os seus problemas. Paradigmático é o testemunho da dona-de-casa Alexandra Lopes:

É preciso uma grande força de vontade e consciência, para que donas de casa como eu (vivendo fechadas, isoladas, sem contactos, acabando mesmo por não saber falar com as

---

<sup>110</sup> s.a. “A Mulher e a Vida”, in *Mulheres*, nº 5, Setembro de 1978, p.2

<sup>111</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>112</sup> s.a “Daqui e Dali: Empregadas Domésticas fazem Congresso”, in *Mulheres*, nº 20, Dezembro de 1979, p.18

outras pessoas), nos dispormos a participar colectivamente! Porém, a verdade é que só juntas poderemos conseguir alguma coisa para melhorar as nossas vidas. Mas torna-se tão difícil conciliar estas actividades com a vida de casa...Tem de haver uma grande compreensão da parte da família, compreensão essa que em muitos casos não existe. Eu, por exemplo, às vezes tenho lutas com o meu marido nesse capítulo, mas não desisto. Há que continuar!<sup>113</sup>

No artigo «3 Mulheres, 3 Experiências Diferentes», Maria Teresa Horta, dá-nos o exemplo de vida de Filipa, dona de casa, que começou a fazer parte da Comissão de Moradores e foi candidata pela FEPU na Freguesia de Nossa Senhora de Fátima. Dá-nos conta que como era a sua vida antes de participar na vida colectiva: «As mulheres donas de casa trabalham muito; um trabalho enervante, sem fim...trabalho feito para logo se desfazer...trabalho pesado de solidão». E de como a sua vida mudou, em função da sua politização: «Pois é...eu mesma acreditei durante muito tempo nessas ideias erradas: que a participação colectiva nos afastava da família, etc.! Mas é bem o contrário, passamos a ter mais pontos em comum com os filhos, com o marido. Passamos a ter mais motivos de diálogo e alegria».<sup>114</sup>

Segundo a historiadora Inês Brasão,

O trabalho doméstico é herdeiro de um estigma de desvalorização<sup>115</sup> que acompanha as actividades baseadas na prestação de serviços pessoais. A relação de trabalho cria dois efeitos contraditórios: por um lado, a questão de classe, por outro, a identidade de género estabelecida entre as mulheres. Há ainda um problema de estatuto, pois o recurso a empregadas domésticas confere uma certa posição à mulher dona de casa, facto que despromove a «solidariedade de género».<sup>116</sup>

---

<sup>113</sup> s.a. “Problemas de Mulheres em Debate”, in *Mulheres*, nº 8, Dezembro de 1978, p.13

<sup>114</sup> Maria Teresa Horta, “3 Mulheres 3 Experiências diferentes de participação colectiva (1), in *Mulheres*, nº 7, Novembro de 1978, p.7

<sup>115</sup> Um estigma de desvalorização, com raízes históricas mais longínquas: «No início do século XIX, a identificação do trabalho doméstico com uma actividade de natureza não produtiva, não assalariada e à margem da economia arredou-o dos estudos sobre o trabalho. Adam Smith escreveu que o trabalho de um criado, por oposição ao de um operário, «nada acrescenta a qualquer valor». Afastado do âmbito da economia, constituía, porém, um componente integrado na interpretação do estilo de vida das classes ociosas. O facto de a classe ociosa se reservar à ocupação de funções de prestígio era, em grande medida, suportado por uma classe de subalternos que credibilizava esse prestígio e viabilizava uma elevada estilização da vida privada.» in Inês Brasão, *O Tempo das Criadas*, p.33

<sup>116</sup> Inês Brasão, *O Tempo das Criadas: a Condição Servil em Portugal (1940-1970)*, Lisboa: Tinta-da-China, 2012, p.34



Ainda Inês Brasão, em *As Mulheres do Meu País* de Maria Lamas, a propósito da situação social das empregadas de serviço doméstico:

As criadas, por oposição às operárias, têm para Maria Lamas muito menor riqueza analítica do ponto de vista de uma história das mulheres «emancipadas». [...] Maria Lamas faz ainda referência ao carácter especial das serviçais, particularmente relacionada com a «ausência de personalidade», atribuindo-lhe uma espécie de psicologismo essencialista refractário à formação de consciência de classe. Segundo a escritora, trata-se de uma classe que adopta facilmente personalidade(s), mitigando a sua *persona*. A não-existência de uma personalidade permitia, na sua interpretação, uma propensão para o envasamento dos valores da família onde era criada sem espírito crítico ou resistência...<sup>117</sup>

Em *Mulheres* observamos algumas das dificuldades imputadas por Maria Lamas à «personalidade» das serviçais, na dificuldade de tomada de consciência de classe; no entanto, o enfoque cai nas mulheres que despertaram para a luta organizada, e aí se tornaram mais independentes, mais felizes. A participação colectiva apresenta-se como o caminho para a felicidade, para a libertação. Vemos, neste sentido, a valorização do serviço doméstico e denúncia dos efeitos nocivos para a mulher (o isolamento, a tristeza) daquilo de secularmente foi entendido como fazendo parte da sua natureza, com uma mensagem, muitas vezes, pessimista, mas não fatalista – activa, revolucionária até – no sentido de Walter Benjamin, de «organizar o pessimismo»<sup>118</sup>.

Em «Ser dona de casa é...» vemos um verdadeiro manifesto:

Em cada uma de nós há uma dona de casa escondida. Ser dona de casa é uma espécie de «segunda pele» que as mulheres transportam consigo toda a vida, que tem em si por educação, latente desde a infância. Criança, adulta, idosa; operária, engenheira nuclear, escritora, trabalhadora do campo, ela também é dona de casa. Ser dona de casa, é pois, o sinal da nossa condição comum, ainda que (por estado, condição social, cultura, experiência etc.) cada mulher viva isso de modo diferente. Dentro de nós, marcada na nossa frente, nos nossos gestos, nos nossos sentimentos: é hábito, raiva ou angústia; é cansaço, resignação e também, quantas vezes, solidão e peso enorme de um trabalho sempre igual, repetitivo e grosseiro. Pouco ou nada criativo...<sup>119</sup>

---

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem*, pp.143-144

<sup>118</sup> Michael Lowy, “A Dialéctica Marxista do Progresso” in José Neves (org.), *Da Gaveta para Fora. Ensaio sobre Marxistas*, Porto: Edições Afrontamento, 2006, p. 267

<sup>119</sup> s.a. “Ser dona de casa é...”, in *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979, pp. 10-11. Ver figuras 28 e 29, pp. XVIII-XIX

## Capítulo 2: As questões culturais

### 2.1. “Iguais sim, mas diferentes”

Como já referimos, a linha da revista foi sempre privilegiar o espaço e papel da mulher. A palavra da mulher e a palavra sobre a mulher, nos vários sectores da sociedade, por entenderem que esse espaço não existia, era subalternizado. Tratou-se, para Maria Teresa Horta, não de uma agenda militante, mas de fazer justiça.

Para a antropóloga Sherry Ortner, a opressão das mulheres acontece porque todas as sociedades colocam a distinção entre «cultura» e «natureza» estabelecendo uma dicotomia entre os sexos, associando o masculino ao «cultural» e o feminino ao «natural». Desta associação advém a desvalorização do papel da mulher, na medida em que está associado ao «natural», e portanto, numa ordem de existência inferior. Acresce a esta dicotomia, a estrutura social e ideológica da separação das esferas (público/ privado) que promoveu, secularmente, o afastamento da mulher do espaço cultural.<sup>120</sup>

Apesar de tudo, houve mulheres que, ao longo dos tempos, se destacaram nas mais variadas actividades artísticas, literárias e intelectuais. Uma das práticas que pautou a crítica feminista foi estudar as obras de mulheres, de forma a trazer à luz do dia, os artefactos culturais que a dominação masculina tornou «invisível».

Em «7 anos de escrita feminina. O que fizemos», Helena Neves aborda a «diferença» que definiu a abordagem de *Mulheres*:

Assumindo a nossa palavra, a nossa criatividade, assumimos a nossa diferença. Recusamos ser “imagem e semelhança” do homem. Recusamo-nos complementares, a outra metade. Suplementares, o apêndice. Desmistificamos os mitos. Afirmámos a nossa diferença. Não temendo a falsa assimilação entre discriminação e diferença, termos opostos, um significando alienação, outro reivindicação de uma identidade própria, única, cuja conquista passa pelo fim de todas as discriminações. A nossa e a dos outros, os oprimidos pela posição social, pela raça, pela crença, pela diferença.<sup>121</sup>

Tentando construir uma outra mentalidade:

---

<sup>120</sup> “Cultura e Feminismo”, in *Dicionário da Crítica Feminista*, Porto: Edições Afrontamento, 2005, p.28

<sup>121</sup> Helena Neves, “7 anos de escrita feminina. Nas nossas mãos”, in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.60

O combate aos estereótipos, às imagens estratificadas, mantidas, transmitidas. Acendendo polémicas. Provocando, por vezes. Intencionalmente. Porque em tudo o que pretendemos e tentámos, sempre subjacente, implícita e explícita, a batalha pela transformação das mentalidades, do qual o combate ao machismo constitui uma frente em que mais nos empenhámos.<sup>122</sup>

Maria Teresa Horta, comentando os filmes de Judit Elek e Marion Hansel, «Dust» e «A Festa de Maria», diz o seguinte:

Curioso, como mulheres tão diversas têm afinal tanto em comum pelo facto de serem mulheres. Como os seus filmes tão diversos, partindo de realidades tão opostas, nos vêm dar afinal o mesmo testemunho, mostrar uma mesma realidade feminina: A solidão da mulher. A violência que se abate sobre ela, quer a nível familiar, quer a nível da sociedade que habitam.<sup>123</sup>

Isto foi entendido por muitos como uma “luta de sexos” que, como a ex-dirigente comunista Zita Seabra refere nas suas memórias sobre a revista, não faria sentido para quem defendia a igualdade entre géneros.<sup>124</sup> Críticas que nos remetem para a dicotomia igualdade/diferença.

Neste capítulo, englobamos as questões relativas à cultura, dentro ou, mais especificamente, a defesa do direito da mulher ao seu corpo e a desconstrução das imagens que tradicionalmente foram atribuídas à mulher e que foram utilizadas e reutilizadas pelo capitalismo. Em *Mulheres* observamos, por um lado, a desconstrução com referência ao presente, e por outro, complementarmente, como estas imagens foram sendo construídas, ao longo do tempo histórico.

---

<sup>122</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>123</sup> Maria Teresa Horta, “Entrevista: Judit Elek e Marion Hansel...a criatividade feminina no cinema”, in *Mulheres*, nº 93, Janeiro de 1986, p.25

<sup>124</sup> Zita Seabra, *Foi Assim*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2007, pp. 375-377

## 2.2. «Direito ao Corpo»

O *slogan* feminista do século XX – da recusa da divisão binária público-privado da sociedade burguesa – *o pessoal é político* afirma que o domínio do espaço privado já é público, no sentido em que é exercido poder, podendo ser um espaço de violência e exploração.

A agenda dos «novos feminismos» que Griselda Pollock define parece encaixar plenamente na agenda de *Mulheres*:

Os novos feminismos são, de maneiras significativas, uma política do corpo – em campanhas em torno da saúde e das reivindicações para as sexualidades femininas, a luta contra a violência e a agressão, bem como contra a pornografia, as questões sobre a maternidade e o envelhecimento. A nova política articula a especificidade do feminino numa relação especial com a problemática do corpo, não como uma entidade biológica, mas como a imagem fisicamente construída que fornece uma localização e, simultaneamente, imagens dos processos do inconsciente relativas ao desejo e à fantasia. O corpo é uma construção, uma representação, um local onde a marca da diferença sexual é inscrita, e é devido ao facto de o corpo ser um símbolo que ele tem sido tão investido na política feminista como um local privilegiado da nossa resistência. Para este tipo de teoria feminista, o corpo é precisamente um ponto de transacção entre o sistema social e o sujeito, entre o que é classicamente apresentado como um interior íntimo ou privado e um exterior público ou social. O corpo semiotizado, como uma figura de discurso e organização política, desgasta essa oposição que tem moldado a concepção política de libertação.<sup>125</sup>

Em «O pavor da contracepção e do aborto – o que esconde?», Helena Neves faz uma análise histórica sobre o medo da sexualidade feminina e a sua relação com o capitalismo:

São remotas as raízes deste medo. Por ele se cala muito mesmo quando se diz alguma coisa. Também na discussão que rodeou a legalização do aborto, algo ficou silenciado, à margem. Falou-se muito do planeamento familiar – expressão já de si significativa porque redutora ao círculo familiar –, alguma coisa da educação sexual mas passou-se –, passa-se sistematicamente ao lado da questão central num debate deste tipo: a sexualidade

---

<sup>125</sup> Griselda Pollock, “A política da teoria” in *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa: Edições Cotovia, 2002, p. 200

feminina. Sim, a sexualidade feminina, essa dimensão ignorada durante séculos ou, o que era pior, equiparada a perversão, transvio. Porque o prazer era, é, tido como domínio do homem, seu privilégio, sinal da sua diferença. O discurso filosófico, literário, médico o refletiram, o alimentaram, este dogma, este mito.<sup>126</sup>

Da psicanálise de Freud, Helene Deutsch, Dorothy Burlington, Susan Isaacs e Melanie Klein. Para Helene Deutsch, a génese da feminilidade é a disposição para a maternidade, é aí que encontra a realização e felicidade, entendendo o orgasmo vaginal como a negação da feminilidade, restrita às «mulheres agressivas, masculinas, às que exercem a sua inteligência».<sup>127</sup>

A importância fundamental da contraceção, diz citando Juliet Mitchell, «é que ameaça dissociar a experiência sexual da experiência reprodutiva que toda a ideologia burguesa contemporânea tenta fazer inseparáveis como razão de ser da família»<sup>128</sup>, mas é mais do que isto, porque o capitalismo tem necessidade da mão-de-obra feminina ciclicamente, enquanto fonte de reserva, sendo por isso mais vulnerável às crises do sistema e flutuações económicas:

Por isso o antagonismo entre a função reprodutora e a função produtora da mulher que o próprio capitalismo acentuara, terá oscilações. O poder vai agir necessariamente na ambivalência. Entre a «cedência» às exigências femininas pela adopção de leis relativas a contraceção e aborto em períodos de expansão da economia, isto é, sempre que necessita de aproveitar-se de mão-de-obra feminina e aqui enaltece o trabalho da mulher e promove a propaganda pelo controlo de nascimentos. E entre a exaltação da função reprodutora da mulher, como sucedeu nos primeiros anos do nazismo e do fascismo («*A mulher para o lar*») quando a economia se retrai, quando as mulheres são recambiadas para casa a todo o vapor, como é o caso do nosso país actualmente. Quer num caso, quer noutro, o que está em causa para o sistema é sempre controlar o corpo da mulher, vigiá-lo, reprimi-lo.<sup>129</sup>

Portanto, o direito ao corpo da mulher que se manifesta, entre outras questões, na afirmação da sua sexualidade, com o direito à contraceção e ao aborto, constituem

---

<sup>126</sup> Helena Neves, “Sexualidade: O pavor da contraceção e do aborto – o que esconde?”, in *Mulheres*, nº 88, Agosto de 1988, p.27

<sup>127</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>128</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>129</sup> Idem, *Ibidem*, p.29



factores de libertação da mulher ainda que não sejam os únicos. Porque para uma verdadeira revolução sexual colectiva são necessárias outras alterações estruturais da sociedade, em termos económicos e sociais: «uma autêntica revolução sexual em termos colectivos só é possível com a profunda alteração das condições económicas que favoreçam uma outra evolução no combate pela mudança das mentalidades, uma outra consciencialização».<sup>130</sup>

Entre Fevereiro e Setembro de 1979 é introduzido o tema do aborto na revista, ganhando destaque na rubrica «Temas em Debate». Em Junho de 1979, é realizada uma entrevista a Maria Antónia Palla, que conclui que «o desprezo pelo problema da legalização do aborto é testemunho da secundarização das mulheres na sociedade»<sup>131</sup>. O discurso sobre o aborto vai manter-se nas questões da limitação das condições em que foi aprovada a legalização do aborto e do incumprimento da lei, com os testemunhos de muitas mulheres.

Em Abril de 1985 é iniciado o inquérito sobre «mães portadoras», questão controversa, sobre as mulheres que alugam o útero. Na revista de Maio prosseguem o tema com as opiniões de Luísa Amorim (MDM), de Graça Mexia (preparadora do parto profiláctico) e as escritoras feministas, Kate Milet (do Woman's Lib) e Benoîte Groult.

Graça Mexia declara-se convictamente contra. Sem condenar a mulher que aluga o útero, considera que o faz por questões económicas em prejuízo das complicações emocionais que possam surgir. Entende como uma forma de prostituição e não como um acto de solidariedade de uma mulher para outra; e que a sociedade deve consciencializar para a adopção pois a genética não é o mais importante, mas o afecto. Realça ainda as dúvidas quanto ao impacto que possa ter nas crianças, e sobretudo em caso da criança nascer com alguma deficiência e a culpabilização que pode surgir contra a mãe portadora. Luísa Amorim realça o escândalo que o tema comporta por colocar em causa a maternidade biológica mitificada pela moral dominante e que esta deve ser assumida como uma liberdade e responsabilidade da mulher e não um estigma sobre a mulher. Sem deixar claro se é contra ou a favor, alega finalmente: «Por isso me parece urgente a desdramatização desta questão, por isso me parece a necessidade de precaver as possibilidades de deturpação da sua utilização, o aparecimento de mercados de

---

<sup>130</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>131</sup> s.a. "Filme sobre o aborto leva a tribunal Maria Antónia Palla", in *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979, p.23

comercialização e exploração do corpo das mulheres!». <sup>132</sup> Na opinião de Kate Milet, não há dúvidas, a mulher é dona do seu corpo e livre para emprestar e alugar o corpo e a lei e sociedade não devem intervir: «Nós alugamos o nosso trabalho todos os dias em troca de dinheiro, e alugar o ventre é assinar um contrato de trabalho para nove meses de desconforto, de sacrifícios, e também de riscos (...).» <sup>133</sup> Benoîte Groult denuncia a moralização do tema que vem chocar a sociedade patriarcal e como ao longo da história existiram outro tipo de portadoras, mas que não ameaçavam a ordem tradicional. Considera que é necessária legislação e centra a sua opinião em dois factos: primeiro, que as “duas mães” estão de acordo quanto ao aluguer; e segundo, que este é um acto de solidariedade, o amor de gerar uma vida, mesmo que tendo por base o dinheiro. <sup>134</sup>

No número de Agosto de 1985 é concluído o inquérito sobre o aluguer do útero e deixando como balanço «a cada cabeça sua sentença»:

uma questão nova, uma questão controversa por natureza, o aluguer do útero motiva comentários apaixonados, rejeições quase viscerais ou condescendências despreconceituadas. Quisemos promover a análise e discussão do assunto e deixamos deste modo o debate em aberto. <sup>135</sup>

Helena Neves retoma o tema mais tarde, com o artigo «Quanto custa um útero?», fazendo a denúncia de um negócio em crescente, de mercantilização da maternidade, em que o bebé se torna um mero produto de consumo. <sup>136</sup>

Numa entrevista à socióloga feminista Pauline Bart, focando o seu estudo sobre a violação, alega que, ao contrário das teorias da psicanálise dominantes, a mulher deve lutar e tentar fugir ao invés de ter uma atitude passiva e esperar pelo relaxamento do violador para tentar escapar. Diz mesmo que há uma relação entre o estilo de vida, sendo que as mulheres independentes podem, com mais facilidade, evitar a violação. Conclui, com base no inquérito a mulheres violadas e a mulheres que conseguiram evitar a violação (dividiu metodologicamente estes dois grupos), questionando o que estavam a pensar quando foram atacadas, que as mulheres violadas pensavam no medo de serem mortas e mutiladas, enquanto as mulheres que evitaram a violação pensavam na raiva que estavam

---

<sup>132</sup> s.a. “Debate: Mães portadoras”, in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.28

<sup>133</sup> Idem, *Ibidem*, p.29

<sup>134</sup> Idem, *Ibidem*, p.30

<sup>135</sup> s.a. “Debate: Mães portadoras?”, in *Mulheres*, nº 88, Agosto de 1985, p.30

<sup>136</sup> Helena Neves, “Dossier NTR: Quanto custa um útero?”, in *Mulheres*, nº 121, Maio de 1988, pp. 70-72

a sentir. Para Bart, isto tem uma relação directa com o facto de predominarem as notícias conhecidas na imprensa, de casos de mulheres mortas e mutiladas durante a violação, e de pouco se falar nas mulheres que conseguiram escapar.

Outro ponto de interesse é a relação entre violação e pornografia. Pauline Bart considera que a pornografia incita à violação, passando a imagem de que a mulher gosta de ser violada, fazendo-se de difícil inicialmente. Para Bart, a pornografia passa uma imagem aos homens do direito de violar, ou dito de uma forma mais simpática, da prática de sexo forçado. Esta imagem é possível de identificar na praxis de muitos violadores, que obrigam as mulheres a dizer que estão a gostar. Dá ainda o exemplo de uma violação em New Bedford, em que quatro portugueses violaram uma mulher em cima de uma mesa de bilhar, enquanto outros tantos assistiam – dois meses antes desta violação, uma revista pornográfica divulgou fotos de uma violação, em cima de um bilhar, provocando orgasmos múltiplos à mulher.<sup>137</sup>

A propósito da menstruação e o incómodo da impureza, no artigo «Alegria de pobre é que nem menstruação de mulher – só dura três dias»,<sup>138</sup> é apresentada uma análise histórica de como a menstruação foi sempre vista como um incómodo e ligada à «impureza» da mulher. Desde os textos religiosos que restringiam as actividades da mulher quando menstruada, aos tabus da «actualidade», o artigo aponta o facto dos absorventes industriais terem como objectivo esconder a menstruação, com objectivos economicistas:

Essa tal de TPM (pois é, até já ganhou sigla) só entrou em cena, não em função do bem-estar das mulheres, mas porque nos Estados Unidos se constatou um prejuízo anual da ordem dos 5 milhões de dólares atribuído à quebra de produtividade das mulheres que durante dez dias num mês, apresentam sintomas que as impede de trabalharem normalmente. Ou seja, agora existe uma investida para tratar (em termos médicos) de sintomas que têm que desaparecer. Não se trata, portanto, de reconhecer um período em que a mulher passa por alterações físicas a ser respeitadas, em termos de actividade e alimentação. É evidente que assumir a menstruação como uma especificidade feminina implica também problemas. Se as mulheres exigem alguma legislação proteccionista, aí delas! Mais um motivo para a discriminação no trabalho.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup>s.a. “Entrevista: Violação: a melhor defesa é a luta”, in *Mulheres*, nº 130, Fevereiro de 1989, pp.20-23

<sup>138</sup> Ethel Leon e Maria Otilia Bochine, “Alegria de pobre é que nem menstruação de mulher – só dura três dias”, in *Mulheres*, nº 112, Agosto de 1987, pp. 20-23

<sup>139</sup> Idem, *Ibidem*, p. 21

O discurso da maternidade em *Mulheres* é sobretudo de «desnaturalização», de afirmação da mulher para além de «mãe», sem ser um discurso contra a maternidade. No artigo «Actualidade: Duas versões e uma opção...», Helena Neves levanta a questão a propósito do Dia da Mãe e da contestação da maternidade pelas feministas: «Mas será que o feminismo trouxe a revolta contra a maternidade?», em que desconstrói alguns mitos sobre o feminismo, citando as feministas Robin Morgan (da revista “MS”), Adrienne Rich e Simone de Beauvoir. A ideia base é a de que as feministas não recusam a maternidade em si, mas a maternidade como obrigação, defendem, portanto, uma maternidade livre.<sup>140</sup>

«Hás-de parir com dor», escreve Maria Teresa Horta, numa reportagem na Maternidade Alfredo da Costa sobre a falta de condições que têm para dar a assistência devida às mulheres:

Ali a maternidade considerada pela nossa Constituição, como o “valor social eminente” é um fardo, um sacrifício». «”hás-de parir com dor” – lê-se na Bíblia...e elas ali estavam a cumprir, secularmente, a sua condição feminina...Dias antes, Graça Mexia, preparadora do parto preparado, dissera-me: «Parir com dor não é castigo. Fatal. Resulta de factores sociais, culturais.<sup>141</sup>

E num paralelismo com o sofrimento de séculos, vinculado nos textos bíblicos, Horta chega às condições hospitalares limitadas que perpetuam esse sofrimento:

Hás-de parir com dor: praga rogada sobre a mulher, desde o princípio do mundo, como castigo que hoje ainda se cumpre...Hás-de parir com dor...e assim a mulher se redime do pecado original...Hás-de parir com dor...e na verdade a maioria das mulheres continua a parir com dor, atrás das pedras, das árvores, nas suas camas pobres. Cortam o cordão umbilical com a faca da cozinha, a tesoura do peixe ou da costura... Hás-de parir com dor...e muitas delas continuam a parir com dor nos corredores dos hospitais e das maternidades, pois nos hospitais e maternidades não há vagas...transbordam...<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> Helena Neves, “Actualidade: Duas versões e uma opção...”, in *Mulheres*, nº 109, Maio de 1987, pp.12-13

<sup>141</sup> Maria Teresa Horta, “Hás-de parir com dor”, in *Mulheres*, nº 24, Abril de 1980, p.10

<sup>142</sup> Idem, *Ibidem*.

Afirma-se no artigo «Quem tem medo do parto natural?» de Jorge Ribeiro, a propósito do único ginásio de preparação para o parto profilático (no Porto) e sobre os entraves e barreiras deste método natural, que permite à mulher não ter dores no parto, e que só em casos excepcionais têm de ser aplicados tratamentos anestésicos e intervenções cirúrgicas:

O método psicoprofilático conheceu o seu esboço no século passado, sendo o atraso na sua adopção explicado por interesses políticos e económicos, ligados à Medicina. Na RDA, por exemplo, existem perto de 12 mil centros de assistência à gravidez pelo método psicoprofilático, pois que – além de constituir o processo mais humano e natural – custa menos ao erário público. Entre nós é impensável a institucionalização deste método sem reformas de fundo na nossa sociedade, a começar pela implementação de um Serviço Nacional de Saúde.<sup>143</sup>

### 2.3. Crítica dos lugares-comuns atribuídos à Mulher

Segundo o *Dicionário da Crítica Feminista*,

Os papéis-sexuais constituem “uma dimensão de estruturação da ideologização do masculino e feminino ao nível dos comportamentos” (Amâncio, 1994: 70), traduzindo uma assimetria normativa relativamente à forma como os estereótipos são utilizados para explicar e diferenciar os comportamentos de homens e mulheres: a categoria social feminina é percebida como cingida a uma função social específica, como é o caso da maternidade, (...) a categoria social masculina, por sua vez, aproxima-se de um modelo subjectivo de pessoa autónoma e independente de qualquer função, o que se traduz numa liberdade individual sem qualquer equivalência no caso do estereótipo feminino.<sup>144</sup>

Note-se as referências a subcategorias como «mulher-sexy» ou «mulher dona-de-casa» mantendo atributos femininos e a subcategoria «mulher-atleta» que inclui atributos masculinos. Sendo que se coloca em evidência «a noção de adequação ou não-adequação da mulher a determinados contextos, levando a que a sua presença num contexto percebido como não lhe sendo *natural* suscite por parte dos outros o recurso a significados

---

<sup>143</sup> Jorge Ribeiro, “Quem tem medo do parto natural?”, in *Mulheres*, nº 56, Dezembro de 1982, p.63

<sup>144</sup> Entrada de «Estereótipo», *Dicionário da Crítica Feminista*, p. 55

masculinos ao invés de femininos faz salientar que é imposta à mulher a normatividade inerente à construção simbólica dos estereótipos sexuais, dado o condicionamento a uma função social específica e a orientação para um contexto de expressividade e submissão serem instituídos do «modo de ser feminino».<sup>145</sup> A mulher é, deste modo, encaixada na sua especificidade e excluída do modelo de pessoa universal, que se cinge ao masculino.

Neste ponto importa sinalizar alguns artigos que se encaixam na crítica aos lugares-comuns atribuídos à mulher, àquilo a que secularmente se entendeu como o «natural» feminino, a “feminilidade”, o “sexto-sentido” e “intuição feminina”, “o adivinhar”, como um acto feminino (sempre ligado à feitiçaria/ bruxaria), ou “o mau-feitio”, enquanto repúdio da passividade.

No artigo intitulado «Feminilidade...o que isso é»<sup>146</sup>, Maria Teresa Horta desconstrói os modelos em que se apoiam as referências à feminilidade, sendo essencialmente três: o modelo emocional – a mulher enquanto ser ultra-sensível, intuitiva; o modelo sexual – a mulher enquanto um ser que deve agradar ao homem, seduzir; e o modelo da subalternidade – que se contrapõe ao homem que deve ser viril (ter propriedade) seja dinheiro, automóvel ou mulher. Ao homem concede-se o exercício do poder, do domínio e conquista, expressando a sua agressividade. Por outro lado, à mulher cabe uma posição de subalterna no acesso ao espaço público.

Horta conclui que opor feminilidade e virilidade serve para afastar mais ainda o homem e a mulher. Mais: não se trata de recusar a feminilidade mas de a redefinir, alegando que as mulheres querem outro tipo de feminilidade, que não as diminua e discrimine.

Noutro artigo de Maria Teresa Horta, «Sexto Sentido. Intuição Feminina...O que é isso?» temos a desconstrução de mais uma das roupagens atribuídas à mulher: a da intuição natural, o “sexto sentido” que contrapõem à racionalidade atribuída ao homem. Horta citando a escritora Régine Lilensten em *Ideias feitas sobre as mulheres*: «A intuição feminina é uma ideia feita, sempre citada em oposição à inteligência dos homens, ao seu poder de raciocínio e, claro, à sua instrução, à sua cultura».<sup>147</sup> E retomam-se as imagens femininas das origens bíblicas: «tentadora/ pecado original; maligna/poderes ocultos; feiticeira/ligação com o mal...». E realça-se o que os homens (mesmo os considerados

---

<sup>145</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 55-56

<sup>146</sup> Maria Teresa Horta, “Feminilidade...o que isso é”, in *Mulheres*, nº 19, Novembro de 1979, pp.8-9

<sup>147</sup> Idem, “Sexto Sentido: Intuição Feminina...o que é isso?”, in *Mulheres*, nº 24, Abril de 1980, p.4



grandes) atribuíram à intuição feminina. Entre outros, Diderot: «Nós temos mais poder de raciocínio que as mulheres, mas em contrapartida elas possuem bastante mais instinto.»; Balzac: «As mulheres...todas elas intuição!»; Stendhal: «Toda ela é sensibilidade e intuição...»; Mirbeau: «A intuição, tão forte nela, era um dos seus encantos, apenas mais um dos seus poderes ocultos. Fascinante!». <sup>148</sup>

E conclui Horta,

Afinal a chamada (e tão célebre) intuição feminina, não passa do hábito de atenção da mulher em relação àqueles que vivem à sua volta! (...) Pode-se estar certa que isso nada tem a ver com magia, com o sobrenatural, ou mesmo um tal “sexto sentido” que habitaria o código genético da mulher...o que aconteceu foi: a mulher soube escutar, observar, olhar, com vigilância, com a atenção extrema que lhe é peculiar. Certamente porque ama quem a rodeia, mas certamente, sobretudo, pelo hábito que nela foi criado de cuidar dos outros, de velar pelo universo familiar. Não esquecer que à mulher, desde o berço, se lhe incutiu o dom da dádiva, da atenção. Digamos mesmo que nela se desenvolveu um autêntico radar afectivo... <sup>149</sup>

No artigo «Sedutoras? Seduzidas?», sobre as duas imagens atribuídas frequentemente às mulheres, diz-se: a seduzida como aquela que é fácil, fraca e ingénua, e a sedutora como aquela que prende o homem na sua teia e o desvia do “bom caminho”. Sem negar este “rótulo”, afirma-se que a sedução é uma arma de quem é mais fraco, quando é muitas vezes a única forma de exercer poder sobre o homem. <sup>150</sup> Em «Eu tenho mau feitio», Maria Teresa Horta defende que as mulheres que recusam a passividade são recorrentemente acusadas de terem “mau-feitio”: «a agressividade tem vindo a ser sinónimo de virilidade. Portanto, algo a que a mulher deve ficar alheia, escolhendo a contrapartida: a passividade». <sup>151</sup>

Na secção «Mulheres e o desporto», entre notícias que destacam as mulheres em várias modalidades desportivas, algumas realçam o facto de se praticar mais desporto em países socialistas – em que o conjunto de direitos sociais, tornou possível à mulher praticar desporto, no mesmo patamar de igualdade que o homem. A este respeito, note-se o artigo de Isabel Rocha sobre o Campeonato da Europa de Atletismo, de 1974, com

---

<sup>148</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>149</sup> Idem, *Ibidem*, p.5

<sup>150</sup> Idem, “Sedutoras? Seduzidas?”, in *Mulheres*, nº 23, Março de 1980, pp.8-9

<sup>151</sup> Idem, “Depoimentos: Eu não tenho mau feitio”, in *Mulheres*, nº 34, Fevereiro de 1981, p.21

declarações de Ruth Fuchs (atleta da RDA, na modalidade de lançamento do dardo), quando lhe questionam como justifica o facto dos resultados femininos serem frequentemente melhores do que os masculinos: «Penso que isso resulta da posição social da mulher no nosso país. A mulher tem as mesmas possibilidades que o homem, graças à sua emancipação e à sua igualdade, podendo demonstrar as suas capacidades físicas. O facto de os desportistas da RDA se poderem afirmar no desporto internacional mostra que existem numerosas reservas no desporto mundial para as mulheres».<sup>152</sup>

Dentro da esfera desportiva, a desconstrução das imagens historicamente atribuídas às mulheres para estarem afastadas do desporto é semelhante às utilizadas nas esferas da política e da cultura – a “mulher-atleta” teria de sacrificar a sua feminilidade, sendo como um homem. Note-se o artigo «Por outras maratonas...», um artigo sobre a primeira maratona feminina (somente no limiar do ano 2000):

O remoto argumento que servia para vedar às mulheres todos os domínios, mesmo o do acesso à ciência, à cultura, mesmo o do exercício da sua própria inteligência: «as mulheres inteligentes são muitas vezes estéreis» afirmava a freudiana Gina Lambroso, logo seguida da não menos freudiana Hélène Deutsch: «A mulher paga os seus conhecimentos intelectuais com a perda de preciosas qualidades femininas. Todos os observadores confirmarão que a mulher inteligente é masculina. Este tipo de mulheres, intelectuais ou desportistas, extremamente frequente nos nossos colégios, fazem uma vida árida, estéril, empobrecida».<sup>153</sup>

No inquérito a vários comentadores desportivos feito por Maria Leonor Nunes sobre «Desporto: senhoras e homens», com o mote da diferenciação do tratamento jornalístico quando se fala de homens e mulheres no desporto, diz-se:

Vícios de linguagem, reflexos de uma mentalidade machista, cristalizada ao nível do senso comum, que faz habitar da ideia de «mal» a palavra «mulher», a mulher em si ou cortesias e delicadezas (dispensáveis) levam à insistência, apesar de todas as mudanças, na designação «senhoras»<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> Isabel Rocha, “Mulheres e o Desporto”, in *Mulheres*, nº 6, Outubro de 1978, p.14

<sup>153</sup> s.a. “Por outras maratonas...”, in *Mulheres*, nº 57, Janeiro de 1983, p.24

<sup>154</sup> Maria Leonor Nunes, “Inquérito: Desporto: senhoras e homens”, in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.16

No resultado final as conclusões são o machismo e o elitismo manifesto em quase todas as respostas (exceptuando três delas), considerando a utilização de «mulher» como um termo depreciativo, daí o «tratamento especial»:

Claramente exposta a ideia secular de que «mulher» é pejorativo, pouco digno, conotado negativamente tal como o insuportável paternalismo dos tratamentos diferenciais, porque as mulheres são delicadas e há que tratá-las com pseudo-respeito e elevada consideração... e, para cúmulo, José Galvão afirmava com bons sentimentos que quando se referia às «senhoras» do desporto, pensava na mãe, na mulher, nas filhas... Comovedor! Ridículo.<sup>155</sup>

Ainda no plano da crítica à perpetuação de estereótipos relativos à masculinidade e feminilidade, a revista deu particular atenção à educação e manuais escolares na construção destes estereótipos. É exemplo o artigo «É p'ro menino e p'ra menina»<sup>156</sup>, também de Maria Teresa Horta, que se foca em como os brinquedos para as crianças carregam já estas imagens - os brinquedos de guerra para meninos que despertam a agressividade e os bebés para as meninas que as direccionam para a maternidade e o lugar de cuidar.

Apesar de não ter sido um tema recorrente, a revista também abordou o sexismo na linguagem, abrindo o debate sobre o *falso neutro*, como no artigo «Primeira Ministra? Primeiro Ministro?: Discussão em Aberto», de Elisabete França. A propósito da predominância do masculino da linguagem, nomeadamente no que toca a cargos elevados e que se relaciona com a discriminação da mulher, dá-se como falacioso o argumento que o masculino designa o cargo e não a pessoa. França aponta também para casos determinados que a predominância do género masculino está consagrada na norma na formação de plural de palavras biformes (mãe+pai=pais); (trabalhadora+trabalhador=trabalhadores); (mulheres+homens=o homem, para designar o conjunto da humanidade).<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>156</sup> Maria Teresa Horta, “É p'ro menino e p'ra menina”, in *Mulheres*, n.º20, Dezembro de 1979, pp. 7-9

<sup>157</sup> Elisabete França, “Discussão em Aberto: Primeira Ministra? Primeiro Ministro?”, in *Mulheres*, n.º 18, Outubro de 1979, pp.12-13

O número de Setembro de 1986 merece um olhar atento, já que se centra no «masculino em questão»<sup>158</sup> e daí atendermos às palavras de Helena Neves, sobre os motivos deste número especial:

Tentar descobrir o homem para além dos seus disfarces, os seus mitos. Perturbar as certezas, lançar a polémica. À defesa reafirmamos o já há muito sabido: não, o homem enquanto tal não é o inimigo, embora alguns o sejam e muitos o pareçam, pois como tal se comportam. Ao ataque nos confessamos. Não ainda pela construção do homem novo – entidade ainda da utopia, da mítica futurológica – mas pelo menos pela ruptura do homem velho. E em busca prosseguiremos. Em busca do homem com o qual a nossa relação seja, de facto «a mais imediata, natural e necessária» no dizer ainda por cima poético de Marx. Do homem de que fala a mulher nessa novela fabulosa de Peter Handke «A Mulher Canhota», o homem desejado pelas mulheres.» «O homem com quem sonho será o que amará em mim a mulher que já não depende dele – E o que você amará nele? – Essa espécie de amor».<sup>159</sup>

Em «Homens, objectos sexuais?», Teresa Horta aborda como ao longo dos anos os homens foram tratados como heróis, símbolo de qualidade, eles que «têm mandado, condenado, conduzido, construído o mundo» em oposição às mulheres: «toda a nossa miserável história de criadas do mundo; de analfabetas da humanidade, de mães anónimas entregues à dita gloriosa tarefa de parir, cuidar, criar, alimentar esses génios... mais conhecidos por: os homens.». Com um tom acusatório alega que o estereótipo de «objecto sexual» criado pelo homem, mesmo que utilizado por homens, continua a ser fruto do seu imaginário, visto que a mulher «não tira prazer da grosseria, da vulgaridade»: «As mulheres, de uma forma geral não se empenham, entusiasmam sexualmente com toda essa coisa medíocre e doente, que é a pornografia, mesmo que encoberta.»; «Por isso é ela que vem dizer não, mais uma vez, aos objectos sexuais: mesmo que desempenhados, assumidos pelos homens.»<sup>160</sup> Ainda neste sentido, em «Literatura erótica – mundo fantasmático dos homens», Maria Teresa Horta critica o erotismo enquanto criação do homem (cita vários escritores masculinos), construção da animalidade da mulher e do papel histórico do homem de a domesticar – fundamenta-se citando Alexandra Kollontai,

---

<sup>158</sup> Helena Neves, “O Masculino em Questão”, in *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986, p.1. Ver figura 11, p.VII

<sup>159</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>160</sup> Maria Teresa Horta, “Homens, objectos sexuais?”, in *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986, p.50

Simone de Beauvoir, Anais Nin, Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Henri Miller e Anne-Marie Dardigna.<sup>161</sup>

E finalmente Maria Leonor Nunes em «A força: essa incomparável glória masculina», afirma:

A força masculina sempre nos foi, aliás, impingida das mais diferentes formas: heróis de força acima da média que arrasam cidades (...) outros milhares de pequenos hércules com quem cruzamos nas ruas, fazem provas de força entre si, dobram o braço à altura do cotovelo para que se veja o pronunciado músculo e se esmeram em feitos mais prosaicos como amolgar latas entre os dedos, pegar as noivas ao colo (...) Os homens carregam, pois, o imenso peso da sua força. E, a eles aos homens, são atribuídas todas as forças: a força física, sobretudo, mas também a força de vontade, a força de carácter, a força de trabalho e até a força de expressão. Mas o pior desta história da força vigorosa dos homens e que em nome dessa dita força apanágio e adorno dos homens se discriminou, secundarizou, menosprezou a mulher ao longo dos séculos.<sup>162</sup>

A revista deu também particular importância à História. Desde a história dos costumes e mentalidade, com temas como a História do Natal, do Carnaval, dos bailes, do casamento, das modas femininas (vestuário, cabelos, e. o.), história dos pais e como se construiu o «pai tirano», ou os mitos da cultura popular; a História dos Movimentos de Mulheres, com destaque para os feminismos ditos de «primeira vaga», desde as primeiras sufragistas inglesas às republicanas em Portugal; a rubrica «Este mês escolhemos» com figuras femininas de destaque, mais ou menos conhecidas, e em várias áreas, e de várias épocas. Mulheres muito diferentes, que ousaram no seu tempo e marcaram pela diferença. Entre muitas outras, Angela Davis, Jane Fonda, Flora Tristan, Maria Bonita, Vieira da Silva, Simone de Beauvoir, Sophia de Mello Breyner Anderson, Miriam Makeba, Margaret Mead, Freda Brown, Elina Guimarães, Adelaide Cabete, George Sand, Simone Veil, Indira Gandhi, Meryl Streep, Marguerite Yourcenar, Carolina Beatriz Ângelo, Calamity Jane, Margareth Von Trotta, Josefa D'Óbidos, Mélanie Klein, Camille Claudel, Safo, Madame de Genlis, Zelda Fitzgerald. A rubrica «Este mês escolhemos», mas todas as outras que trataram as mulheres na história ou a história das mulheres, serviram para

---

<sup>161</sup> Idem, “Literatura erótica – mundo fantasmático dos homens”, in *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986, pp. 14-16

<sup>162</sup> Maria Leonor Nunes, “O Masculino em questão – A força: essa incomparável glória masculina”, in *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986, p.28

contrariar a invisibilidade que a mulher foi secularmente submetida e colocá-la também enquanto sujeito da história.

Na rubrica «As mulheres fazem história», de Judite Fonseca, justifica-se, a certa altura, o facto de terem interrompido durante alguns meses, porque «a determinada altura fomos confrontados com o problema de estarmos a tratar a mulher enquanto rainha. Das mulheres do povo, do colectivo que na realidade determina o curso da História, ainda nada tinha aparecido». Fonseca diz ter feito uma difícil investigação bibliográfica e que não sabem se vão conseguir assegurar temas para todas as rubricas.<sup>163</sup> Também o sociólogo Moisés Espírito Santo tem a seu cargo diversos artigos sobre a história da cultura popular, da religião, dos seus mitos e símbolos, comportando sempre uma crítica de género, uma «história subvertida em favor da mulher».

A perspectiva da história em *Mulheres* teve esse papel de recuperação das mulheres na história, a memória das lutas feministas, e apresentando, necessariamente, perspectivas diferentes da história. Em «7 anos de escrita feminina. O que fizemos», Helena Neves escreve sobre o recuperar da memória feminina:

Em luta contra o genocídio do nosso passado, do nosso traço na história dos povos e na nossa própria, tentámos dar à luz a memória feminina. Num novo parto, ressuscita-la. Revelámos que «elas fazem história». Arrancámos da sombra mulheres várias que, em cada mês, escolhemos. Lançámos as primeiras luzes sobre a movimentação e combate das mulheres. Sobre o feminismo. Escavámos dos escombros da obscuridade, a criatividade das mulheres. Buscando a raiz do que somos e porque somos.<sup>164</sup>

No artigo «A Expansão no Século XVI: os caminhos da mulher», Helena Neves<sup>165</sup> dá relevância ao número de viúvas e mortes no Reino e os males que daí padeciam, os casamentos forçados, a mendicidade e a prostituição.

Uma outra visão da expansão portuguesa, menos gloriosa: «Enquanto os senhores podem tudo e novos faustos se inventam ao desbarato dos ganhos em ouro e especiarias, os «povos do reino» são flagelados por impostos poupados aos grandes por uma Coroa cada vez mais endividada interna e externamente. Permanece, agudiza-se a escassez

---

<sup>163</sup> Judite Fonseca, «As mulheres fazem história. De novo entre nós», in *Mulheres*, nº 16, Agosto de 1979, p.34

<sup>164</sup> Helena Neves, «7 anos de escrita feminina. O que fizemos», in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.46

<sup>165</sup> Idem, «História: A Expansão no século XVI: os caminhos da mulher», in *Mulheres*, nº 81, Janeiro de 1985, pp. 20-22



agrícola. O trabalho ocasional, duro. A mendicidade em crescendo, apesar das medidas repressivas de 1538, 1544, 1570 e outras. Tantas as mulheres e as crianças pedindo pelos caminhos! «Andando pedindo pelas cidades e vilas, homens e mulheres em tão grande número que parecem exércitos», escreve M. Severim de Faria em «Noticias de Portugal».<sup>166</sup>

Segundo Helena Neves, pior destino tinham as «viúvas dos vivos» que partiam para as Índias:

É de facto bem adversa a sorte das viúvas dos vivos. E para elas não há piedade se a miséria ou simplesmente a carência do afago, do prazer as leva aos braços de outros. Contra elas se ergue feroz o poder repressivo, castigando o adultério com prisão no Limoeiro, não raro seguido de desterro para o Ultramar. Destino cru de tantas mulheres.<sup>167</sup>

Ou sobre as prostitutas:

Seria longa a história de como o sexismo se abate violentamente, mais intensamente sobre as prostitutas, desde sempre no nosso digno reino (...) Elas são erradiadas dos centros das cidades, das aldeias e vilas. É-lhes limitado um espaço. É-lhes obrigada a ostentação pública “da sua desonra”...<sup>168</sup>

Afirmando que vem de longe, dos primeiros reis, a designação de sítios para prostitutas, foi neste século de expansão que as medidas repressivas se acentuaram, nomeadamente com D. Manuel e D. Sebastião. Termina, dizendo «Escusado será assinalar que este degredo foi dos caminhos da expansão mais cruzados por mulheres...».<sup>169</sup>

O artigo de Helena Neves, intitulado «Mulheres e Bicicletas. A Grande Polémica»<sup>170</sup>, mostra a polémica de finais do século XIX e início do século XX, com a associação entre mulheres e bicicletas, pervertida à masturbação. Questão que condenou moralmente a prática do ciclismo feminino. Vemos como a associação mulher-masturbação-bicicleta teve o mesmo paralelismo com a associação mulher-masturbação-cavalos. No entanto, apesar da condenação moral em virtude da associação à

---

<sup>166</sup> Idem, *Ibidem*, p.21

<sup>167</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>168</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>169</sup> Idem, *Ibidem*, p.22

<sup>170</sup> Idem, “Mulheres e Bicicletas. A Grande Polémica”, in *Mulheres Magazine*, nº 5, Março de 1990, pp. 5-7

masturbação, é precisamente a figura da mulher que é utilizada em anúncios de velocípedes.

No artigo «Mitos: Elas degolaram os homens...», Maria Teresa Horta desmonta as principais imagens atribuídas às mulheres ao longo de séculos:

Ao longo da História, a mulher tem vindo a ser sistematicamente marginalizada, se não pura e simplesmente ignorada. Imagem, pois, destruída ou inexistente.» [Ou existindo no imaginário «fantasmático masculino:»] «Ou seja: a mãe, a pura, a santa: ser totalmente dessexualizado. Ser sacrificado e mártir. A mulher nobre, coberta de qualidades e virtudes. Caso, por exemplo, de Filipa de Lencastre, Rainha Santa Isabel, Maria Stuart, a Infanta D. Joana. Ou as putas, as dissolutas, as depravadas, as assassinas, corpo conspurcado pelo desejo (pela sexualidade). Tentadoras, instrumentos do próprio demónio. Como esquecer que a História se encontra cheia de bruxas...Aldeias e aldeias e aldeias onde as mulheres foram pura e simplesmente exterminadas, condenadas à morte na fogueira, por pacto com o diabo? [...] para além das bruxas (a História está recheada de figuras femininas cruéis e maldosas) temos, por exemplo, Leonor Telles, Lucrecia Borgia, Catarina da Rússia, Maria de Navarra, Catarina de Medicis.<sup>171</sup>

Mulheres, enfim, «construídas» em dois polos opostos; a santa, da maternidade sacrificada e a depravada pela luxúria.

Para Teresa Horta é entre o mito e a História que melhor se percebem «os medos masculinos frente ao feminino», diante da sexualidade da mulher. Mulheres que pelo desejo e crueldade de vingança foram celebradas por escritores, poetas e pintores, através da castração do homem:

O orgasmo feminino brutaliza a mulher, transforma-a num animal que mata. Que mata o homem (durante o mês de Abril surgiu nos jornais, como publicidade a um filme intitulado “A Fúria da Besta”, o desenho de uma mulher com um aspecto, realmente, de besta embrutecida, pervertida de desejo...).<sup>172</sup>

E dá os exemplos de Dalila e Sansão, de Salomé, de Judite que degola Holofernes, ou na pintura, quadros de Rubens, Ticiano, entre outros. É o «*homem mutilado*», como grande

---

<sup>171</sup> Maria Teresa Horta, “Mitos: Elas degolaram os homens...”, in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.10

<sup>172</sup> Idem, *Ibidem*.

prazer feminino».<sup>173</sup> São as imagens deturpadas, passadas de geração em geração: «Depravadas ou santas, escravas da luxúria ou do sacrifício: ei-las, às mulheres, pela mão do homem, trazidas até nós, através das páginas da História, dos livros, da pintura, do cinema, e mais recentemente da Televisão».<sup>174</sup>

Vale a pena atender à importância da «recuperação» da história das «bruxas», de um ponto de vista feminista, pois estas constituíram um exemplo, por excelência, de existência marginal com a transposição de tudo o que simbolizava a mulher degenerada. «Hélène Cixous e Catherine Clément analisam a figura da bruxa como uma figura mítica que representa uma forma idealizada de culpa feminina. Ela representa tudo o que é mais temido e odiado na mulher».<sup>175</sup> Daí que ao longo da história, a «bruxa» foi entendida como uma ameaça à ordem e estabilidade social e fortemente reprimida. A este propósito, é de destacar a obra de Silvia Federici, *Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*, em que demonstra como a perseguição a bruxas, tanto na Europa como no «Novo Mundo», nos séculos XVI e XVII, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo, como a colonização e expropriação do campesinato das suas terras.<sup>176</sup> No artigo «Recuperar a história das bruxas» são entrevistadas Luísa Freitas e Ivone Alves, do Grupo Autónomo de Mulheres «As Bruxas» (criado por sete mulheres), dando conta do seu objectivo de fazer o levantamento histórico dos processos das bruxas na Inquisição, em Portugal.<sup>177</sup>

## 2.4. A produção cultural de massas e a mercantilização da mulher

Observamos neste tópico a forma como, em *Mulheres*, foi entendida a apropriação das imagens de masculinidade e feminilidade na produção cultural de massas, acompanhando criticamente a mercantilização do corpo da mulher, reproduzindo e perpetuando as «velhas» imagens da mulher-objecto.

Os conteúdos e a indústria, desde o cinema de Hollywood, a Televisão, a Moda e Concursos de Beleza, e a Publicidade, são temas de destaque. No que toca ao âmbito

---

<sup>173</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>174</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>175</sup> “Bruxa/Bruxaria”, in *Dicionário de Crítica Feminista*, Porto: Edições Afrontamento, 2005, p. 11

<sup>176</sup> Silvia Federici, *Calibán y la bruja. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria*, Traficantes de Sueños, Madrid: 2010

<sup>177</sup> s.a. “Entrevista: Recuperar a história das bruxas”, in *Mulheres*, nº 86, Junho de 1985, pp.28-29

televisivo, são tratadas com frequência, as telenovelas, séries e programas, sempre com um olhar crítico sobre os conteúdos e na defesa do “serviço público de televisão” e com a crítica feminista das personagens/actores; com entrevistas a atrizes, que figuravam com destaque as capas de *Mulheres*. O mesmo no que toca a outras esferas da cultura, como veremos.

Sobre a relação da mulher e a cultura de massas, atendemos a Luisa Passerini:

Na realidade a cultura de massas revela, no preciso momento em que dela se apropria, a ambivalência da imagem feminina na cultura ocidental, acrescida, mais do que reduzida, pelas exigências de emancipação: a hegemonia da figura feminina na publicidade, nas capas das revistas e nos cartazes, remete com efeito para a coincidência entre a mulher como potencial sujeito e a mulher como potencial objecto. Corre-se porém o risco de confundir dois elementos diferentes: a real duplicidade na qual o curso da história lançou as mulheres, sobretudo com o desenvolvimento do último século e meio no plano da emancipação social e política; o uso de valores historicamente marcados (força e agressividade perentoriamente ligadas ao homens, suavidade e ternura desde sempre atribuídas às mulheres) por parte da cultura de massas, que os fixa em papéis rígidos e os «democratiza», reproduzindo-os em larga escala. A isso se adiciona o facto de a predominância na vida quotidiana da forma de erotismo proposto pela cultura de massas deixar inevitavelmente o papel de protagonista – embora também com muita ambiguidade – à figura feminina, que o Ocidente identificou com a própria sexualidade»; (...) «Não se trata já de acusar a cultura de massas de conivência com um único sexo, mas sim de caracterizar o modo como ela reformula a subordinação das mulheres, graças também aos novos comportamentos e modos de pensar.<sup>178</sup>

A este respeito ainda, remetemo-nos ao trabalho de Marcos Cardão sobre os concursos de *Misses* em Portugal, entre 1971 e 1974, que demonstra como a relação entre a produção cultural de massas e os ideários nacionalista e lusotropicalista se manifestaram mais fortes que qualquer cartilha do Estado Novo:

Os concursos de beleza costumam ser o parente pobre da cultura de massas. Apesar de serem considerados espetáculos frívolos e pueris, os concursos de beleza intersejam questões de género, nacionalismo e ideologia, além de criarem uma poderosa imagem da feminilidade, que influencia valores, crenças e atitudes (Weiser, 1999). Os concursos são

---

<sup>178</sup> Luísa Passerini, “Mulheres, consumo e cultura de massas”, in *História das Mulheres no Ocidente*, vol.5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, pp. 382-385

por isso um evento historicamente singular e merecem uma análise crítica mais aprofundada. A expansão internacional dos concursos de beleza, e a adoção generalizada da palavra *miss*, confirmou a hegemonia norte-americana na cultura de massas (Jameson, 1992).<sup>179</sup>

Depois do 25 de Abril ainda se realiza o concurso de *misses* em Maio de 1974. Dada a preparação em curso do evento, no entanto, este é realizado à porta fechada de um hotel e o jornal *Capital* retira-lhe o apoio. Quando são retomados os concursos de beleza, é com grande indignação que *Mulheres* cobre o acontecido, como daí para a frente.

No artigo «Concursos de Beleza: Mercados de Escravas» Maria Teresa Horta começa por dizer que o 25 de Abril restituiu a mulher portuguesa da sua dignidade, destruindo estes concursos. O seu regresso dá-se no período de «normalização da sociedade» e recuperação dos grandes poderes económicos:

Ei-los de volta, também eles, de laço preto, «smoking», sorriso comedido, olhar aceso de avidez disfarçada, olhando as pernas das concorrentes que desfilam nervosas, mostrando o corpo amestrado, mostrado o corpo tal como lhes haviam ensinado durante esgotantes dias de ensaio, durante horas e horas, até quase caírem de cansaço»; (...) «Sim ei-los de volta com seus jantares, suas festas a uma fortuna cada entrada, enquanto no nosso país tanta gente não tem que comer; enquanto no nosso país tanta criança pede esmola descalça pelas ruas! Na noite de gala do Concurso da Miss Portugal, no Casino Estoril, cada bilhete custava a módica quantia de 2500\$00 e o Casino estava praticamente cheio! (...) «Despidas com os olhos, reduzidas a simples objectos sexuais, elas deslizam pela passarela, tentam fazer-se valer: estão ali para serem avaliadas, tal como as vacas nas feiras de gado; como elas, usam também uma roseta com um número que as identifica. Domesticadas? – Sobretudo exploradas!»<sup>180</sup>

Vemos como a crítica aos concursos de beleza comporta uma crítica feminista e paralelamente, uma crítica classista.

Em o «Mito do Pigmaleão/ Fazer bonecas de carne?» é abordado o mito da «mulher-fatal» e a dualidade «mulher-sedutora» / «mulher-seduzida», focando a

---

<sup>179</sup> Marcos Cardão, “O charme discreto dos concursos de beleza e o luso-tropicalismo na década de 1970”, in *Análise Social*, 208, xlviii (3.º), 2013, p. 4

<sup>180</sup> Maria Teresa Horta, “Concursos de Beleza: Mercados de Escravas”, in *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979, p.6

objectificação e as consequências para as mulheres na indústria cinematográfica e pornográfica. Abordam famosas como Marilyn Monroe, (que tomou consciência da sua condição já muito tarde), mas também, Rachel Welch, Úrsula Andress, Bo Derek, Brigitte Bardot, Catherine Deneuve, Annette Stryberg e Jane Fonda:

De todas elas só Catherine Deneuve e sobretudo Jane Fonda conseguiram furtar-se ao “génio criador” daquele inventor de mulheres *sexy*, recusando primeiro o seu papel de “robot”, de brinquedo vivo de um homem, e reencontrando-se depois, plenamente no caso de Jane Fonda, aliás a única que ele<sup>181</sup> lamenta: - “Jane desiludiu-me. Ela nem sequer me largou por outro homem: saiu de casa para dormir dia e noite com a revolução das minorias americanas!” [...] Muitos outros casos poderíamos apontar, dos primórdios do cinema até hoje – Jean Harlow, Janne Russel, Jane Mansfield, Diana Dors...e tantas outras, todas elas lançadas e esmagadas pela máquina monstruosa do capitalismo. Não mais que produtos rentáveis, “esculpidas” por pigmalões modernos ao serviço dos dólares americanos.<sup>182</sup>

Noutro artigo de Maria Teresa Horta, «Estereótipo: Belas de Morrer» vemos a denúncia dos reflexos da construção das «bonecas de carne» de Hollywood e como estas mulheres-tipo não existem de facto, senão no imaginário masculino:

Todas elas tentando esquecer, adormecer, apagar na droga, no álcool ou no suicídio, o fulgor que acabou por queimá-las, destruí-las enquanto mulheres. Pois a verdade é que, enquanto mulheres, as “mulheres fatais”, realmente não existem. Como já dissemos no início: - Elas são apenas uma imagem estereotipada. – Elas são apenas o reflexo do medo masculino, projecção do seu universo fantasmático.<sup>183</sup>

Dentro da secção de Moda, interessam os debates sobre qual deve ser a posição da mulher «emancipada». Sobre se deve ou não utilizar maquilhagem ou usar saltos-altos, por exemplo:

Apresentar Moda numa revista como “Mulheres” é controverso e difícil. Controverso, porque muitas das nossas leitoras, discordam da sua inclusão (escrevem-nos a dizê-lo) enquanto outras o exigem. Difícil, porque não dispomos de meios (financeiros) para a

---

<sup>181</sup> Referem-se ao cineasta francês Roger Vadim que foi casado com Jane Fonda.

<sup>182</sup> s.a. “Mito do Pigmaleão: Fazer bonecas de carne?”, in *Mulheres*, nº 25, Maio de 1980, p.11

<sup>183</sup> Maria Teresa Horta, Estereótipo: Belas de Morrer”, in *Mulheres*, nº 83, Março de 1985, pp.44-45



fazer bem. Por tudo isto, em princípio, decidimos acabar com a Moda. No entanto, voltaremos de vez em quando ao tema, só que de outra forma... Por exemplo, assim: Que mulher em 1980? ... Lauren Bacal! – Ou seja: o regresso à mulher tipo dos anos quarenta-cinquenta! Acabou-se, pois, o estilo “mulher descontráida, moderna”, de “blue-jeans”, camiseiras, camisolões, vestidos largos, calças, tudo cómodo e prático. A mulher que os costureiros nos propõe (impõem...) é bem mais sofisticada, complicada, luxuosa, sumptuosa... Ou seja, os costureiros, ao recriarem esta mulher de elite, tipo alta classe social, ao recorrerem, ao partirem da nostalgia de alguns pela mulher “de ontem”, género “boneca decorativa”, ociosa, “sexí”, não pretenderam outra coisa senão tentar fazer-nos regressar ao passado, pôr as mulheres nos seus antigos lugares...<sup>184</sup>

Ou no artigo «Uma maquia-se a outra não» (dados recolhidos da revista «Antoinette») está em aberto o debate: «A mulher deve ou não maquiar-se? O “maquiar-se”, entra ou não em conflito com a sua posição clara de mulher emancipada, lutadora firme pelos seus direitos? A mulher que se maquia é fútil? Ou pelo contrário, a mulher que se maquia tem mais respeito por si própria, como há quem afirme?».<sup>185</sup>

Em «Plásticas: o preço do sonho?», aborda-se como o discurso da juventude é utilizado pela sociedade de consumo: «nunca a juventude foi tão longa» e para isso, são inúmeras as técnicas para adiar o envelhecimento:

O termo “Parecer-se jovem” é um slogan que serve para vender... a alcatifa é jovem, os chocolates, os gelados, as peúgas são jovens, o perfume é jovem... Ou tornam jovem: como os cremes, os champoos, os desodorizantes, os vernizes, etc. Logo, para além do condicionamento cultural, o «slogan» «ser-se jovem» tem igualmente raízes comerciais: portanto, igualmente o medo de envelhecer – tudo isto estimulado, claro, pela indústria de produtos de beleza. Pela sociedade de consumo onde estamos inseridos.<sup>186</sup>

No artigo «A namorada do super-homem», Maria Teresa Horta expõe como é vinculada comumente a imagem da mulher independente, de forte personalidade que quando se apaixonava, se altera radicalmente, que «estupidifica» e passa a viver só para o amor. É o

---

<sup>184</sup> s.a. “Que mulher em 1980?”, in *Mulheres*, nº 21, Janeiro de 1980, p.28

<sup>185</sup> s.a.(dados retirados da revista *Antoinette*), “Uma maquia-se a outra não”, in *Mulheres*, nº 20, Dezembro de 1979, p.12

<sup>186</sup> s.a “Sociedade: Plásticas – o preço do sonho?”, in *Mulheres*, nº 106, Fevereiro de 1987, p.48

caso de Lois, a namorada do super-homem Clark Kent (um jornalista apagado e desastrado):

Perde a voz, passa a dar risinhos estúpidos, imbecis, deixa de saber executar o seu trabalho. Digamos que fica como estupidificada. Hipnotizada. [...] Assim, ela passa como por magia (filtro da paixão?) da jornalista dinâmica, empreendedora, ao tradicional papel feminino do “repouso do guerreiro”.<sup>187</sup>

No artigo «Crise do Masculino», a socióloga Maria Carrilho analisa o «neonarcisismo masculino e a moda do corpo» e a sua relação com o facto de a mulher ter adquirido maior controlo sobre o seu corpo (dos métodos anticoncepcionais), a modificação dos padrões de beleza e a intervenção feminina a este respeito,

Ainda estamos longe de poder avaliar o alcance histórico-social dos efeitos de difusão dos métodos anticoncepcionais femininos e da emancipação económica da mulher. Mas podemos já facilmente constatar que isso permitiu à mulher subtrair-se à tradicional dependência sexual absoluta em relação ao homem. Por sua vez, o homem viu definitivamente abalado o padrão milenário da autossuficiência fálica. Ao homem bastava-lhe ter nascido homem e, de resto, podia ser feio, barrigudo, careca – não tinha importância.<sup>188</sup>

Mas alerta para que se entenda esta mudança em resposta não só à emancipação da mulher, como a um fenómeno mais geral da sociedade, com o «emergir do corpo»: «Assiste-se à valorização do corpo como capital pessoal, a utilizar na procura (ou conservação) de um estatuto social mais elevado».<sup>189</sup>

Paralelamente, Carrilho aponta outro fenómeno aparentemente contraditório, o da «recuperação do herói», através do cinema e da televisão, e nomeia os sucessos cinematográficos «Silverado» e «Rambo», que vinculam a figura masculina, solitária, de uma força exacerbada, quase sobrenatural. A recuperação do mito do herói e a difusão do neonarcisismo masculino são, para a autora, duas faces da mesma realidade, que é a «crise do masculino». E conclui:

---

<sup>187</sup> Maria Teresa Horta, “A namorada do super-homem”, in *Mulheres*, nº12, Abril de 1979, p.41

<sup>188</sup> Maria Carrilho, “Crise do Masculino”, in *Mulheres*, nº101, Setembro de 1986, p. 19

<sup>189</sup> Idem, *Ibidem*.

A tradicional divisão sexista da sociedade é já anacrónica mas, antes que se imponha nas mentalidades o reconhecimento desta realidade, antes que os homens e as mulheres encontrem novas formas para ir ao encontro do futuro, haverá, provavelmente, que atravessar várias crises. A crise do milénário predomínio dos valores masculinos é uma das mais complexas.<sup>190</sup>

Na secção de «Televisão», Correia da Fonseca, a propósito do programa da RTP2 “Uma Mulher, Uma Época”, condena o facto de este vir a ser conhecido por uma minoria do público e ignorado pela crítica, dado as prioridades do serviço público de televisão. E ainda, em “O destino de Miss Marple”, faz um elogio da personagem, em relação ao popular Poirot – caricatural, convencional e sem relação com a veracidade -, alega que a personagem Miss Marple tem muito mais de Agatha Christie, uma projecção pessoal, «o reflexo da sua visão do pequeno mundo britânico anterior à Segunda Grande Guerra. De onde Miss Marple pode ser uma personagem da literatura que se respeita e Poirot é uma figura de almanaque...».<sup>191</sup> Sobre a série «Uma Casa na Pradaria: Mitos e preconceitos», interessa-nos a crítica feita às personagens femininas de Maria Teresa Horta:

Assim são as mulheres desta série: trabalhadoras, submissas, eficazes. Limitadas mas contentes por o serem (até se gabam disso algumas vezes...), porque aos homens cabe fazer a História, engendrar a riqueza, construir o Mundo...a elas, às mulheres, resta-lhes a cozinha, o coser a roupa, tratar dos filhos, o arranjar a casa, o lavar a louça...<sup>192</sup>

Maria Teresa Horta em «1807: Amor de Perdição», sobre o romance de Camilo Castelo Branco, adaptado para a televisão por Manoel de Oliveira, escreve:

Seja qual for a opinião de cada um<sup>193</sup>, é importante o retomar, o repensar deste romance em termos de hoje: análise de cada figura, bem significativa, aliás, de uma determinada mentalidade portuguesa (ainda agora em grande parte vigente). Sobretudo as figuras femininas: Teresa e Mariana (de diferentes classes sociais) – Mulheres (elementos passivos) que vivem e morrem por amor, ambas condenadas a um “destino” idêntico

---

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*, p. 20

<sup>191</sup> Correia da Fonseca, “Uma mulher, Uma época”, in *Mulheres*, nº20, Dezembro de 1979, p.45

<sup>192</sup> Maria Teresa Horta, “Uma Casa na Pradaria: Mitos e preconceitos”, in *Mulheres*, nº7, Novembro de 1978, p.45

<sup>193</sup> Refere-se à controvérsia da adaptação de Manoel de Oliveira.

(apesar das diferenças de classe) pois na verdade uma coisa as une; algo lhes é comum: a condição feminina...<sup>194</sup>

Sobre o Festival da Eurovisão, em 1979, é feita a denúncia de que está de volta ao passado, no artigo «Festival de «marcha atrás». Criticando o facto de ter como júris “homens da música” (remetendo para os interesses na indústria fonográfica) numa tentativa de subalternizar os textos e as palavras que deram dignidade à canção portuguesa. Mais: que a RTP teria feito um saneamento da canção “A Outra Banda”, de Pedro Osório, e que, apesar do festival ter tido a participação de várias mulheres, não foi a mulher que lá esteve, com a excepção da interpretação de “Maria” de Teresa Silva Carvalho, escrita por Maria José Guerra.<sup>195</sup>

Em entrevista à actriz Dina Sfat, «O mito do antimito. Dina Sfat e Amanda na telenovela *O Astro*», é abordada, em primeiro, a personagem que faz na telenovela: «mulher independente, decidida, auto-suficiente, orgulhosa, profissional, competente. Mas a partir do meio da novela: apaixonada, insegura, aturdida, indefesa, contraditória, sensual e violenta...», cede ao filtro da paixão (como vimos no artigo sobre a namorada do super-homem), «perante o amor ela cede, e da personagem digna e fascinante, que era, passa a personagem convencional feminina, cumprindo estereótipos seculares...».<sup>196</sup> Depois falam da vida pessoal e personalidade de Diana Sfat, do seu casamento de treze anos e na conciliação do trabalho (televisão e teatro) com a vida familiar e educação das três filhas só ser possível com a solidariedade do marido. Sobre ela, dizem: «Mulher corajosa, frontalmente contra a censura (“a censura é o nosso pior inimigo”), com consciência de classe e consciência feminina, que a faz repudiar o sistema social que relega a mulher para segundo plano, a marginaliza, ao mesmo tempo que a usa, a tenta envolver.» E sobre a utilização de maquilhagem, alega Diana Sfat:

Você acha que eu vou deixar um maquilhador apagar do meu rosto o tempo, o *show*, o riso, a vida? Tá louco! Isso me custou muito claro. Eu sofreria uma angústia muito grande ao ser violentada pelo make-up. Feita a foto eu diria: “Que linda que eu estou. Mas onde é que estou nesta foto?”<sup>197</sup>

---

<sup>194</sup> Maria Teresa Horta, “1807: Amor de Perdição”, in *Mulheres*, nº9, Janeiro de 1979, p. 45

<sup>195</sup> Correia da Fonseca, “Festival de «marcha atrás»”, in *Mulheres*, nº 11, Março de 1979, p.44

<sup>196</sup> s.a. “Entrevista: O mito do antimito. Dina Sfat e Amanda na telenovela *O Astro*”, in *Mulheres*, nº 12, Abril de 1979, p.12

<sup>197</sup> Idem, *Ibidem*, p.13

Note-se a análise feita à telenovela *A Guerra dos Sexos*, no artigo «A Guerra dos Sexos»: Filipe e os fantasmas masculinos»: a personagem Filipe é tida como o machista por excelência, um homem que «todas tão bem conhecemos», que por vezes entenece pela infantilidade e enfurece pela misoginia:

Ele personifica em si mesmo o homem/antigo, tradicional. O seu discurso, nós conhecemo-lo, pois já o escutamos vezes sem conta. As suas alucinações, as suas visões desfiadas-mostradas ao longo de toda a novela, mais não são que os ancestrais desejos masculinos. Seus fantasmas. Assim, Filipe imaginará e verá nessas visões as mulheres com quem convive, sempre, em atitudes submissas. Por exemplo: Roberta Leone vestida de gueixa aparece-lhe dizendo, «meu amo, meu senhor, eu sou a sua escrava, faça de mim o que quiser» ... E Vania submeter-se-á nos seus braços, obediente aos seus desejos. Carolina, por seu lado, igualmente submissa e obediente surgir-lhe-á como a «fada do lar» perfeita (e igualmente como a megera de rolo da massa nas mãos). Até Charlô ele verá submissa e agradecida, suplicando perdão ao filho, querida, arrependida de ser feminista...»; «Aliás, estas e outras visões de Filipe constituem, indubitavelmente, dos momentos mais curiosos de toda «A Guerra dos Sexos». Desmascarando-se nelas através do humor, os mecanismos do machismo. Melhor: pondo mesmo a nú alguns dos mais arreigados anseios masculinos: A submissão da mulher. Usando o próprio discurso de Filipe: para os homens, «Todas as mulheres deviam ser assim...Submissas, obedientes, frágeis, doces, delicadas...»<sup>198</sup>

Em «Elas são as más das histórias...» Maria Teresa Horta expõe as imagens das vilãs das histórias para crianças, que fazem parte do imaginário de gerações e gerações, «as bruxas, as fadas más, as feiticeiras, as madrastas das histórias da nossa infância...».<sup>199</sup> E ainda sobre as crianças, na secção «Condenamos!», destacamos “Pretty Baby a utilização da criança” em que denunciavam o filme de Louis Malle por transmitir uma imagem “risonha” da prostituição e a utilização de uma criança no papel de prostituta:

Defendemos a necessidade da educação sexual, uma atitude sã de franqueza perante as crianças e adolescentes relativamente ao sexo; não condenamos pois “Pretty Baby” com

---

<sup>198</sup> s.a. “Machismo: «A Guerra dos Sexos»: Filipe e os fantasmas masculinos”, in *Mulheres*, nº81, Janeiro de 1985, p.9

<sup>199</sup> Maria Teresa Horta, “Mentalidades: Elas são as más das histórias...”, in *Mulheres*, nº102, Outubro de 1986, p.36

o zelo de puritanas que não somos, mas em nome de uma ética que não admite a utilização degradante de crianças, que argumento algum poderá legitimar.<sup>200</sup>

Em «Uso e abuso da Mulher na publicidade», Maria Antónia Fiadeiro parece resumir perfeitamente a visão de *Mulheres* sobre a questão:

Com raras excepções é esta a receita do uso e abuso da mulher na publicidade. Vincular e conservar a mulher nos tradicionais papéis femininos, de sexo sedutor e maldito ou de fada do lar exemplar. A escravidão é iludida no trono da adulação e do elogio da perfeição. Este aviltamento, e esta degradação é tanto mais grave quanto se faz à custa de impulsos vitais inconscientes e de intensificação de imagens afectivas profundas. Porque ser objecto de desejo só é estupendo quando também se é dono do próprio desejo e do próprio ser, como sujeito. A degradação da vida começa aqui. Na exploração do inconsciente como matéria-prima do lucro. Na exploração do desejo desviado para a satisfação da compra da publicidade e do consumo.<sup>201</sup>

Na secção «Machismo», na notícia «Tal & Qual: o machismo mais nojento» é denunciado o jornal em que é habitual o teor machista e grosseiro, aqui a propósito do Rali do Vinho do Porto, que de forma brejeira se falou não dos carros e seus condutores mas das mulheres que foram ver o Rali:

Assim fazendo o trocadilho mais pornográfico, todo o texto é constituído à base da equiparação das mulheres às máquinas, das curvas da estrada às curvas do corpo das mulheres, etc., etc., tudo dentro deste género mesquinho e ordinário. Assim: «Que carroçarias! Como de costume, o Rali do Vinho do Porto pôs os espectadores portugueses com os olhos pregados. As máquinas passavam e os doidos em cima delas, perigosamente em cima delas... (...) Os GNR de serviço só lhes lançavam lascivos olhares, mas os civis até com as mãos as queriam tocar (...). «Que vontade de uma pessoa se debruçar sobre aqueles motores! Apalpar aquela «bomba» e inspirar os odores a óleo queimado saído do palpitir das rotações elevadas ao rubo» (...) O sonho era poder chegar ao pé da máquina e implorar «posso entrar?. Depois, entrar e meter o prego a fundo (...)»<sup>202</sup>

---

<sup>200</sup> s.a. «*Condenamos!*: Pretty Baby a utilização da criança», in *Mulheres*, nº20, Dezembro de 1979, p.40

<sup>201</sup> Maria Antónia Fiadeiro, «Uso e abuso da mulher na publicidade», in *Mulheres*, nº12, Abril de 1979, p.25

<sup>202</sup> s.a. «Tal & Qual: o machismo mais nojento», in *Mulheres*, nº 85, Maio de 1985, p.5



A propósito da publicidade e o turismo sexual, denuncia Helena Neves, em «Caderno de Verão: As rotas do turismo sexual», como as rotas de turismo ligam os países que dominam economicamente aos dominados, onde as mulheres são «presa» mais fácil dado os fenómenos de «feminização da pobreza». Dos países nórdicos à Ásia - Tailândia, Filipinas, o Japão à Coreia do Sul, os EUA à Ásia e América Latina: «vêm de países que dominam economicamente para os países economicamente dependentes. Muitos são promissores executivos, jovens *yuppies*, quadros empresariais aos quais as empresas e firmas japonesas, americanas, nórdicas ou simplesmente multinacionais.»<sup>203</sup> E denuncia os mesmos processos em Portugal:

Mas há outras rotas mais encobertas. Outra publicidade mais subtil. Liminar dirão os técnicos do marketing... Os múltiplos concursos de miss monokini, bikini, bronze, seios à Samantha Fox, topless, Thi Shirt molhada; os sugestivos postais onde a par dos vinhos e da culinária e do sol se anunciam corpos, as facilidades concedidas a raparigas sozinhas em bares, discotecas etc. (Albufeira é exemplo...). Enfim, algumas destas rotas encobertas e subtilmente publicitadas conduzem a países do sul da Europa. Ao sul do seu país leitora. Do nosso país.<sup>204</sup>

Em «A Feminização do Consumo», Helena Neves defende como a mulher é o sujeito privilegiado do consumismo – essa face do capitalismo enquanto sinónimo de progresso social, que com moldes tecnológicos, perpetua os velhos mitos da feminilidade: «A maior parte das mensagens publicitárias, dos slogans de incentivo ao consumismo (que é algo diverso do consumo...) dirigem-se às mulheres. Interpelam-se directamente. Interrogam. Criam insatisfações. Amedrontam. Culpabilizam. Adulam. Seduzem».<sup>205</sup> Sendo portanto, utilizada para impor novos valores de produção de massas.

Mais, e de forma menos visível, a necessidade de neutralizar a luta das mulheres: certas empresas utilizaram mesmo o discurso da própria luta das mulheres, «você será mais liberta se usar X ou Y»<sup>206</sup>. A via é a de valorizar a mulher enquanto sujeito de consumo, a mulher que «escolhe» os produtos, que exerce um novo poder. Mas a imagem da mulher transformada em consumidora permanece encerrada nos papéis de mãe, esposa

---

<sup>203</sup> Helena Neves, “Cadernos de Verão: As rotas do turismo sexual”, in *Mulheres*, nº 124, Agosto de 1988, p.55

<sup>204</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>205</sup> Idem, “A Feminização do Consumo”, in *Mulheres*, nº 100, Agosto de 1986, p. 15

<sup>206</sup> Idem, *Ibidem*, p.16

e objecto sexual. E a mulher enquanto objecto de sedução já não surge apenas enquanto corpo, em função do produto a anunciar, pois é, ela mesma, por inteiro, que é reduzida a mercadoria.

Neste sentido, segundo Helena Neves, podemos concluir que a sociedade de consumo reforça os tradicionais mitos da feminilidade, dando a ilusão de que a mulher é sujeito, enquanto a submete aos mesmos estereótipos, à tipologia sexual da sociedade capitalista.

### **Parte III – A *política* de *Mulheres***

## Capítulo 1: Sujeito Mulher

Em *Mulheres* há um «reconstruir e desconstruir» da mulher. Como dá conta Yasmine Ergas,

Os feminismos contemporâneos parecem ter simultaneamente andado em volta da afirmação da diferença sexual como princípio existencial básico – e portanto político – e a própria negação da importância da diferença sexual como causa legítima (e explicação da desigualdade). Este movimento oscilatório acabou por ser identificado como o debate entre os defensores da «igualdade» e os partidários da «diferença».<sup>207</sup>

Seguindo as concepções de «alteridade» de Hélène Cixou e Luce Irigaray, concentraram-se na «especificidade» das mulheres e distinção entre homens e mulheres e por isso em clara oposição à desvalorização da feminilidade e assimilação da mulher de «modos de existência masculinos».

Logo, face à perda de identidade alienadora que aliciava a mulher a adoptar a «condição masculina», afirmava-se a perspectiva de revitalização da feminilidade: «Nesta perspectiva, as mulheres sofrem de uma perda de identidade à qual o feminismo responde revitalizando a categoria da feminilidade. Orienta-se então não contra as distinções entre os sexos, mas contra a sua obsolescência incipiente.»<sup>208</sup> Ao que o artigo «A verdadeira mulher» aponta respostas:

O que é apaixonante na nossa época, é seguir a evolução das imagens e dos modelos mas também a tentativa de algumas mulheres para encontrar – algumas dizem «reencontrar» - modelos em que a mulher é mulher por ela própria e para ela própria, em que os valores tradicionais são repensados e restituídos não pela relação com um mundo de homens e de mulheres dominadas e diminuídas pelos modelos tradicionais, redutores e alienantes, mas em relação com um outro mundo, ainda por imaginar e por criar.<sup>209</sup>

Estas duas perspectivas foram apresentadas como conflituais, visto que para os «igualitários» era necessário desestruturar o género, causa da sua opressão, e que os

---

<sup>207</sup> Yasmine Ergas, “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 591

<sup>208</sup> Idem, *Ibidem*, p. 592

<sup>209</sup> s.a. “A verdadeira mulher”, in *Mulheres*, nº 87, Julho de 1985, p.49

partidários da «diferença» entendiam que desestruturar o género seria causa da negação de identidade da mulher. Mas, como aponta Yasmine Ergas, é um erro tomar isoladamente estas leituras, retirando a sua complexidade, como demonstrou Joan Scott num trabalho fundador de desconstrução do debate *igualdade contra diferença*: «Como disse Joan Scott, o verdadeiro antónimo de igualdade é desigualdade, não diferença; e o de diferença é semelhança, não igualdade».<sup>210</sup> E vemos como esta simetria funcionou ao longo do século XX, com a reivindicação de direitos iguais como de direitos específicos para as mulheres. E como a distinção entre sexo e género permitiu a politização e profundidade da feminilidade, enquanto produto de um processo histórico.

As *políticas do corpo* – o retomar a posse do corpo, libertando-o da dominação masculina, seria o retomar do *ser-mulher* – foram as que mais se destacaram nos movimentos feministas. E, em *Mulheres*, foram estes os temas que mais conflito originaram entre a redacção da revista e o PCP. Como foram os temas abandonados pelos revolucionários bolcheviques, com a adopção do conceito de «família socialista forte» nos anos 30, em substituição da concepção revolucionária de união livre. Os temas sobre a sexualidade chocaram e “reavivaram” o obscurantismo da sociedade portuguesa, mas também o antifeminismo que se manifestava também à esquerda, como apontam Vanda Gorjão e Manuela Tavares nos seus trabalhos. «Segundo Christine Bard, o «antifeminismo de esquerda» manifestava-se fundamentalmente pela subordinação da luta autónoma das mulheres à prioridade da luta de classes».<sup>211</sup>

Em 1918, escreve Kollontai, em aparente resposta aos que consideravam as questões do sexo e amor livre como «questões burguesas»:

É um profundo erro acreditar que a crise sexual só alcança os representantes das classes que têm uma posição económica materialmente segura. A indefinida inquietação da crise sexual franqueia, cada vez com maior frequência, a porta das habitações operárias, causando tristes dramas, que por sua intensidade de dor, não tem nada a dever aos conflitos psicológicos do mundo burguês. [...] É imperdoável nossa atitude de indiferença diante de uma das tarefas essenciais da classe trabalhadora. É inexplicável e injustificável

---

<sup>210</sup> Yasmine Ergas, “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 593

<sup>211</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p.75

que o vital problema sexual seja relegado, hipocritamente, ao arquivo das questões puramente privadas».<sup>212</sup>

O fenómeno de massificação da cultura do século XX, ligado ao desenvolvimento da sociedade de consumo e tido como objecto de uniformização geral e de alienação, foi objecto de análise determinante na revista. Foi o objecto de crítica por excelência porque surgiu como espaço de emancipação da mulher, que pelas mudanças de comportamento e modelos apresentados – a imprensa feminina, o cinema de Hollywood, a televisão e a publicidade – produziram uma feminilidade «moderna» e criaram uma identidade de consumidora.

Em *Mulheres* temos uma análise crítica destas imagens, consideradas desde logo como produção da ideologia dominante, masculina. E funcionando como uma dupla crítica, por um lado, a utilização dos velhos mitos da feminilidade com as novas roupagens tecnológicas e por outro, a crítica do consumismo, do sistema capitalista, que tornou a mulher um alvo privilegiado de mercadoria. Perante isto, a mulher do capitalismo/cultura de massas é mais “livre”. Liberdade, é claro, cerceada de imediato pelo facto da mulher “livre” do capitalismo ser livre para quase tudo menos para não ser explorada. O artigo «Recusamos ser bonecas decorativas» de Maria Teresa Horta (que tratámos no Capítulo 1 da II Parte) sobre as secretárias, funciona como uma boa síntese desta dupla recusa: nem mulher conservadora, nem mulher “liberalizada”.

Se atendermos aos modelos de feminilidade do pós-guerra, como aponta Anne Higonnet, o modelo soviético produz um modelo de «dever cívico, produtividade, responsabilidade colectiva, visibilidade colectiva», como é figurado na fotomontagem da *Celebração da força e da coragem*, de Kalachnikov e Korchounov, em 1935, representando mulheres anónimas em exercícios de grupo.<sup>213</sup> Num polo oposto, temos o modelo americano: «doméstico, maternal, individualista e consumista. A publicidade promovia habilmente esta imagem feminina. Uma mensagem da General Electric, por exemplo, mostra como a mulher com a filha em casa atribui a sua felicidade a um produto

---

<sup>212</sup> Alexandra Kollontai, *A nova mulher e a moral sexual*, Expressão Popular, pp. 53-54

<sup>213</sup> Anne Higonnet, “Mulheres, Imagens e representações”, in *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 412

à venda.» A mulher é representada em casa a tratar da família, enquanto o homem é aquele que proporciona à família, os bens de consumo.<sup>214</sup>

Enquanto o modelo americano reproduz o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho com os novos suportes da cultura de massas, em que a mulher parece exercer novos poderes, como sujeito que decide sobre o consumo, é na verdade um alargamento da concepção de objectificação da mulher, porque toda ela se torna mercadoria. O modelo soviético rompe com este modelo, defendendo que a mulher é sujeito enquanto pertença à classe trabalhadora, e por isso também os velhos mitos da feminilidade são substituídos pela «força» e «coragem».

É certo que um e outro impõem modelos de feminilidade, mas um rompe com a velha lógica de que a mulher e o homem se complementam e portanto têm papéis diferentes na sociedade. O modelo soviético concebe a mulher como igual ao homem, apesar das diferenças biológicas: «A mulher é, em primeiro lugar, uma trabalhadora, e a feminilidade tradicional é denegrida, pois está ligada ao antigo regime burguês. A igualdade é, de facto, uma identidade dos sexos. A nova humanidade industriosa é composta por seres gémeos.»<sup>215216</sup> Vemos esta conceptualização em Kollontai:

As virtudes femininas – passividade, submissão, doçura – que lhe foram inculcadas, durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedade exclusiva do homem. Privada da protecção que até então lhe prestara a família ao passar do aconchego do lar para a batalha da vida e da luta de classes, a mulher não tem outro remédio senão armar-se, (...) com as forças psicológicas próprias do homem.<sup>217</sup>

A concepção da mulher nova em Kollontai vai ao encontro da análise de Studer, da virilização da identidade bolchevique. Vejamos:

---

<sup>214</sup> Idem, *Ibidem*, p. 413

<sup>215</sup> Françoise Navailh, “O modelo soviético”, in *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 286

<sup>216</sup> A feminista Luce Irigaray, num quadro pós-modernista, afirma que toda a teoria do sujeito foi apropriada pelo masculino, não sendo possível pensar uma teoria do sujeito que incluía a mulher, e portanto, recusa qualquer teoria do sujeito. – “Feminismo e Pós-Modernismo”, in *Dicionário da Crítica Feminista*, Edições Afrontamento, 2005, p.72

<sup>217</sup> Alexandra Kollontai, *A nova mulher e a moral sexual*, Expressão Popular, p. 17



O novo tipo da mulher, que é interiormente livre e independente, corresponde, plenamente, à moral que elabora o meio operário no interesse da sua própria classe. A classe operária necessita, para a realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas. Não quer mulheres sem personalidade, no matrimónio e no seio da família, nem mulheres que possuam as virtudes femininas – passividade e submissão. Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda a servidão, que possam ser consideradas um membro activo, em pleno exercício dos seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam à colectividade e à sua classe.<sup>218</sup>

Em *Mulheres* vimos tratada a exclusão secular das mulheres e como isso também disse respeito ao domínio do saber, como parte do sujeito e objecto. Dando conta do impacto da diferença sexual no processo de construção do saber, das lacunas e falsificações que identificaram a masculinidade com a universalidade. Concebendo essa «correção» da História na construção de «uma história das mulheres», mas também novas perspectivas para uma história global. Como refere Yasmine Ergas,

A «descoberta» da história das mulheres misturou-se assim com as análises das suas condições e com as da significação da diferença sexual para redefinir e relegitimar um sujeito mulher: estabelecendo os elementos comuns na base dos quais as mulheres se podiam identificar umas com as outras, construindo uma memória específica de género...<sup>219</sup>

Elaine Showalter, em *A Crítica Feminista no Deserto*, defende que uma teoria feminista baseada num modelo de cultura das mulheres pode ser mais útil para perceber a especificidade da mulher do que teorias baseadas na psicanálise, na biologia ou na linguística – «...uma teoria da cultura incorpora ideias sobre o corpo, a linguagem e a psique da mulher, e interpreta-as de acordo com os contextos sociais nos quais ocorrem».<sup>220</sup> Sem negar as diferenças de classe, raça, nacionalidade, entre outras, a «cultura das mulheres constitui uma experiência colectiva que liga as mulheres» e é a

---

<sup>218</sup> Idem, *Ibidem*, p. 23

<sup>219</sup> Yasmine Ergas, “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”, in *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 600

<sup>220</sup> Elaine Showalter, “A Crítica Feminista no Deserto”, in *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Edições Cotovia, 2002, p. 63

ênfase nesta ligação que diferencia esta abordagem das teorias marxistas de hegemonia cultural.<sup>221</sup> Em parte, é este conflito que identificamos na revista *Mulheres*.

A diferença dos sexos é difícil de contornar, sendo que não podemos reduzi-la, totalmente, a uma «construção», mas definir de maneira dual «homens» e «mulheres», trabalhando unicamente sobre estas categorias é inevitável cair na sua «essencialização». É por isso, um círculo vicioso a reflexão sobre a diferença dos sexos. É na teoria feminista mais recente, que remete para a fluidez da noção de sujeito, com conceitos como o de «ciborgue» de Donna Haraway e o «sujeito nómada» de Rosi Braidotti, que podemos escapar à falsa dicotomia homem/mulher.

Apesar de tudo, foi também na metafísica dos sexos que observámos os acordos e desacordos entre o feminismo de *Mulheres* e a análise sobre a emancipação da mulher do Partido Comunista, entre os temas caros às feministas, extravasando o pessoal no político e o político no pessoal, e «cedendo» aos lugares e temas tradicionalmente femininos, como a luta pela Paz.

Vimos no capítulo sobre as questões do trabalho, na II Parte, como se deu a associação entre *consciência de classe* e *consciência feminina*, surgindo como uma relação de simbiose, em torno, fundamentalmente, da «ideologia da domesticidade», servindo para construir uma identidade feminina, visto que, apesar das suas múltiplas experiências, o ser «dona-de-casa» constituiria uma «segunda pele» de todas as mulheres.<sup>222</sup> Sendo esta a principal razão do afastamento das mulheres no mundo do trabalho, na participação mais activa nos sindicatos e na política em geral, então o combate ao sexismo, ao patriarcalismo, seria tão urgente quanto o da luta de classes, porque essencial para o seu aprofundamento. Tratar-se-ia de aliar à *condição de classe* a *condição de mulher*.

E vimos, no capítulo sobre as questões da cultura, com a dupla recusa da «mulher conservadora» e a da «mulher liberalizada» se materializou numa crítica e recusa anticapitalista e unitária.

---

<sup>221</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>222</sup> «...Ser dona de casa é uma espécie de «segunda pele» que as mulheres transportam consigo toda a vida, que tem em si por educação, latente desde a infância. Criança, adulta, idosa; operária, engenheira nuclear, escritora, trabalhadora do campo, ela também é dona de casa. Ser dona de casa, é pois, o sinal da nossa condição comum, ainda que (por estado, condição social, cultura, experiência etc.) cada mulher viva isso de modo diferente...» - s.a. “Ser dona de casa é...”, in *Mulheres*, nº 14, Junho de 1979, p.10

## 1.1. Mulheres na política

Nas questões políticas, como nas questões do trabalho e da cultura, *Mulheres* valorizou o feminino porque era desvalorizado e deu visibilidade à mulher que podia fazer o mesmo que o homem. E fazê-lo diferente, porque mulher.

Segundo Domingos Abrantes, o PCP não partilha de concepções feministas por não conceber que seja possível, ou mesmo positivo, falar em unidade feminina, ainda que admitindo que a discriminação seja comum às mulheres de vários estratos sociais e que o projecto trabalho unitário da revista tenha sido, exactamente, o de chegar a camadas diferenciadas que o PCP não poderia colocar oficialmente:

Há um problema Mulheres. As mulheres são, como mulheres, sejam burguesas, operárias, camponesas, etc. são discriminadas pela sociedade, mas não são unidade. Não há uma política feminina, não há uma solidariedade feminina, isso é tudo conversa. Nenhuma capitalista deixa de despedir mulheres pelo facto de serem mulheres. Nem é uma questão teórica. É uma questão visível, as contradições de classe (...) esta ilusão do feminismo. Que desempenhou em certas fases um papel importante na resolução de problemas (...); «A revista tinha o objectivo de se dirigir a camadas diferenciadas até do ponto de vista partidário e ideológico, mas onde fossem postas questões essenciais que o partido não podia fazer...tinha a função de agregar gente progressista, com concepções diferentes. Aliás, a própria redacção, bastava fazer uma reunião com elas...até mesmo as nossas camaradas (...)»<sup>223</sup>

Deste modo, se por um lado há um projecto de trabalho unitário em torno do «problema Mulheres», do outro, a negação de uma identidade de género em prejuízo de uma visão classista da sociedade.

Identificamos o discurso de *Mulheres* dentro da corrente igualitarista do feminismo, herdeira do marxismo mas também, paralelamente, das correntes da psicanálise que se desenvolvem particularmente em França, a partir dos anos setenta. Para

---

<sup>223</sup> Entrevista a Domingos Abrantes.

esta última, a memorização da mulher advém da sua verdadeira natureza ter sido negada, e centra-se nessa busca:

Trata-se portanto de afirmar a realidade específica positiva – e não relativa – das mulheres, e de avaliar o seu espaço próprio tanto na ordem do prazer como na ordem da cultura. Se há que desconstruir a definição das mulheres imposta pelos homens, é em nome de uma «essência» feminina autêntica, associada à morfologia e geradora de uma relação com o mundo original. Há dois sexos, irredutíveis um ao outro, cujo antagonismo deveria poder dar lugar a uma «ética da diferença sexual». A afirmação desta dualidade é aliás muitas vezes explícita ou implicitamente inspirada por um imaginário da superioridade do feminino sobre o masculino, mesmo que esta superioridade não procure formular-se em termos de dominação, mas, na maior parte dos casos, de coexistência pacífica.<sup>224</sup>

No artigo «Mulher quis dizer política em 1979» vemos uma selecção de mulheres que se destacaram em cargos políticos importantes, «afirmando a sua competência e inteligência, durante tantos anos negadas»: Maria de Lurdes Pintassilgo, Lídia Gueiler, Margaret Thatcher, Leonilde Jotti e Simone Veil. Bem como, mulheres que receberam importantes prémios da Paz nesse ano: Teresa de Calcutá, com o Prémio Nobel da Paz, e o Prémio Lenine da Paz, por Angela Davis, Fedra Brown, Calina Skibniewska e Vilma Espin Guillys.

Neste artigo, com mulheres de vários quadrantes políticos, apenas a condição feminina de Margaret Thatcher é relegada para segundo plano devido às suas «posições extremamente conservadoras», destacando a palavra de ordem dos movimentos de mulheres na Grã-Bretanha, durante a campanha eleitoral: «Queremos direitos de mulher e não mulheres de direita».<sup>225</sup> Importa dizer que às mulheres de direita, em que Thatcher teve grande destaque, mas outras como, Leonor Beleza, Teresa Costa Macedo ou Nancy Reagan, há a associação à sua assimilação do “modelo masculino”, visto que a forma diferente de governar da mulher seria necessariamente mais «humana», mais justa portanto, e deste modo, dissociável da política de direita.

---

<sup>224</sup> Françoise Collin, “Diferença e diferendo. A questão das mulheres na Filosofia”, in *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 344

<sup>225</sup> s.a. “Mulher quis dizer política em 1979”, in *Mulheres*, nº 22, Fevereiro de 1980, p.24

No “editorial” do número 89, com o tema “Machismo e eleições”, Helena Neves diz que uma onda de machismo e sexismo invadiu a Comunicação Social, que não sendo novidade, tem uns traços de originalidade: por um lado os artigos e imagens de tom conservador e discriminatório, por outro artigos imbuídos de um «discurso pseudo-científico», de «intenções de valorização da mulher», defendendo que a luta das mulheres teria levado à sua «masculinização» e «agressividade» e fez dos homens fracos e inseguros.

Helena Neves identifica, para além do crescimento de um discurso machista dos meios de comunicação, o seu aumento em períodos eleitorais:

Independentemente de um estudo profundo que urge fazer-se sobre o conteúdo, a forma e fundamentalmente os porquês desta ofensiva do machismo, do patriarcalismo, um facto ressalta de imediato: tal ofensiva, do mais puro reaccionarismo, surge sempre que se aproximam momentos importantes para o futuro das mulheres, para o futuro dos povos. No nosso caso, na antevéspera e véspera das eleições.<sup>226</sup>

Mas diz também que o machismo, enquanto característica da cultura dominante e masculina, serve homens de «determinado estrato»:

Porque, na realidade, é bom que não esqueçamos que o machismo, ainda que pegado à pele de todos os homens, condicionados desde o berço pela mentalidade e cultura dominante (o que consegue ser exactamente na medida em que passa e é assimilada como “universal”), serve fundamentalmente determinados homens, determinado estrato, cujo poder é não só contrário ao direito das mulheres mas, do mesmo modo, ao direito dos povos.<sup>227</sup>

Vemos, curiosamente, como a associação de «masculinidade» às mulheres teve sempre um tom pejorativo, ainda que partindo de perspectivas bem diferentes. Na crítica feminista às mulheres que não serviriam os interesses da globalidade das mulheres, mulheres de direita, entenda-se; e por outro lado, a crítica secular sexista que identificou de masculina a mulher com comportamentos desviantes da norma.

Note-se a crítica jocosa de Miguel Esteves Cardoso a Maria Lourdes Rodrigues que a revista denuncia no artigo «Sexismo na campanha eleitoral»: «Miguel Esteves Cardoso o príncipe de orelhas grandes, o humorista, sem dúvida inteligente mas tão

---

<sup>226</sup> Helena Neves, “Machismo e eleições”, in *Mulheres*, nº89, Setembro de 1985, p.1

<sup>227</sup> Idem, *Ibidem*.

misógino! Dirigindo-se a Lourdes Pintassilgo, que afirmou ser ele mais um humorista que um político, disse: «A senhora é que eu não sei bem o que é». Entre outros políticos que são denunciados por declarações sexistas, Lucas Pires, Paulo Portas, Cavaco Silva, Vitor Constâncio, é feito o paralelismo entre o sexismo e «os quadrantes políticos [que] se definem cada vez mais nas suas radicais diferenças».<sup>228</sup>

Em «A mulher e o desporto», num artigo que trata o Movimento Voluntário Desportivo (MVD), criado em 1976, com o objectivo de alargar a prática desportiva ao nível de bairro, colectividades, clubes, sociedades de recreio e comissões de moradores é feito o apelo à prática desportiva que como uma forma de cultura, deve ser acessível a todos. Propõem que a mulher no mundo desportivo tem lugar enquanto “mulher dirigente”, “mulher praticante” e também “mulher activista”.<sup>229</sup>

## **1.2. A luta pela Paz**

A luta pela Paz foi entendida como um espaço privilegiado das mulheres, na luta antifascista mas também depois do 25 de Abril. Mas quis a mulher mais a Paz que o homem?

Como realça Manuela Tavares, a propósito da oposição ao Estado Novo, os problemas das mulheres eram entendidos como problemas da humanidade, sendo que nem sempre a sua especificidade era tida em conta na luta política. Como verificamos no discurso das comemorações do dia internacional da mulher, promovidas pela Associação Feminina para a Paz, em 1952, da destacada figura da oposição democrática, Maria Isabel Aboim Inglez:

...a especificidade dos problemas femininos é noção bastante relativa, pois não existem na verdade problemas exclusivamente femininos. A mulher, cada mulher, não é um ser isolado, é sempre membro de um grupo... Os problemas da mulher resultam todos directamente da sua integração nos diversos grupos sociais em que se movimenta...<sup>230</sup>

---

<sup>228</sup> Helena Neves, “Sexismo na campanha eleitoral”, in *Mulheres*, nº112, Agosto de 1987, p. 15

<sup>229</sup> Isabel Rocha, “A Mulher e o Desporto”, in *Mulheres*, nº9, Janeiro de 1979, p.6

<sup>230</sup> Manuela Tavares, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011, p. 52

O pensamento de Maria Lamas espelha o «familiarismo» que marcou a esquerda no pós-guerra, como se nota no último fascículo de *As Mulheres do Meu País*: «a mulher portuguesa, sem distinção de classes, cumpre o melhor que pode e sabe o seu destino de companheira do homem e de mãe». No seguimento, José Neves alega que:

À manutenção desta imagem maternalista da mulher não é estranho o facto de Lamas se aproximar do comunismo pelo tema da paz. (...) no discurso da paz comunista a mulher foi tendencialmente imaginada através da sua condição materna, surgindo como a mais sacrificada pela guerra, porque a mulher era a mãe que perdia os filhos.<sup>231</sup>

As mulheres deviam lutar contra o regime, sem que se pusesse em causa o papel que desempenhavam na família, sendo que esse papel, também serviu a luta antifascista.

Se atendermos ao discurso de Clara Zetkin na sua «Mensagem às mulheres de todos os países», é a mulher socialista e mãe, mas sobretudo a mãe que apela num discurso anti-belicista:

Se nós, mães, inculcarmos nos nossos filhos o mais profundo ódio à guerra, se implantarmos neles desde a sua mais tenra juventude o sentimento, a consciência da fraternidade socialista, virá o tempo em que na hora do perigo mais premente não poderá haver na terra poder capaz de arrancar este ideal dos seus corações. Então, nos tempos de perigo e do mais terrível conflito, eles pensarão primeiro no seu dever de homens e de proletários.

Se nós, mulheres e mães nos erguermos contra os massacres – não é porque, no nosso egoísmo e na nossa fraqueza, sejamos incapazes de grandes sacrifícios por grandes objectivos, por um grande ideal; nós passámos pela dura escola da vida na sociedade capitalista e nessa escola tornámo-nos combatentes. Por isso podemos enfrentar o nosso próprio combate e cair, se for necessário, pela causa da liberdade...<sup>232</sup>

A crítica que Maria Teresa Horta faz ao filme *Apocalypse Now* de Coppola revela o entendimento que faz da relação homem-violência, criticando a espectacularização da guerra e como Coppola tem o mérito, esse sim, de captar a «condição masculina»: «exemplarmente ele mostra-nos como a guerra pertence na realidade aos homens».<sup>233</sup>

---

<sup>231</sup> José Neves, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no Século XX*. Lisboa: Tinta-da-china, 2010, p. 231

<sup>232</sup> Laura Cunha, “Clara Zetkin e a luta contra a guerra”, in *O Militante*, n.º 293, 2008

<sup>233</sup> Maria Teresa Horta, “Cinema: *Apocalypse Now*”, in *Mulheres*, n.º 25, Maio de 1980, p.45



No mesmo sentido, no “editorial” «Este fascínio dos homens...», Helena Neves diz que sondagens efectuadas nos EUA revelam que em vários países da Europa, os homens se sentem muito mais fascinados pelos filmes e relatos de guerra e pelas tecnologias militares do que as mulheres, que se enfastiam ou repudiam este tipo de demonstrações. Defende que estas tendências não correspondem a uma qualquer raiz biológica mas «a um modo de ser histórico e cultural». E como essa condição só se pode transformar através de uma outra educação:

”Não se pode socializar de modo diferente raparigas e rapazes, pôr miniaturas de metralhadoras nas mãos de uns e bonecas nas mãos de outras da mesma idade, sem influenciar o produto final de cada sexo, sem tornar diferentes as suas percepções, as suas atitudes, as suas preferências” lemos em *Nouvelles Questions Feministes*, o que recoloca a importância da educação pela paz e para a paz e da batalha da mudança de mentalidades.<sup>234</sup>

Vemos como a associação da mulher à paz se centra em dois eixos, diferentes mas coincidentes: num eixo maternalista e na *diferença* feminina, a guerra e a violência como algo que pertence à «condição masculina». E como a «mãe» tem esse poder de reeducar os filhos da violência inculcada desde crianças. Da mesma forma que às meninas se inculcou a arte maternal de cuidar.

No plano internacional, mencionamos a entrevista à jornalista Maritza Cordero<sup>235</sup>, membro do Comité Nicaraguense pela Paz:

Em todo o mundo existem muitas, muitas mulheres interessadas na causa da Paz. Pude constatá-lo no Congresso em Viena», referia, «Na Nicarágua a luta pela Paz implica defender o direito à vida. ...Visitamos muitos países e alertamos para o facto de a Paz estar ameaçada em todo o mundo, com as escaladas ao armamento e com os projectos actuais da “Guerra das Estrelas”...Queremos a Paz na Nicarágua e em todo o mundo».

Sobre as prioridades que se colocam à mulher nicaraguense a nível do quotidiano, Maritza responde: «a defesa do nosso país, da liberdade. A Nicarágua está a viver uma situação crítica. A agressão tomou um cariz destrutivo. [...] Por isso muitas mulheres participam

---

<sup>234</sup> Helena Neves, “Este fascínio dos homens...”, in *Mulheres*, nº106, Fevereiro de 1987, p.1

<sup>235</sup> Representante da União Nacional dos Jornalistas do Comité Nicaraguense pela Paz, fez parte da equipa da Rádio Sandinista Clandestina durante a Guerra da Libertação.

da vigilância e da defesa civil. (...) Elas fazem abrigos antiaéreos, preparam-se para a defesa».<sup>236</sup>

Vemos, portanto, como a luta das mulheres pela Paz, não foi necessariamente uma luta pacifista, foi, antes de mais, a luta pelo «direito à vida» com justiça social. E pela «paz comunista» foram muitos os casos em que a participação das mulheres da luta armada foi essencial, como o caso da Nicarágua.

No caderno especial 1984: «A recusa das mulheres como afirmação de luta» de Helena Neves<sup>237</sup>, destacamos as palavras iniciais:

Nenhum domínio escapou à palavra e à acção da mulher. Desde a questão económica, social, política que, se a todos atinge, as fere ainda mais como mulheres, até ao que define o seu estatuto na sociedade. Estatuto que ela recusa. Buscando a sua identidade. Em combate por todos os continentes. Da recusa de estruturas económicas e políticas que as oprimem como mais de metade da população em quase todos os países, à recusa da sexualidade amordaçada, do silêncio, do *gueto* à feminilidade. Tal foi a luta da mulher, tão vasta que difícil lhe é definir o centro. Mas talvez o eixo maior tenha sido o da libertação feminina inserindo-se na luta pela paz, pela vida.

Desta forma, a luta pela Paz assumiu-se na recusa da feminização da pobreza, do regresso do lar doce lar, da violência, da repressão, da guerra, do apartheid, do machismo, da clandestinidade do aborto, do silêncio. Nas múltiplas facetas da vida, mas ligando o combate a três eixos fundamentais: o Capitalismo, o Racismo e o Sexismo.

---

<sup>236</sup> s.a. “Internacional: Mulheres da Nicarágua em luta”, in *Mulheres*, nº85, Maio de 1985, p. 31

<sup>237</sup> Helena Neves, “Caderno especial 1984: A recusa das mulheres como afirmação de luta”, in *Mulheres*, nº81, Janeiro de 1985, p.37

## Conclusão

Podemos agora traçar algumas considerações finais sobre os resultados desta dissertação.

O estudo da revista *Mulheres* contribui para demonstrar que os processos de emancipação da mulher ocorridos no pós-25 de Abril, foram menos pacíficos do que as grandes sínteses históricas podem sugerir.

Como podemos apreender da primeira parte da tese, a década de 1980 pautou, por um lado, pelo alargamento do campo de subjectividades políticas aberto pela revolução, ao mesmo tempo que era feito o reajustamento aos valores tradicionais, com a reacomodação da direita no poder. Portanto, quando se dão sintomas de uma “revolução sexual”, é já num quadro neoconservador e de refluxo dos movimentos sociais em geral.

Vemos também que no momento em que retorna um certo nacionalismo cultural, que esbate as clivagens político-ideológicas e repudia os tempos da revolução, *Mulheres*, foi uma voz dissonante, em negação à *portugalidade* “despolitizante”. Mais: na revista vemos como se desenvolvem estudos embrionários de uma história das mulheres, introduzindo o sujeito mulheres numa história mais geral, quando estes são ainda escassos até na academia.

*Mulheres* funcionou como um espaço de debate num país em que a teoria feminista e o debate eram parcos, limitando-se a pequenos grupos intelectualizados. O colectivo redactorial que constituiu a revista pautou pelo mérito de introduzir temas inovadores e de os apresentar de uma forma apelativa e que permitia à mulher operária, à mulher dona-de-casa e à mulher intelectual apreciar a revista. É, neste sentido, uma revista singular, em Portugal. A relação de proximidade com o Partido Comunista Português e com o Movimento Democrático de Mulheres permitiram que a revista se tornasse um veículo de comunicação alargada, amplificando-se o seu campo de influência, por um lado, e, por outro, desenvolvendo-se um trabalho de transformação das mentalidades a nível interno.

*Mulheres* construiu-se enquanto comunidade de mulheres, quebrando a falsa dicotomia entre igualdade e diferença, pois permitiu conciliar uma unidade entre a «condição de classe» e a «condição feminina». A afirmação da diferença feminina foi

entendida enquanto uma reposição justa face ao seu silenciamento secular, e em particular, em torno, da «ideologia da domesticidade» que subalternizou todas as mulheres. A domesticidade que afastava a mulher da vida colectiva, do trabalho, da participação política e sindical, surge numa relação dialética como a primeira barreira à consciencialização da participação colectiva, e aquela que tem de ser quebrada para se emancipar. Neste sentido, a luta contra a exploração económica surge, lado a lado, com a luta contra a exploração sexista.

Enquanto objecto histórico, *Mulheres* permite-nos compreender melhor os discursos sobre as imagens dominantes da mulher portuguesa nos anos 80, sendo que o projecto da revista opera uma dupla recusa: por oposição ao passado, recusa-se a imagem da mulher conservadora vinculada pelo fascismo português e o catolicismo; e, por oposição ao capitalismo, recusa-se a imagem da mulher “liberalizada”. Dentro destas duas imagens, é preciso dizer que elas se cruzam. A imagem da mulher “liberalizada” vinculada nos meios de comunicação de massas reutilizou as imagens da mulher conservadora, que a ligava aos seus papéis «naturais» (mãe, esposa e objecto sexual), submetidos à tipologia sexual da sociedade capitalista. Foi deste modo entendida apenas aparentemente enquanto sujeito, visto que se constituía como objecto privilegiado da sociedade de consumo (através da «feminização do consumo»). E, neste sentido, a sua desconstrução tornou-se mais difícil, porque a exploração se tornou mais subtil.

Numa clara oposição à desvalorização da feminilidade e recusa de modos de aquisição masculinos por parte das mulheres, em *Mulheres* compreendemos que à mulher emancipada caberia encontrar a sua maneira de ser, liberta da dominação masculina. Neste sentido, rejeitaram tanto os mitos tradicionais da feminilidade como a igualdade que anulava as especificidades da mulher e a submetia a uma universalidade que resultava em masculinidade.

Entendemos que a durabilidade da revista se explica na conciliação entre os temas mais caros às feministas, com as questões em torno do corpo, da educação e desconstrução das imagens tradicionais da mulher, ao mesmo tempo que manteve muitos desses papéis. O tema da luta pela Paz enquanto universo privilegiado da mulher é paradigmático a esse respeito, assumindo categorias da metafísica dos sexos. Também na política vimos como se manteve um entendimento em torno da associação entre a mulher-

humanidade e como a política de direita, atentando contra os direitos humanos, seria uma causa natural de recusa por parte das mulheres.

Neste sentido, apesar das contradições entre classe e género, quanto ao sujeito social «mulheres», a perspectiva de que existe uma diferença essencial, biológica, entre homens e mulheres, que define as suas especificidades, foi comum a *Mulheres* e aos comunistas.

## Fontes

Revista *Mulheres* (1978-1989) – Nº1-130

*Mulheres Magazine* (1989-1990/91) – Nº1-13

## Arquivos:

Biblioteca Nacional de Portugal

Espólio pessoal de Helena Neves

## Entrevistas:

ABRANTES, Domingos (entrevista gravada). 22/07/2014

HORTA, Maria Teresa (entrevista gravada). 17/11/2013

NEVES, Helena (entrevista gravada). 04/03/2014

NUNES, Leonor (entrevista gravada). 06/02/2014

## Bibliografia

ALMEIDA, Ana Nunes (coord.), “Os Nossos Dias”, in MATTOSO, José (dir.), *História da Vida Privada em Portugal*, Maia: Círculo de Leitores, 2011

ALMEIDA, Ana Nunes e WALL, Karin, “Família e Quotidiano: Movimentos e Sinais de Mudança”, in BRITO, J. M. Brandão de (coord.), *Revolução e Democracia. II. O país em Revolução*, Lisboa: Editorial Notícias, 2001, pp. 277-307

ALMEIDA, Vale de Almeida, “Do feminismo a Judith Butler”, in UNIPOP (org.), *Pensamento Crítico Contemporâneo*, Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 144-151

AMÂNCIO, Lúcia e CARMO, Isabel do, *Vozes Insubmissas – A história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando ainda era crime fazê-lo*, Lisboa: Dom Quixote, 2004

AMÂNCIO, Lúcia, *Masculino e feminino. A construção social da diferença*, Porto: Afrontamento, 1994

- BARRADAS, Ana, *Dicionário de Mulheres Rebeldes*, Lisboa: Ela por Ela, 2006
- BARRENO, M.I., HORTA, M.T., COSTA, M.V, *Novas Cartas Portuguesas* – Edição Anotada por Ana Luísa Amaral (org.), Lisboa, Dom Quixote, 2010
- BEAUVOIR, Simone de, *O Segundo Sexo I*, Lisboa: Quetzal Editores, 2009
- \_\_\_\_\_, *O Segundo Sexo II*, Lisboa: Quetzal Editores, 2008
- BOURDIEU, Pierre, *A Dominação Masculina*, Oeiras: Celta Editora, 1999
- BRASÃO, Inês, *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino. Os Discursos sobre o Corpo na História do Estado Novo*, Lisboa: Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1999
- \_\_\_\_\_, *O Tempo das Criadas: a Condição Servil em Portugal (1940-1970)*, Lisboa: Tinta-da-China, 2012
- CARDÃO, Marcos, “O charme discreto dos concursos de beleza e o luso-tropicalismo na década de 1970”, in *Análise Social*, 208, xlviii (3.º), 2013
- CASTELO-BRANCO, Salwa (dir.), *Enciclopédia da Música em Portugal no século XX*, vol. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 2010
- COVA, Anne, “O conceito de feminismo numa perspectiva histórica.” in Maria Beatriz Nizza da Silva e Anne Cova (Org.), *Estudos sobre as Mulheres*, Lisboa: Universidade Aberta, CEMRI, 1998
- CUNHA, Isabel Ferin, “A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal” [pdf extraído do sitio da internet [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)]
- DALLA COSTA, Mariarosa e JAMES, Selma, *The Power of Women and the Subversion of the Community*, Bristol: Falling Wall Press, 1975
- DREYFUS, Michel *et al*, *O Século dos Comunismos*, Lisboa: Editorial Notícias, 2004
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.), *História das Mulheres no Ocidente*, Vol. 5: O século XX, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994
- FAUSTINO, Maria João Carvalho Pinto, «Maria Teresa Horta: Entre o Jornalismo, a Literatura e o Feminismo», [Dissertação de mestrado], Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2013

FEDERICI, Silvia, *Calibán y la Bruja. Mujeres, Cuerpo y Acumulación Originaria*, Madrid: Traficantes de Sueños, 2010

FERREIRA, José Medeiros (coord.), “Portugal em Transe (1974-1985)”, in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, vol.VIII, Lisboa: Círculo de Leitores, 1993

FERREIRA, Virgínia, “O Feminismo na Pós-Modernidade”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº24, Março de 1988

GORJÃO, Vanda, *Mulheres em Tempos Sombrios. Oposição feminina ao Estado Novo* Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002

KOLLONTAI, Aleksandra, *A Nova Mulher e a Moral Sexual*, Expressão Popular [pdf extraído da internet]

MACEDO, Ana Gabriela (org.), *Género, identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa: Edições Cotovia, 2002

MACEDO, Ana Gabriela e AMARAL, Ana Luísa (org.), *Dicionário da Crítica Feminista*, Porto: Edições Afrontamento, 2005

MAGALHÃES, Maria José, *Movimento Feminista e Educação, Portugal décadas de 70 e 80*, Oeiras: Celta Editora, 1998

MARQUES, Regina (coord.), *A Memória, a Obra e o Pensamento de Maria Lamas*, Lisboa: Edições Colibri/MDM, 2008

METRASS, C., MEDEIROS, H.S., HORTA, M.T, *Aborto. Direito ao Nosso Corpo*, Lisboa: Editorial Futura, 1975

MILLET, Kate, *Política Sexual*, Lisboa: Dom Quixote, 1974

NEVES, Helena, *O Estado Novo e As Mulheres. O Género como Investimento Ideológico e de Mobilização*, Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 2001

NEVES, José, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no Século XX*. Lisboa: Tinta-da-china, 2010

PERROT, Michelle *Uma História das Mulheres*. Lisboa, Asa, 2007

Organização das Mulheres Comunistas (org.), *Clara Zetkin e a Luta das Mulheres. Uma atitude inconformada, um percurso coerente*, Lisboa: Edições Avante!, 2007



RAMALHO, Maria Irene, “O feminismo como filosofia: introdução ao pensamento de Rosi Braidotti”, in UNIPOP (org.), *Pensamento Crítico Contemporâneo*, Lisboa: Edições 70, 2014, pp.124-143

RAMOS, Rui, “Uma democracia europeia (desde 1976) ”, in *História de Portugal*, Lisboa: Esfera dos Livros, 2010, pp. 747-773

REIS, António (coord.) *Portugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994

RIBEIRO, António Pinto, “Artes sem Revolução”, in BRITO, J. M. Brandão de (coord.), *Revolução e Democracia. II. O país em Revolução*, Lisboa: Editorial Notícias, 2001, pp. 309-320

SCOTT, Joan, *Gender and the Politics of History*, NewYork: Columbia University Press, 1988

SEABRA, Zita, *Foi Assim*, Lisboa: Alêtheia Editores, 2007

TAVARES Manuela, *Movimentos de Mulheres em Portugal – décadas de 70 e 80*, Lisboa, Horizonte, 2000

\_\_\_\_\_, *Feminismos: Percursos e Desafios (1947-2007)*, Alfragide: Texto Editores, 2011

TELO, António José, “Sociedade e Mentalidades (1974-2006)”, in *História Contemporânea de Portugal: do 25 de Abril à actualidade*, vol.1, Lisboa, Presença, 2008, pp.307-384

TRINDADE, Luís, «Um PA e uma Fender», in Revista *Imprópria*, nº3, Lisboa: Tinta-da-China, 2013

\_\_\_\_\_, «Os 3 Ds da Derrota Revolucionária: Despolitização, desideologização, desmobilização», in *Revista Vírus*, nº5, 2014

VICENTE, Filipa Lowndes, *A Arte sem História. Mulheres e cultura artística: séculos XVI-XX*, Lisboa: Athena, 2012

WEEKS, Kathi, *The Problem with Work. Feminism, Marxism, Antiwork Politics, and Postwork Imaginaries*, Duke University Press, 2011 [pdf extraído da internet]

### **Publicações online:**

ARAÚJO, António, “A política de direita em Portugal”, blogue *Malomil*. Consulta aqui: <http://malomil.blogspot.pt/2014/01/a-direita-portuguesa-contemporanea.html>

«A Emancipação da Mulher no Portugal de Abril» (documento aprovado na Conferência), 15 de Novembro de 1986, Lisboa: edição da SIP do PCP. Consulta aqui: <http://www.pcp.pt/confer%C3%A2ncia-nacional-do-pcp-sobre-%C2%BAba-emancipa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-no-portugal-de-abril%C2%BB>

CUNHA, Laura, “Clara Zetkin e a luta contra a guerra”, in Revista *O Militante*, nº 293, 2008. Consulta aqui: <http://www.omilitante.pcp.pt/pt/293/Mulheres/211/>

SCHOLZ, Roswitha, “Sobre la relación de género y trabajo en el feminismo”. Consulta aqui: <http://obeco.planetaclix.pt/rst.htm>

*40 anos de MDM. Uma história com futuro*, MDM, 2009. Consulta aqui: [http://www.mdm.org.pt/?page\\_id=1306&documentId=140226102038-3adb1c9fe1a42ad04261a675b568f5af&title=Livro+40+Anos+MDM#issuupress](http://www.mdm.org.pt/?page_id=1306&documentId=140226102038-3adb1c9fe1a42ad04261a675b568f5af&title=Livro+40+Anos+MDM#issuupress)

### **Documentos audiovisuais:**

BARRETO, António, *Portugal, Um Retrato Social*, (7 episódios), 2007 [disponível no sítio da internet: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)]

NATIONAL GEOGRAPHIC, *Os Anos 80*, (10 episódios) [visualizado na RTP2]

FERNANDES, Jaime (dir.), CALLIXTO, J.C., TELES, Viriato, PAIVA, Paula (prod.), *Estranha Forma de Vida – Uma História da Música Popular Portuguesa*, (26 episódios), 2011 [disponível no sítio da internet: [www.youtube.com](http://www.youtube.com)]

## Lista de Figuras

	página
Figura 1: Capa do primeiro número. <i>Mulheres</i> , nº 1, Maio de 1978 .....	I
Figura 2: Capa. <i>Mulheres</i> , nº87, Julho de 1976 .....	I
Figura 3: Publicidade ao Espaço Mulheres. <i>Mulheres</i> , nº 101, Setembro de 1986 .....	II
Figura 4: Publicidade ao Espaço Mulheres. <i>Mulheres</i> , nº 101, Setembro de 1986 .....	II
Figura 5: Secção <i>cartoon</i> , «Rosa». <i>Mulheres</i> , nº5, Setembro de 1978 .....	III
Figura 6: Secção <i>cartoon</i> , «Rosa». <i>Mulheres</i> , nº12, Abril de 1979 .....	III
Figura 7: Secção <i>cartoon</i> , «Rosa». <i>Mulheres</i> , nº10, Fevereiro de 1979 .....	IV
Figura 8: Secção de banda desenhada, «Rita e Camila». <i>Mulheres</i> , nº 2, Junho de 1978 .....	V
Figura 9: Campanha de assinaturas. <i>Mulheres</i> , nº 12, Abril de 1979 .....	VI
Figura 10: Secção de banda desenhada, «Rita e Camila». <i>Mulheres</i> , nº1, Maio de 1978 .....	VII
Figura 11: Capa. <i>Mulheres</i> , nº101, Setembro de 1986 .....	VII
Figura 12: Secção de humor. <i>Mulheres</i> , nº101, Setembro de 1986 .....	VIII
Figura 13: Secção <i>cartoon</i> , «Os machos». <i>Mulheres</i> , nº100, Agosto de 1986 .....	IX
Figura 14: Secção de humor. (Original da revista italiana <i>Noi Donne</i> ). <i>Mulheres</i> , nº100, Agosto de 1986 .....	X
Figura 15: Capa. <i>Mulheres Magazine</i> , 2ª série, nº1, Novembro de 1989 .....	XI
Figura 16: Capa. <i>Mulheres Magazine</i> , 2ª série, nº7, Maio de 1990 .....	XI
Figura 17: Convite para festa de aniversário da revista. Cedido por Helena Neves .....	XII
Figura 18: Convite para festa de aniversário da revista. Cedido por Helena Neves .....	XII
Figura 19: Diploma da revista. Cedido por Helena Neves .....	XII
Figura 20: Inquérito de verão. <i>Mulheres</i> , nº100, Agosto de 1986 .....	XIII

Figura 21: Inquérito de verão. Mulheres, nº100, Agosto de 1986 .....	XIII
Figura 22: Inquérito de verão. Mulheres, nº100, Agosto de 1986 .....	XIV
Figura 23: Inquérito de verão. Mulheres, nº100, Agosto de 1986 .....	XIV
Figura 24: Inquérito de verão. Mulheres, nº112, Agosto de 1987 .....	XV
Figura 25: Inquérito de verão. Mulheres, nº112, Agosto de 1987 .....	XV
Figura 26: Folheto de apresentação de Espaço-Mulheres. Cedido por Helena Neves .....	XVI
Figura 27: Folheto de apresentação de Espaço-Mulheres. Cedido por Helena Neves .....	XVII
Figura 28: «Ser dona-de-casa é...». Mulheres, nº 14, Junho de 1979 .....	XVIII
Figura 29: «Ser dona-de-casa é...». Mulheres, nº 14, Junho de 1979 .....	XIX

## **Lista de Siglas Utilizadas**

CCF – Comissão da Condição Feminina  
CDS-PP – Centro Democrático Social- Partido Popular  
CNAC – Campanha Nacional pelo Aborto e Contracepção  
FDIM – Federação Democrática Internacional das Mulheres  
GRAAL – Movimento Internacional de Mulheres Cristãs  
IDM – Informação/ Documentação/Mulheres  
MDM – Movimento Democrático de Mulheres  
MLM – Movimento de Libertação das Mulheres  
ONG – Organizações Não-Governamentais  
PCP – Partido Comunista Português  
PPD – Partido Popular Democrático  
PS – Partido Socialista  
UDP – União Democrática Popular  
UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas